



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

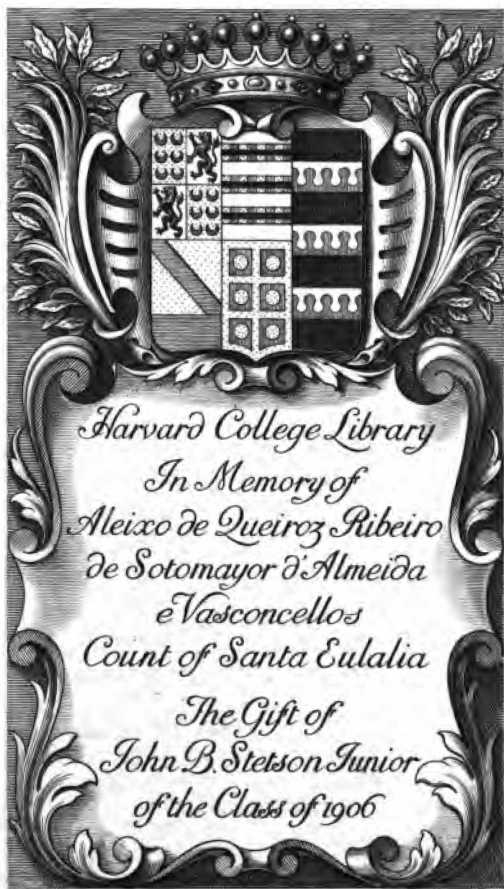
We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

Port 6176.9



J. J. Hastings Jr.

1906





Logo da morte - Him. do Amor
Lamento - Suite - Lacrima Rerum
(1844 - 1845)

1847; a parte no sexto a ordem da obra
em ordem alfabética. OS

SONETOS

34

COMPLETOS

DE

ANTHERO DE QUENTAL

publicados por

J. P. OLIVEIRA MARTINS

*Segunda edição, augmentada com um appendice contendo traducções
em allemão, francez, italiano e hespanhol.*



PORTO

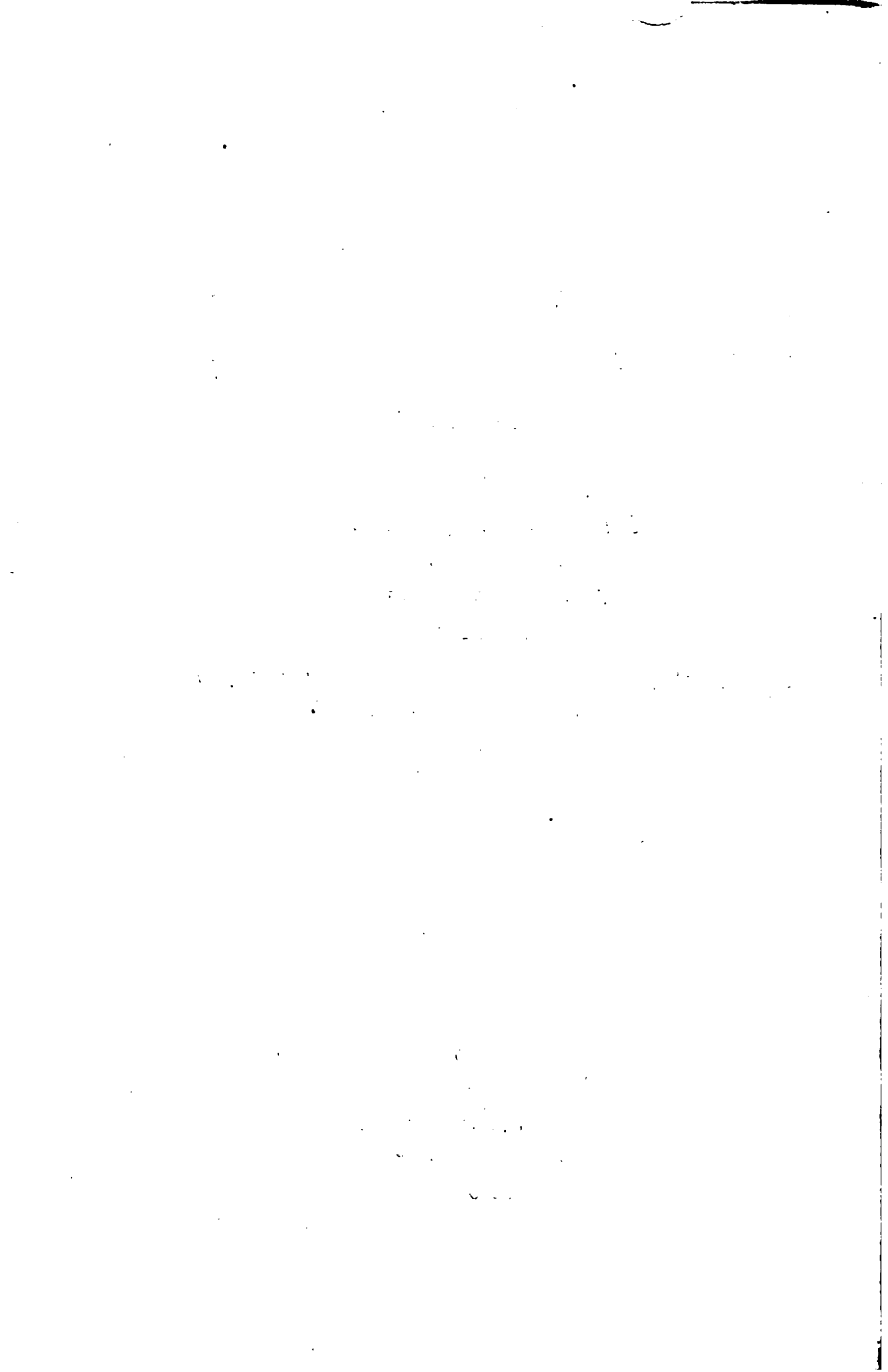
LIVRARIA PORTUENSE

DE

LOPES & C.^{as} - EDITORES

119, Rua do Almada, 123

1890



Port 6176.9
✓

25 Sep., 1922



PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

80, Rua da Fabrica, 80

ADVERTENCIA DOS EDITORES

Reimprimindo em edição menos luxuosa os Sonetos do snr. Anthero de Quental, cuja primeira edição se acha esgotada, pareceu-nos que augmentariamos ainda o interesse d'esta obra, que tão favoravel acolhimento encontrou no publico, juntando-lhe agora em appendice as traducções de grande numero de sonetos, feitas em allemão, italiano, hespanhol e francez, e sobre as quaes daremos aqui uma breve noticia.

As traducções allemans são todas do snr. Guilherme Storck, professor de litteratura na Universidade de Munster e verdadeiro benemerito das letras portuguezas, como traductor consciencioso e elegantissimo das obras completas de Camões e auctor de varios trabalhos criticos sobre a nossa historia litteraria. Do nosso

poeta traduziu o snr. Storck 78 sonetos, que appareceram em volume, em Munster, no anno de 1887, com o titulo: *Anthero de Quental: ausgewählte Sonette, aus dem Portugiesischen verdeutscht von Wilhelm Storck*. Pareceu-nos que seria excessivo reproduzir todas essas 78 traducções e limitámo-nos a escolher um certo numero de entre ellas, preferindo as d'aquelles sonetos que igualmente se acham traduzidos nas outras linguas, de modo que os curiosos possam fazer a comparação das differentes versões. Das traducções italianas, duas são do snr Emilio Teza, insigne philologo e professor de litteratura antiga em Genova. Foram impressas no 1.º numero (do 1.º de Janeiro de 1888) da *Revista Contemporanea*, que se publica em Florença sob a direcção do snr. Angelo de Gubernatis. Dois outros sonetos foram traduzidos pelo snr. Marco Antonio Canini e por elle publicados, um no 1.º outro no 4.º volume da sua monumental anthologia *Libro del Amore*, impressa em Veneza. Cinco outros sonetos foram postos em italiano pelo snr. José Cellini, pintor e poeta distincto que ultimamente tem residido entre nós. As restantes traducções italianas são devidas á penna d'um dos mais talentosos representantes da actual geração litteraria italiana, o

snr. Thomaz Cannizzaro, de Messina. Ineditas até agora, consentiu o illustre poeta siciliano, a quem estreita amizade liga de ha muito ao auctor dos *Sonetos*, em que fossem pela primeira vez publicadas n'esta nossa edição. Quanto ás traducções francezas, são ellas já bem conhecidas do nosso publico, pois sahiram da penna brilhante do snr. Fernando Leal, poeta original em duas linguas e em ambas traductor de raro merito, e foram incluidas no seu volume *Relampagos*, publicado em 1888. Em hespanhol publicamos seis sonetos, traduzidos pelo snr. Manoel Curros Henriquez, cujo nome bem dispensa qualquer commentario, conhecido e estimado como é em Portugal pelo seu admiravel volume de versos em dialecto gallego *Aires d'a miña terra*, que o tornou quasi um dos nossos. Outros dois sonetos traduziu tambem em hespanhol o snr. Baldomero Escobar, poeta e publicista de bons creditos no seu paiz. Finalmente, pareceunos que poderiamos ainda juntar aqui as traducções de outras poesias, que, embora não façam parte da collecção dos *Sonetos*, foram incluidas n'este volume pelo snr. Oliveira Martins, que as publicou em seguida á sua Introducção. A traducção franceza do snr. Fernando Leal faz parte do seu volume *Relampagos*, a que já nos referi-

mos. A italiana do snr. Cannizzaro appareceu na Revista de Trieste *Pro Patria*, em Abril de 1889. A traducção hespanhola é do snr. Baldo-
mero Escobar: sahiu n'um jornal de Madrid, cujo titulo ignoramos, e transcreveu-a a *Pro-
vincia* no seu numero de 6 de Novembro de 1889. A outra traducção italiana é do snr. Cel-
lini, já acima nomeado.

Juntando á presente edição esta pequena anthologia de traducções, tivemos em vista satisfazer a natural curiosidade do publico que estima os versos do snr. Anthero de Quental, ao mesmo tempo que registramos com prazer esta rara prova do apreço em que são tidas, fóra do paiz, as composições d'um dos nossos escriptores.

Com excepção do apendice, sai a presente edição em tudo conforme á anterior.

ESCREVENDO estas breves paginas á frente dos *Sonetos* de Anthero de Quental tenho a satisfação intima de cumprir o dever de tornar conhecida do publico a figura talvez mais caracteristica do mundo litterario portuguez, e decerto aquella sobre que a lenda mais tem trabalhado. Estou certo, absolutamente certo, de que este livro, embora sem écco no espirito vulgar que faz reputações e dá popularidade, ha-de encontrar um acolhimento amoroso em todas as almas de eleição, e durar emquanto houver corações afflictos, e emquanto se fallar a linguagem portugueza.

Procurarei, no que vou dizer, guardar para mim aquillo que ao publico não interessa: a viva amizade, a estreita communhão de sentimentos, o affecto quasi fraterno que ha perto de vinte annos nos une, ao poeta e ao seu critico de hoje, fazendo da vida de ambos como que uma unica alma, misturando invariavelmente as nossas breves alegrias, muitas vezes as nossas lagrimas,

sempre as nossas dores e os nossos entusiasmos ou o nosso desalento.

Discutindo em permanencia, discordando frequentemente, ralhando a miudo, zangando-nos ás vezes e abraçando-nos sempre: assim tem decorrido para nós perto de vinte annos. Mas o leitor é que nada tem que vêr com esses casos particulares, nem com o abraço que trocámos no dia em que primeiro nos conhecemos e que só terminará n'aquelle em que um de nós, ou ambos nós, formos descansar para sempre sob meia duzia de pás de terra fria.

I

Eu não conheço phisionomia mais difficil de desenhar, porque nunca vi natureza mais complexamente bem dotada. Se fosse possivel desdobrar um homem, como quem desdobra os fios de um cabo, Anthero de Quental dava *alma* para uma familia inteira. É sabidamente um poeta na mais elevada expressão da palavra; mas ao mesmo tempo é a intelligencia mais critica, o instincto mais pratico, a sagacidade mais lucida, que eu conheço. É um poeta que sente, mas é um raciocinio que pensa. Pensa o que sente; sente o que pensa.

Inventa e critica. Depois, por um movimento reflexo da intelligencia, dá corpo ao que criticou, e raciocina o que imaginou. — O seu temperamento apresenta um contraste correlativo: é meigo como uma creança, sensitivo como uma mulher nervosa, mas intermittenemente é duro e violento.

É fraco, portanto? Não. A vontade, em obediencia á qual, e com esforço, se faz colerico, fal-o tambem forte — d'essa força persistente, raciocinada e na apparencia placida, como a superficie do mar em dias de bonança. O Oceano, porém, é interiormente agitado pelo *gulf stream* quente e invisivel: tambem ás vezes a placidez extrema da sua face encobre ondas de afflicção que sobem até aos olhos e rebentam em lagrimas ardentes. Sabe chorar, como todo o homem digno da humanidade.

É d'estas crises que nasceram os seus versos, porque Anthero de Quental não *faz* versos á maneira dos litteratos: nascem-lhe, brotam-lhe da alma como soluços e agonias. Mas, apesar d'isso, é requintado e exigente como um artista: as suas lagrimas hão de ter o contôrno de perolas, os seus gemidos hão de ser musicaes. As faculdades artisticas geradoras da estatuaria e da symphonia são as que vibram na sua alma

esthetica. A noção das fórmãs, das linhas e dos sons, possue-a n'um gráo eminente: não já assim a da côr nem a da *composição*. Aos quadros chama *paineis* com desdem, e por isso mesmo tem horror é descripção e ao pittoresco. E' artista, no que a arte contém de mais subjectivo. A sua poesia é esculptural e hieratica, e por isso phantastica. É exclusivamente psychologica e dantesca: não pode pintar, nem descrever: acha isso inferior e quasi indigno.

Os seus versos são sentidos, são *vividôs* como nenhuns mas o sentir e o viver d'este homem é de uma natureza especial que tem por fronteiras phisicas as paredes do seu craneo, mas que não tem fronteiras no mundo real, porque a sua imaginação paira librada nas azas de uma razão especulativa para a qual não ha limites.

O poeta é por isso um mystico, e o critico um philosopho. O mysticismo e a metaphisica, o sentimento e a razão, a sensibilidade e a vontade, o temperamento e a intelligencia, combatem-se, ás vezes dilacerando-se. Eis ahi a explicação d'esta poesia que é o retrato vivo do homem. O genio, esse *quid* divinatorio, que não é honra para nenhuma creatura possuir, porque só nos dá merecimento aquillo que ganhámos

á força de intelligencia e de vontade: o genio, que é uma faculdade tão accidental como a côr dos cabellos, ou o desenho das feições: o genio, que pode andar ligado a uma intelligencia mediocre, mas que o não anda no caso de Anthero de Quental—é o predicado particular e á chave do enyigma d'este homem. O genio presuppõe a intuição de uma verdade visceral ou fundamental da natureza. Essa intuição, essa aspiração absorvente, é para o nosso poeta a synthese da verdade racional ou positiva e do sentimento mystico: uma poesia que exprima o raciocinio, ou antes uma philosophia onde caibam todas as suas visões. O proprio do genio é querer realisar o irrealisavel; é ser chimerico, no sentido critico da palavra, quando por chimera entendemos uma verdade essencial que não pode todavia reduzir-se a formulas comprehensíveis, ou uma cousa cuja realidade se sente, sem se poder ver.

Dos aspectos quasi inexgotavelmente variaveis d'esta singular phisionomia de homem, d'esta mistura excepcional de pensamentos e de temperamento n'um mesmo individuo, resulta porém um typo de sinceridade e de rectidão mais singular ainda, porque mais facilmente podia resultar d'ella um grande cynico. É sobre-

tudo um stoico, sem deixar de ter bastante de sceptico; é um mystico, mas com uma forte dose de ironia e humorismo; é um mysanthropo, quando não é o homem do trato mais affavel, da convivencia mais alegre; é um pessimista, que todavia acha em geral tudo optimo. Intellectualmente é a phisionomia mais dubia, complexa e contradictoria por vezes; moralmente é o character mais inteiro e melhor que existe. A sua intelligencia encontra-se permanentemente no estado de alguém que, querendo ir para um sitio, resiste por não querer ao mesmo tempo, sem todavia ter razões bastantes para querer nem tambem para não querer. O nucleo da sua personalidade, se a encaramos pelo lado praticamente humano, está na energia do seu querer moral, e não na lucidez do seu pensamento; embora tenha a pretensão de julgar que a sua vontade obedece sempre á sua razão. É verdade que dentro de si tem permanentemente um espelho facetado que representa e critica as modalidades do seu pensamento; mas, por isso mesmo, vê ou inventa faces de mais ás cousas, e tambem por vezes o cristal embacia. O que nunca esmorece é a bondade luminosa da sua alma. É um homem fundamentalmente bom.

A complexidade do seu espirito dá-lhe uma

variedade de aptidões singular. Conversador como poucos, facil, espontaneo, original e suggestivo, ironico, humorista, espirituoso, descendo até á propria *charge*, não ha ninguem como elle para soltar o carro da sua phantasia critica na ladeira de uma these; e, explorando-a em todos os sentipos, architectar uma theoria. Os seus opusculos em prosa (da melhor prosa portugueza d'este tempo) têm em geral este character. São logicos, são bem deduzidos — sem serem sufficientemente pensados. São fructos da imaginação; são conversas escriptas, d'essas conversas que durante horas seduzem os que o ouvem — porque é um *charmeur*.

Elle proprio se embriaga, não com as suas palavras, mas sim com aquella theoria passageira que inventou *ad hoc*, e, quando alguém lhe objecta um pequeno senão, todavia essencial ao seu edificio logico, resiste, defende-se, irrita-se ás vezes, mas por fim é elle proprio que, com um dito, desfaz toda a construcção. Seria um orador, um jornalista de primeira ordem, se não tomasse apenas a sério a sua missão de poeta, ou antes philósopho.

Depois de tudo isso dirão pessoas pouco dadas ao estudo do animal homem que Anthero de Quental é um assombro. Longe d'isso. A

sua força é a prodigalidade com que a natureza dotou o seu espirito: mas essa força é uma fraqueza. Tem demasiada imaginação para ver bem, e por outro lado o raciocínio crítico peia-lhe os vãos luminosos de phantasia. Vê de mais para poder ser activo, ou não tem a energia correspondente á sua visão. Se a tivesse, seria verdadeiramente um assombro. A imaginação e a razão, irreductiveis nos cerebros humanos com as circumvoluções limitadas que contém, são igualmente poderosas no seu cerebro para que qualquer d'ellas domine. Luctam em permanencia, procurando entender-se, combinar-se, penetrar-se, e, no desejo chimerico da synthese, desequilibram o homem, atrophinando-lhe a energia activa. Ainda assim, felizes d'aquelles cuja inercia dêsse um livro comparavel a este!

Mas é que as suas paginas foram escriptas com sangue e lagrimas! E doe ver a vida do mais bello espirito consumir-se em agonias de uma alma em lucta consigo mesmo! O commum da gente, ao ler as paginas d'este volume dirá então: Quantas catastrophes, que desgraças, este homem soffreu! que singular hostilidade do mundo para com uma creatura humana!— E todavia o mundo nunca lhe foi propriamente hostil, nenhuma desgraça o acabou;

a sua vida tem corrido serena, placida, e até para o geral da gente em condições de felicidade.

É que o geral da gente não sabe que as tempestades da imaginação são as mais duras de passar! Não ha dores tão agudas como as dores imaginarias. Não ha problemas mais dificeis do que os problemas do pensamento, nem crises mais dolorosas do que as crises do sentimento. As agonias dilacerantes da morte com as ancias do stretor, os horrores mais inverosimeis dos crimes monstruosos, as afflicções mais pungentes da saudade, as tristezas mais dolorosas da solidão, as luctas do dever com a paixão, os gritos do homem arruinado, os ais da orphandade faminta . . . tudo, tudo, quanto no mundo pode haver de doloroso, desde a miseria até á prostituição, desde o andrajo até ao velludo arrastado pela immundicie, desde o cardo que dilacera os pés até ao punhal que rasga o coração: tudo isso é menos, do que a agonia de um poeta vendo passar deante de si, em turbilhão medonho, as lugubres miserias do mundo. Todas as afflicções têm o seu quê de imaginativas, e por isso ha apenas uma especie de homens que não sentem: são os cynicos,

esses que perderam os nervos da moralidade, os anestesiados do sentimento.

Quando se é poeta como Anthero de Quental, a imaginação exacerbada vibra como as harpas que os gregos expunham ás virações da brisa nos ramos das arvores. Nenhum dedo lhes feria as cordas, e todavia tocavam! Nenhuma d'essas desgraças do mundo feriu a harpa da vida do poeta; e todavia essa harpa geme e chora, soluça e grita, porque pelas suas cordas passa o vento agreste das idéas, passa o écco ullulante do egoismo dos homens, afflictivo como os uivos de uma alcateia de lobos famintos.

II

Esta collecção de Sonetos é, portanto, ao mesmo tempo biographica e cyclica. Conta-nos as tempestades de um espirito; mas essas tempestades não são os quaesquer episodios particulares de uma vida de homem: são a refração das agonias Moraes do nosso tempo, vividas, porem, da imaginação de um poeta.

O primeiro periodo, de 1860-2, contém em embryão todos os successivos, da mesma fórma que as flores incluem em si a substancia dos fructos. Denuncia uma alma sensivel, mas pa-

tenteia já a preocupação metaphisica na sua phase rudimentar de duvida theologica, e apresenta uns assomos de tristeza que são como os farrapos de nuvens quando velam intermitten-temente o sol, deixando antever a tempestade para o dia seguinte. Estes primeiros sonetos são o balbuciar de uma creança. Romantica? De modo nenhum. Este poeta não se filia em escolhas, não obedece a correntes litterarias: a sua poesia é exclusivamente pessoal. Succedia, porem, que n'esse tempo já os nossos bardos classicamente romanticos tinham passado de moda; e a Coimbra chegavam por via de Paris os éccos do espirito novo, expresso nas obras de Michelet, de Quinet, de Vera-Hegel, etc.

Tudo isso fermentava no cerebro de Anthero de Quental, mas a sua personalidade não se deixava absorver pelo optimismo que, depois dos romanticos, se espalhou na Europa, lyricamente ingenuo no Occidente afrancezado, systematicamente philosophico na Allemanha hegeliana. Schopenhauer, ninguem o lia. Não era moda. Pois foi essa corrente, dominante hoje, aquella em que o nosso poeta, espontaneamente, por um movimento do seu temperamento, se achou levado. Aos dezoito ou vinte annos, ignorante ainda, mas inquieto e perscrutador,

o poeta que desdenha sinceramente da fama e da gloria, vê no eterno feminino de que nos falla Goethe a synthese da existencia. Os seus amores já são phantasticos: só tem realidade no ceu.

Alli, ó lyrio dos celestes valles,
Tendo seu fim, terão o seu começo,
Para não mais findar, nossos amores.

E se ainda o dia, a luz, o sol *esposo amado*, têm o condão de o encher de entusiasmo, é mister desconfiar de um homem mais caprichoso do que todas as mulheres, porque

Pedindo á forma, em vão, a ideia pura
Tropeço, em sombras, na materia dura
E encontro a imperfeição de quanto existe.

Esta nota é mais constitucionalmente verdadeira. «Seja a terra degredo, o ceu destino» diz n'um ponto: e n'outro:

Minha alma, ó Deus, a outros ceus aspira:
Se um momento a prendeu mortal belleza
É pela eterna patria que suspira...

Não acreditemos tambem demasiadamente

n'isto, porque Deus não passa ainda de uma interrogação:

Pura essencia das lagrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! Se és verdade,
Descobre-te, visão, no ceu ao menos!

As luctas infantis d'este primeiro periodo para saber se Deus é ou não é verdade, bastam, em si mesmo e no proprio modo por que estão expressas, para nos mostrar que o poeta não saiu ainda das espheras da representação elementar dos seres, para a esphera comprehensiva das abstracções racionaes. Os sonetos d'esta primeira serie desenrolam-se no terreno da phantasmagoria transcendente. O traço mais seguro de todos e o mais significativo está n'este verso:

Que sempre o mal peor é ter nascido.

A segunda serie tem a data de 1862-6. Psychologicamente é a menos original, artisticamente é a mais brilhante. O *Sonho oriental*, o *Idyllio*, o *Palacio da Ventura*, são obras primas, até de colorido. Talvez por isso mesmo que o estado de espirito do poeta o não obrigava a tirar tanto de si, e porque n'esta epocha viveu mais á lei da natureza; talvez por isso mesmo a

sentiu e pintou melhor nas suas côres, nas suas imagens.

A nebulose do primeiro periodo começava a resolvêr-se n'uma tragedia mental, que umas vezes tem os sonhos dos que mastigam haschich, outras vezes furias de desespero, ironias como punhaes e gritos lancinantes:

Se nada ha que me aqueça esta frieza,
Se estou cheio de fel e de tristeza,
É de crer que só eu seja o culpado.

Meu pobre amigo, como foi amarga esta epocha! Outros soffreram tambem, outros penaram eguaes dores, sem conseguirem porem estrangular os monstros que defendem os áditos do templo da Sabedoria. Heine e Espronceda, Nerval e Baudelaire viveram vidas inteiras n'esse estado de ironia e de sarcasmo, de desespero e de raiva, de orgia e de abatimento, de furia e de atonia, que para ti representam quatro annos apenas!

Mas é que não havia em nenhum d'esses homens a semente de abstracção que se descobre no *Palacio da Ventura*:

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silencio e escuridão — e nada mais!

Os românticos, mais ou menos satanistas ou satanisados, ficavam-se por aqui. Achando apenas silencio e escuridão onde tinham sonhado venturas, ou davam em bebados como Espronceda, ou suicidavam-se como Nerval, ou faziam-se cynicos, á maneira de Baudelaire, cultivando com amor as *Flores do Mal*.

De 1864 a 74, n'esses dez annos em que a tempestade caminha, vê-se a onda negra da desolação espriar-se; vê-se o «silencio e a escuridão» que antes surgiam como surpresas medonhas, ganharem um logar apropriado, embora eminente, no regimen das cousas; vê-se o espirito do philosopho reagir sobre o temperamento do poeta, e tornar-se systema o que até ahi era furia. Bom prenuncio.

N'esta epocha Anthero de Quental é nihilista como philosopho, anarchista como politico; é tudo o que fôr negativo, é tudo o que fôr excessivo; e é-o de um modo tão terminante, tão dogmatico e tão affirmativo, que por isso mesmo hesitamos em crer na consciencia com que o é. Da sinceridade não é licito duvidar, mas contra a segurança depõe a propria violencia. A nevrose contemporanea, que produzira n'elle a terceira epocha, dá de si ainda á quarta; mas se pode galgar a saltos por entre a floresta incen-

diada que devorou e consumiu os satanicos, não poderá tambem sair da steppe lugubre onde apodrecem os pessimistas, embriagados na negação universal, sem se lembrarem de que são contradictorios no proprio facto de pré-garem o que quer que seja?

Ora a isto responde esta propria serie, porque, ao lado dos sonetos crepuscularmente desolados, levantam-se como auroras os sonetos stoicos. Para curar o poeta da vertigem satanica serviu-lhe a metaphisica pessimista; para o curar mais tarde d'essa metaphisica, servir-lhe-ha a reacção do sentimento moral sobre a razão especulativa. Quando pede *Mais luz*, quando chama ao sol «O claro sol amigo dos heroes», quando define a *Idéa* acabando por estes versos diamantinos:

A Idéa, o Summo bem, o Verbo, a Essencia
Só se revela aos homens e ás nações
No ceu incorruptivel da Consciencia!

sentimo-nos bem distantes das phantasmagorias do principio e das loucuras da viagem, que todavia o poeta não terminou ainda.

Luctando furioso contra a desillusão, caindo esmagado pelo aniquilamento, Anthero de Quental *ensimismou-se* (para usar de uma feliz expres-

são hespanhola) metteu-se dentro de si, a sós consigo, apelou para as energias do seu instincto de homem, e foi isso o que lhe inspirou o bello *Hymno á Razão*.

Porem na lucta entre o temperamento de stoico e a imaginação metaphisica, o seu espirito attribulado não conseguiu manter o equilibrio, porque as suas exigencias de critico e philosopho (alimentadas agora por leituras variadissimas e profundas) contrariavam ou contradiziam as suas vizões de poeta. Á maneira que a intelligencia se lhe cultivava, que o saber lhe crescia, que a experiencia o educava com mais de um caso doloroso ou apenas triste — apurava-se-lhe a imaginação até ao ponto de ver claramente o que para o commum dos espiritos são apenas concepções do entendimento abstracto. A sua poesia despe-se então de accessorios: não ha quasi uma imagem; apenas linhas, mas essas linhas de estatuas incorporeas tem uma nitidez dantesca.

O seu pessimismo torna-se systematico: é uma philosophia inteira, a que corresponde, como expressão sentimental, a ironia transcendente. Na *Disputa em Familia*, Deus responde aos atheus:

Muito antes de nascerem vossos paes
D'um barro vil, ridiculas creanças,
Sabia eu tudo isso . . . e muito mais!

No *Inconsciente*, este heroe metaphisico, diz
assim :

Chamam-me Deus ha mais de dez mil annos . . .
Mas eu por mim não sei como me chamo.

Na *Divina Comedia* os homens queixam-se
aos deuses do que soffrem, invectivando-os pe-
los terem creado

Mas os deuses com voz ainda mais triste
Dizem : — Homens! porque é que nos creastes ?

Como se vê, houve um progresso. No pe-
riodo anterior a negação era violenta e termi-
nante ; agora tem como expressão a ironia que
é uma das formas conhecidas do saber, e uma
das linguagens da verdade. Eis ahí o que a
reacção moral conseguiu, acompanhada pelo es-
clarecimento da razão, da intelligencia e do conhe-
cimento. O antigo poeta satânico, transformado
em um nihilista, vemol-o agora na pelle de um
pessimista systematico, sorrindo já bondosamen-
te, com a ironia n'esses proprios labios que,

primeiro cobertos de espuma, depois nos appareciam brancos de agonias.

Não tinha eu razão para chamar cyclica a esta collecção de sonetos? Não tem sido este o movimento das idéas, a evolução do pensamento creador na segunda metade do nosso seculo?

Quando escreveu o primeiro soneto da quarta série (1880-4)

Já socega, depois de tanta lucta,
Já me descança em paz o coração...

Anthero de Quental resolveu destruir todas as suas poesias *lugubres*. Sentia remorsos por alguma vez ter estado n'uma disposição de animo que agora considerava com horror. Entendia que esses versos tetricos não podiam consolar ninguém e fariam mal a muita gente. Destruiu-os, pois, com aquella violencia propria de um caracter intermittentemente meigo e frenetico como o de uma mulher. D'esse naufragio onde se perderam verdadeiras obras-primas, salvei eu as poesias que vão no fim d'este ensaio; e salvei-as porque as possuia entre os originaes remettidos em cartas, e mais de uma vez como texto de noticias do estado do seu espirito, ou cartas rimadas.

Que especie de paz era porem essa em que o seu coração descansava? Era o *Nirvâna*:

E quando o pensamento, assim absorto,
Emerge a custo d'esse mundo morto
E torna a olhar as cousas naturaes,

À bella luz da vida, ampla, infinita
Só vê com tedio em tudo quanto fita
A illusão e o vasio universaes.

O Nirvâna é o ceu do buddhismo, a religião mais philosophica e menos phantasmagorica inventada pelos homens. É por este motivo que o buddhismo attrae hoje em dia todos os espiritos a um tempo racionalistas e mysticos, d'esta epocha em tudo semelhante á alexandrina, menos no volume do saber positivo que já se não compadece com muitas das theorias sobre que os néoplatonicos especulavam. A theoria da Substancia levou-os a elles a uma concepção do Ser que produziu o mytho do Verbo christão, encarnado popularmente em Jesus Christo. Ora hoje tudo isso vale apenas como documento historico, e, por paradoxal que isto pareça, o Não-Ser é, segundo a metaphisica contemporanea, a essencia de tudo o que existe. O Absoluto é o Nada. O Universo, a realidade inteira, são modalida-

des, aspectos fugitivos, que só se tornam verdades racionais quando nos apparecem despidas de todos os accidentes. E como é pelos accidentes apenas que nós, distinguindo-as, as conhecemos, a realidade verdadeiramente em si é Nada.

Religiosamente, Nada é igual a Nirvâna; e o buddhismo é a unica religião que attingiu esta conclusão, summaria do pensamento scientifico moderno. O Nirvâna é esse estado em que os seres, despindo-se de todas as suas modalidades e accidentes, de todas as condições de realidade, condições que os limitam distinguindo-os entre si, adquirem a não-realidade (o não-contingente) e com ella a existencia absoluta e a absoluta liberdade. Essa liberdade é o typo e a essencia da vida espiritual; e o Nirvâna, puro Não-Ser para a intelligencia, é, para o sentimento moral, o symbolo e o vehiculo de toda a perfeição e virtude: radicalmente negativo na esphera da razão, é, na esphera do sentimento, absolutamente affirmativo. O pessimismo torna-se d'esta fórma um optimismo gigantesco; toda a inercia é condemnada, e o systema das cousas, agitando-se, movendo-se na direcção do aniquilamento final, move-se e agita-se no sentido de uma liberdade evolutivamente progres-

siva até atingir a plenitude. O Universo é uma grande vida que tem, no termo, o termo de todas as vidas — a morte, idealizada agora e tornada luminosa e apetecível por essa idealização.

Leiam-se os dois sonetos *Redenção*, talvez os mais bellos de todo o livro, e comprehender-se-ha melhor o que fica dito. Leia-se o *Elogio da morte*

Dormirei no teu seio inalteravel,
Na communhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolavel!

e ver-se-ha quanto estamos longe do desespero tragico de outros annos. A tempestade acalmou.

Na esphera do invisivel, do intangivel,
Sobre desertos, vacuo, soledade,
Vôa e paira o espirito impassivel

presidindo á evolução dos seres (V. o soneto *Evolução*) desde a rocha até ao homem, evolução que seria absolutamente inexpressiva se não tivesse um destino, um fim, um ideal. A theoria do progresso indefinido é, com effeito, racionalmente absurda. Esse destino, para os neo-

buddhistas, é o Nada transcendente; esse ideal é a Liberdade. A existencia está pois consagrada racionalmente: falta consagral-a sentimentalmente. Falta ainda ao systema um medianeiro: é o Amor.

Porém o coração feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: D'esta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi de mais o desengano e a dor.

O Universo está pois construido e sanctificado na mente do poeta e na razão do philosopho. Dir-se-ha portanto que a chimera de que a principio fallámos ficou desvendada, o problema resolvido, conciliada a visão com a razão, e que nos não resta mais do que fazermos-nos todos buddhistas? Suprema illusão! Creia-o embora o poeta: eu, como critico, observando que o pensamento humano, desde que existe e trabalha, progride sempre, com effeito, mas progride em tres estradas parallelas, que, por serem parallelas, nunca podem encontrar-se, atrevo-me a affirmar a irreductibilidade do mysticismo, racional ou

imaginativamente concebido, e do naturalismo, ponderada ou orgiacamente realizado. Atrevo-me a dizer que estes dois feitios ou temperamentos são constitucionaes do espirito humano, e que da coexistencia necessaria d'elles resulta um terceiro — o sceptico, o critico, o que provém da comparação de ambos, e por isso não tem côr, nem é affirmativo; dando-se melhor com a natureza do que com a phantasmagoria, preferindo a harmonia mais ou menos equilibrada, ou mais ou menos claudicante do hellenismo, á orgia desenfreada dos orientaes; considerando a existencia como um compromisso, o dever como uma condição da vida, mas tambem a fraqueza como uma condição dos homens. Estes tres temperamentos são correspondentes a typos eternos e irreductiveis da consciencia humana; e, se o buddhismo é a melhor religião para um mystico do seculo XIX, saturado de sciencia e derreado de cogitações, o christianismo, como directo herdeiro do hellenismo, hade eternamente satisfazer melhor os scepticos e os naturalistas, cujo numero é e foi sempre infinitamente maior, entre os europeos.

«Um hellenismo coroado por um buddhismo» eis a formula com que mais de uma vez Anthero de Quental me tem exprimido o seu pensa-

mento—a sua chimera! Chimera, digo, por que a corôa não nos pode assentar na cabeça, sob pena de a crivar de espinhos e de a deixar escorrendo sangue. Fundar o principio da acção na inercia systematica, a realidade no não-ser, a vida no anniquillamento, só é praticamente aceitavel para o cominum de homens quando acreditem na metempsychose, dogma tão infantilmente mythico do buddhismo como v. g. o inferno do christianismo. Ao christianismo, porém, tirando-se-lhe tudo quanto a imaginação semita deu para a sua formação, fica ainda o hellenismo, isto é, um idealismo mais ou menos pantheista e uma theoria moral, — cousas que eu não affirmo que resistam a uma analyse rigorosamente logica, por isso mesmo que todo o nosso conhecimento racional das cousas assenta apenas sobre o axioma do senso commum—ao passo que, em se tirando a metempsychose ao buddhismo, o buddhismo reduz-se a uma nevoa de abstracções.

Pobre humanidade, se se visse condemnada á coroação buddhista! Nós europeos, incapazes de nos sujeitarmos ao regime da contemplação inerte, soffreríamos as agonias, experimentaríamos as afflicções do poeta que, tendo no peito um coração activo, tem na cabeça uma imagi-

nação mystica, e, para obedecer ao pensamento, tortura o coração, sem poder tambem esmagal-o sob o mando da intelligencia.

D'este cruel estado vêm os documentos que attestam a transformação soffrida pela ironia dos periodos anteriores. Que nome se hade dar ao sentimento que inspira os sonetos *Á Virgem Santissima* e o *Na mão de Deus* que fecha o volume? Eu por mim chamarei humorismo transcendente a essa liga intima da piedade e da ironia; e declaro que nunca vi cousa parecida posta em verso. Em prosa, ha mais de um periodo de Renan inspirado por um espirito similhante, embora menos agudo.

O' visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa,
E deixa-me sonhar a vida inteira!

A visão é a Virgem Santissima, e a poesia é tão sincera, tão verdadeira, tão cheia de piedade e uncção, que eu sei de mais de um livro de resas onde andam copias escriptas.

Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Um monge christão escreveria isto. E An-

thero de Quental nem é christão, nem crê em Deus, nem na Virgem, segundo o sentido ordinario da palavra crer.

Blasphemar era bom n'outros tempos; para a ironia tambem a idade passou; finalmente para o *exercicio litterario* nunca se inclinou a penna que o poeta molhou sempre no seu sangue. Como explicar, pois, o phenomeno?

Por acaso subiu já o leitor ao cume de um monte sufficientemente alto para que toda a paysagem lhe apparecesse á vista, fundida a ponto de não distinguir uma arvore de um cazal, nem um rio de um valle sem curso de agua? Pois succede assim nas campinas da historia do pensamento humano, quando as olhamos das cumiadas luminosas da critica. Vêem-se as cousas na sua essencia, não importam os accidentes. O fetiche que o selvagem adora, a imagem perante a qual se prostra o commum dos crentes, o architecto universal dos pensadores livres, e finalmente esse *quid* innominado a que a philosophia moderna chamou Inconsciente — tudo isso é egualmente Deus: sómente é Deus percebido pela imaginação infantil, Deus percebido pela intelligencia vulgar, Deus percebido pelo saber incipiente, e Deus finalmente incomprehendido, mas sentido, pela sabedoria. E todas es-

sas modalidades de uma mesma impressão, recebida e representada de fórma diversa, consoante a natureza e o estado de educação dos homens, são igualmente verdadeiras, igualmente santas e igualmente humoristicas, para aquelle que tem coração para sentir as cousas por dentro, e olhos para as ver de fora — objectivamente, como os allemans dizem, e nós diremos criticamente.

Eis ahi a suprema liberdade do espirito, o Nirvâna apenas intellectual, a que eu prefiro chamar impassibilidade subjectiva: um estado que permite comprehender todas as cousas, analysando-as e classificando-as, sem todavia nos transmittir essa especie de frialdade de coração, propria dos naturalistas quando estudam uma rocha, uma planta ou um animal. O philosopho, impassivel ao analysar e classificar os phenomenos do espirito humano, ha-de misturar ao sorriso que provocam todas as vaidades e illusões, o amor que merecem todos os sentimentos ingenuos e fundamentalmente bons; ha-de alliar á comprehensão da nullidade extrinseca das cousas, a comprehensão da sua excellencia intrinseca; exigindo que o homem seja activo, porque a actividade é boa por ser indispensavel á saude do espirito, embora os objectos

da actividade sejam as mais das vezes irritos e nullos, quando considerados em si proprios e isoladamente.

É eis ahi as razões porque eu não sou buddhista... nem Anthero de Quental o é, embora julgue sel-o. A evolução dolorosa que terminou com o seu ultimo soneto, esta longa e tempestuosa viagem atravez do mar tenebroso da phantasia metaphisica, parece ter concluido. A idade, talvez, acima de tudo, trouxe ao espirito do poeta uma paz illuminada de bondade e sabedoria, e como a sua alma é san e a sua intelligencia firme e sempre activa, é mais que provavel que o declinar da vida de Anthero de Quental enriqueça o peculio por signal bem pobre da philosophia portugueza com algum trabalho tão digno de se conservar na memoria dos tempos, como estes *Sonetos* que são as amargas flores de uma mocidade. Esse trabalho, porem, não será um cathecismo buddhista, não pode ser nenhuma revelação milagrosa do *verdadeiro* systema, porque a sabedoria nos diz que toda a pretensão de Verdade é illusoria, pois sendo nós, a nossa intelligencia, os nossos pensamentos, simples e fugitivas contingencias, é loucura pensar que jamais possamos definir o Absoluto. Cada qual sente-o a seu modo, segun-

do o seu temperamento; e sabio é aquelle que se limita a registrar as relações das cousas.

III

Quem deante d'estes versos não sentir elevar-se-lhe o espirito, como n'uma oração, aquella especie de Deus que é compativel com o seu temperamento ou com o estado de educação do seu pensamento, é porque tem dentro do peito, no lugar do coração, um seixo polido e frio. Quem, no meio do lidar da vida, roçando os braços pelas arestas cortantes que a erriçam de angulos, pousar o olhar da alma sobre um d'estes sonetos e não sentir o que os sequiosos sentem ao encontrarem um arroio de agua limpida, é porque tem a alma feita apenas de egoismo. Quem, emergindo dos montões de papelada que as imprensas vomitam diariamente, deitar os olhos sobre estas paginas, e não sentir o deslumbramento que os diamantes produzem, é porque a sua vista se embaciou com o exame dos livros grosseiros em todo o sentido, e a sua lingua perdeu o habito de fallar portuguez.

Um dos nossos mais queridos amigos, um dos que conhecem de perto Anthero de Quental—e sómente o conhece quem com elle viveu

largo tempo na intimidade—interroga-me geralmente d'este modo: «E *santo* Anthero, como vae?»

Dil-ô com a convicção quente dos artistas, mas eu que o não sou, tenho a pôr embargos, porque a santidade não é planta adequada ao clima do nosso tempo. Exige uma porção de sentimento ingenuo que já não ha nos ares que respiramos.

A vida contemplativa, porém, a vida asceta inclusivamente: essa virtude austera para consigo, tolerante para com tudo e para com todos; esse observar constante de si proprio e o dispensar de um sorriso sempre bom, embora indifferente com frequencia, aos que alguma vez o rodeiam; a caridade, o amor, a abnegação, as tentações, as crises, as lagrimas, as afflicções, as duvidas cruciantes e as dores angustiosas: tudo o que, reunido, forma uma alma mystica — tudo isso móra na alma d'este poeta arrebatada pela visão inextinguivel do Bem.

Só no meu coração, que sondo e meço,
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
Em segredo protesta e affirma Bem.

E para nada faltar a este mystico, anachronicamente perdido no meio do borborinho de

um seculo activo até á demencia, tem tambem uma fé ardente—uma fé buddhista. Sómente o seu Deus, Deus sem vontade, sem intelligencia e sem consciencia, é, para nós outros, a quem são vedados os mysterios da metaphisica buddhista, igual a cousa nenhuma.

Este homem, fundamentalmente bom, se tivesse vivido no seculo VI ou no seculo XIII, seria um dos companheiros de S. Bento ou de S. Francisco de Assis. No seculo XIX é um excentrico, mas d'esse feitio de excentricidade que é indispensavel, porque a todos os tempos foram indispensaveis os herejes, a que hoje se chama dissidentes.

Oliveira Martins.

OS CAPTIVOS

Encostados ás grades da prisão,
Olham o céo os pallidos capt.vos.
Já com raios obliquos, fugitivos,
Despede o sol um ultimo clarão.

Entre sombras, ao longe, vagamente,
Morrem as vozes na extensão saudosa.
Cae do espaço, pesada, silenciosa,
A tristeza das cousas, lentamente.

E os captivos suspiram. Bandos de aves
Passam velozes, passam apressados,
Como absortos em intimos cuidados,
Como absortos em pensamentos graves.

E dizem os captivos: Na amplidão
Jamais se extingue a eterna claridade...
A ave tem o vôo e a liberdade...
O homem tem os muros da prisão!

Aonde ides? qual é vossa jornada?
À luz? á aurora? á immensidade? aonde?
— Porém o bando passa e mal responde:
À noite, á escuridão, ao abysmo, ao nada! —

E os captivos suspiram. Surge o vento,
Surge e perpassa esquivo e inquieto,
Como quem tráz algum pesar secreto,
Como quem soffre e cala algum tormento...

E dizem os captivos: Que tristezas,
Que segredos antigos, que desditas,
Caminheiro de estradas infinitas,
Te levam a gemer pelas devesas?

Tu que procuras? que visão sagrada
Te acena da soidão onde se esconde?
— Porém o vento passa e só responde:
A noite, a escuridão, o abysmo, o nada! —

E os captivos suspiram novamente.
Como antigos pesares mal extinctos,
Como vagos desejos indistinctos,
Surgem do escuro os astros, lentamente...

E fitam-se, em silencio indecifrável,
Contemplam-se de longe, mysteriosos,
Como quem tem segredos dolorosos,
Como quem ama e vive inconsolavel. . .

E dizem os captivos: Que problemas
Eternos, primitivos vos attrahem?
Que luz fitaes no centro d'onde saem
A flux, em jorro, as intuições supremas?

Por que esperaes? n'essa amplidão sagrada
Que soluções esplendidas se escondem?
— Porém os astros tristes só respondem:
A noite, a escuridão, o abysmo, o nada! —

Assim a noite passa. Rumorosos
Susurram os pinhaes meditativos.
Encostados ás grades, os captivos
Olham o céu e choram silenciosos.

OS VENCIDOS

Tres cavalleiros seguem lentamente
Por uma estrada erma e pedregosa.
Geme o vento na selva rumorosa,
Cae a noite do céu, pesadamente.

Vacilam-lhes nas mãos as armas rotas,
Têm os corceis poentos e abatidos,
Em desalinho trazem os vestidos,
Das feridas lhes cae o sangue, em gotas.

A derrota, traiçoeira e pavorosa,
As frentes lhes curvou, com mão potente.
No horizonte escuro do poente
Destaca-se uma mancha sanguinosa.

E o primeiro dos tres, erguendo os braços,
Diz n'um soluço: «Amei e fui amado!
Levou-me uma visão, arrebatado,
Como em carro de luz, pelos espaços!

Com largo vôo, penetrei na esfera
Onde vivem as almas que se adoram,
Livre, contente e bom, como os que moram
Entre os astros na eterna primavera.

Porque irrompe no azul do puro amor
O sopro do desejo pestilente?
Ai do que um dia recebeu de frente
O seu halito rude e queimador!

A flor rubra e olorosa da paixão
Abre languida ao raio matutino,
Mas seu profundo cális purpurino
Só reçuma veneno e podridão.

Irmãos, amei—amei e fui amado...
Por isso vago incerto e fugitivo,
E corre lentamente um sangue esquivo
Em gotas, de meu peito alanceado.»

Responde-lhe o segundo cavalleiro,
Com sorriso de tragica amargura:
«Amei os homens e sonhei ventura,
Pela justiça heroica, ao mundo inteiro.

Pelo direito, ergui a voz ardente
No meio das revoltas homicidas:
Caminhando entre raças oprimidas,
Fil-as surgir, como um clarim fremente.

Quando ha de vir o dia da justiça?
Quando ha de vir o dia do resgate?
Trahiu-me o gladio em meio do combate
E semei na areia movediça!

As nações, com sorriso bestial,
Abrem, sem ler, o livro do futuro.
O povo dorme em paz no seu monturo,
Como em leito de purpura real.

Irmãos, amei os homens e contente
Por elles combati, com mente justa. . .
Por isso morro á mingua e a areia adusta
Bebe agora meu sangue, ingloriamente.»

Diz então o terceiro cavalleiro: .
«Amei a Deus e em Deus puz alma e tudo. .
Fiz do seu nome fortaleza e escudo
No combate do mundo traiçoeiro.

Invoquei-o nas horas affrontosas
Em que o mal e o peccado dão assalto,
Procurei-o, com ancia e sobresalto, .
Sondando mil sciencias duvidosas.

Que vento de ruina bate os muros
Do templo eterno, o templo sacrosanto?
Rolam, desabam, com fragor e espanto,
Os astros pelo céu, frios e escuros!

Vacilla o sol e os santos desesperam...
Tedio reçuma a luz dos dias vãos...
Ai dos que juntam com fervor as mãos!
Ai dos que creem! ai dos que inda esperam!

Irmãos, amei a Deus, com fé profunda...
Por isso vago sem conforto e incerto,
Arrastando entre as urzes do deserto
Um corpo exangue e uma alma moribunda. »

E os tres, unindo a voz n'um ai supremo,
E deixando pender as mãos cansadas
Sobre as armas inuteis e quebradas,
N'um gesto inerte de abandono extremo,

Sumiram-se na sombra duvidosa
Da montanha calada e formidavel,
Sumiram-se na selva impenetravel
E no palor da noite silenciosa.

ENTRE SOMBRAS

Vem ás vezes sentar-se ao pé de mim
— A noite desce, desfolhando as rosas —
Vem ter-commigo, ás horas duvidosas,
Uma visão, com azas de setim...

Pousa de leve a delicada mão
— Rescende aroma a noite socegada —
Pousa a mão compassiva e perfumada
Sobre o meu dolorido coração...

E diz-me essa visão compadecida
— Ha suspiros no espaço vaporoso —
Diz-me: Porque é que choras silencioso?
Porque é tão erma e triste a tua vida?

Vem commigo! Embalado nos meus braços
— Na noite funda ha um silencio santo —
N'um sonho feito só de luz e encanto
Transporás a dormir esses espaços . . .

Porque eu habito a região distante
— A noite exhala uma doçura infinda —
Onde ainda se crê e se ama ainda,
Onde uma aurora igual brilha constante . . .

Habito ali, e tu virás commigo
— Palpita a noite n'um clarão que offusca —
Porque eu venho de longe, em tua busca,
Trazer-te paz e alivio, pobre amigo . . .

Assim me fala essa visão nocturna
— No vago espaço ha vozes dolorosas —
São as suas palavras carinhosas
Agua correndo em crystallina urna . . .

Mas eu escuto-a immovel, somnolento
— A noite verte um desconsolo immenso —
Sinto nos membros como um chumbo denso,
E mudo e tenebroso o pensamento . . .

Fito-a, n'um pasmo doloroso absorto
— A noite é erma como campa enorme —
Fito-a com olhos turvos de quem dorme
E respondo: Bem sabes que estou morto!

HYMNO DA MANHÃ

Tu, casta e alegre luz da madrugada,
Sobe, cresce no céu, pura e vibrante,
E enche de força o coração triunphante
Dos que ainda esperam, luz immaculada!

Mas a mim pões-me tu tristeza immensa
No desolado coração. Mais quero
A noite negra, irmã do desespero,
A noite solitaria, immovel, densa,

O vacuo mudo, onde astro não palpita,
Nem ave canta, nem susurra o vento,
E adormece o proprio pensamento,
Do que a luz matinal... a luz bemdita!

Porque a noite é a imagem do Não-Ser,
Imagem do repouso inalteravel
E do esquecimento inviolavel,
Que aneia o mundo, farto de soffrer...

Porque nas trevas sonda, fixo e absorto,
O nada universal o pensamento,
E despreza o viver e o seu tormento,
E olvida, como quem está já morto...

E, interrogando intrepido o Destino,
Como réo o renega e o condemna,
E virando-se, fita em paz serena
O vacuo augusto, placido e divino...

Porque a noite é a imagem da Verdade,
Que está além das cousas transitorias,
Das paixões e das formas illusorias,
Onde sómente ha dôr e falsidade . . .

Mas tu, radiante luz, luz gloriosa,
De que és symbolo tu ? do eterno engano,
Que envolve o mundo e o coração humano
Em rede de mil malhas, mysteriosa!

Symbolo, sim, da universal traição,
D'uma promessa sempre renovada
E sempre e eternamente perjurada,
Tu, mãe da Vida e mãe da Illusão . . .

Outros estendam para ti as mãos,
Supplicants, com fé, com esperança . . .
Ponham outros seu bem, sua confiança
Nas promessas e a luz dos dias vãos . . .

Eu não ! Ao ver-te, penso : Que agonia
E que tortura ainda não provada
Hoje me ensinará esta alvorada ?
E digo : Porque nasce mais um dia ?

Antes tu nunca fosses, luz formosa !
Antes nunca existisses ! e o Universo
Ficasse inerte e eternamente immerso
Do possivel na nevoa duvidosa !

O que trazes ao mundo em cada aurora ?
O sentimento só, só a consciencia
D'uma eterna, incuravel impotencia,
Do insaciavel desejo, que o devora !

De que são feitos os mais bellos dias?
De combates, de queixas, de terrores!
De que são feitos? de illusões, de dores,
De miserias, de maguas, de agonias!

O sol, inexoravel sementeador,
Sem jamais se cansar, percorre o espaço,
E em borbotões lhe jorram do regaço
As sementes innumeradas da Dor!

Oh! como cresce, sob a luz ardente,
A seara maldita! como freme
Sob os ventos da vida e como geme
N'um susurro monotono e plangente!

E cresce e alastra, em ondas voluptuosas,
Em ondas de cruel fecundidade,
Com a força e a subtil tenacidade
Invencivel das plantas venenosas!

De podridões antigas se alimenta,
Da antiga podridão do chão fatal. . .
Uma fragrancia morbida, mortal
Lhe reçuma da seiva peçonhenta. . .

E é esse aroma languido e profundo,
Feito de seducções vagas, magneticas,
De ardor carnal e de attracções poeticas,
E' esse aroma que envenena o mundo!

Como um clarim soando pelos montes,
A aurora acorda, placida e inflexivel,
As miserias da terra: e a hoste horrivel,
Enchendo de clamor os horizontes,

Torva, cega, colerica, faminta,
Surge mais uma vez e arma-se á pressa
Para o bruto combate, que não cessa,
Onde é vencida sempre e nunca extincta!

Quantos erguem n'esta hora, com esforço,
Para a luz matinal as armas novas,
Pedindo a lucta e as formidaveis provas,
Alegres e crueis e sem remorso,

Que esta tarde ha de ver, no duro chão
Cahidos e sangrentos, vomitando
Contra o céo, com o sangue miserando,
Uma extrema e impotente imprecação!

Quantos tambem, de pé, mas esquecidos,
Ha de a noite encontrar, sós e encostados
A algum marco, chorando aniquilados
As lagrimas caladas dos vencidos!

E porque? para que? Para que os chamas,
Serena luz, ó luz inexoravel,
Á vida incerta e á lucta inexpiavel,
Com as falsas visões, com que os inflamas?

Para serem o brinco d'um só dia
Na mão indifferente do Destino. . .
Clarão de fogo-fatuo repentino,
Cruzando entre o nascer e a agonia. . .

Para serem, no páramo enfadonho,
Á luz de astros malignos e enganosos,
Como um bando de espectros lastimosos,
Como sombras correndo atraz d'um sonho. . .

Oh! não! luz gloriosa e triunphante!
Sacode embora o encanto e as seducções,
Sobre mim, do teu manto de illusões:
A meus olhos, és triste e vacillante . . .

A meus olhos, és baça e luctuosa
E amarga ao coração, ó luz do dia,
Como tocha esquecida que allumia
Vagamente uma crypta monstruosa . . .

Surges em vão, e em vão, por toda a parte,
Me envolves, me penetras, com amor . . .
Causas-me espanto a mim, causas-me horror,
E não te posso amar — não quero amar-te!

Symbolo da Mentira universal,
Da apparencia das cousas fugitivas,
Que esconde, nas moventes perspectivas,
Sob o eterno sorriso o eterno Mal;

Symbolo da Illusão, que do infinito
Fez surgir o Universo, já marcado
Para a dôr, para o mal, para o peccado,
Symbolo da existencia, sê maldito!

A FADA NEGRA

Uma velha de olhar agudo e frio,
De olhos sem cor, de labios glaciaes,
Tomou-me nos seus braços sepulcraes,
Tomou-me sobre o seio ermo e vazio,

E beijou-me em silencio, longamente,
Longamente me uniu á face fria . . .
Oh! como a minha alma se estorcia
Sob os seus beijos, dolorosamente !

Onde os labios pousou, a carne logo
Myrrou-se e encaneceu-se-me o cabello,
Meus ossos confrangeram-se. O gelo
Do seu bafo seccava mais que o fogo.

Com seu olhar sem cor, que me fitava,
A Fada negra me coalhou o sangue.
Dentro em meu coração inerte e exangue
Um silencio de morte se engolfava.

E volvendo em redor olhos absortos,
O mundo pareceu-me uma visão,
Um grande mar de nevoa, de illusão,
E a luz do sol como um luar de mortos . . .

Como o espectro d'um mundo já defuncto,
Um farrapo de mundo, nevoento,
Ruina aerea que sacode o vento,
Sem cor, sem consistencia, sem conjuncto . . .

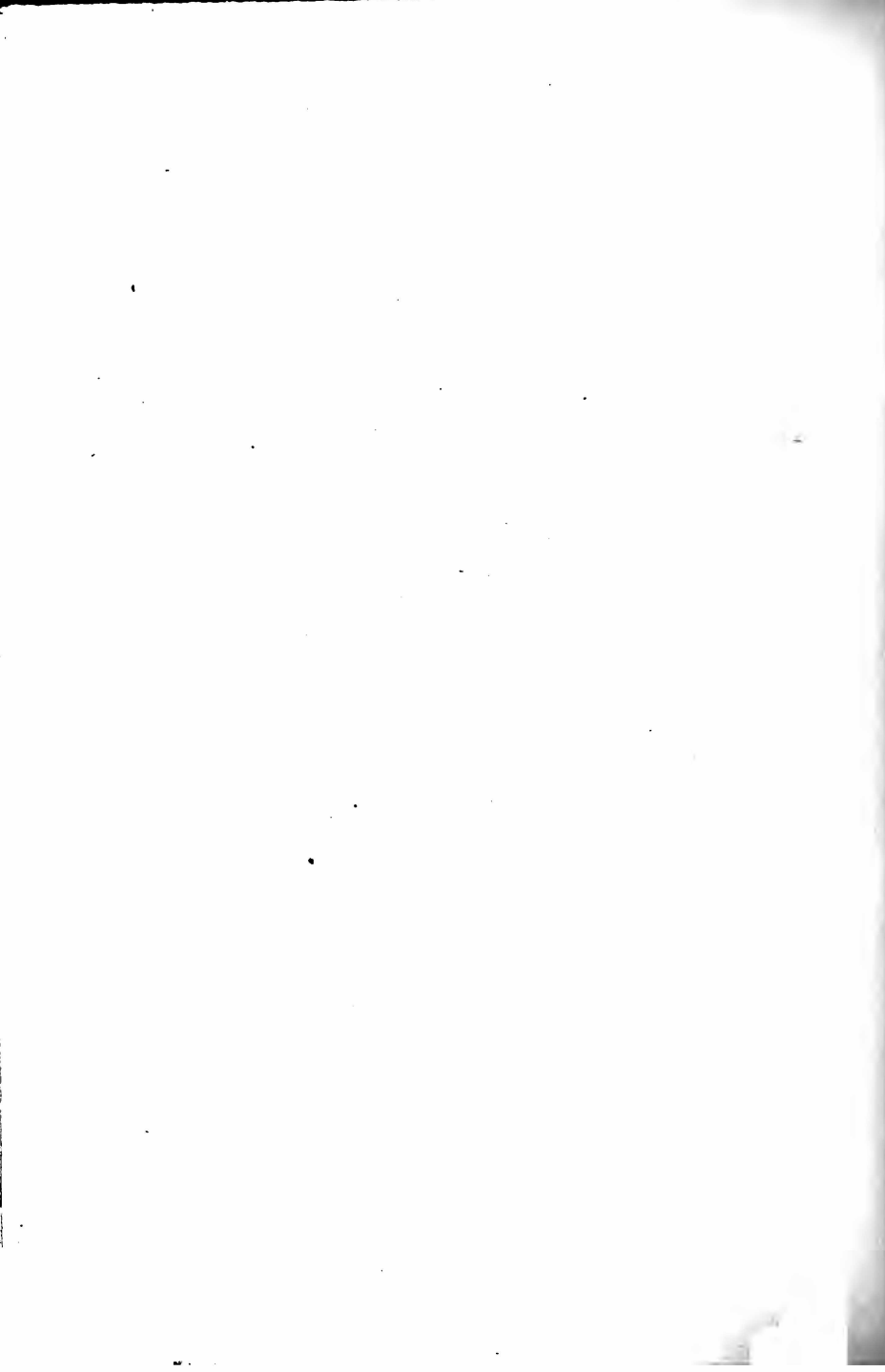
E quanto adora quem adora o mundo,
Brilho e ventura, esperar, sorrir,
Eu vi tudo oscilar, pender, cahir,
Inerte e já da cor d'um moribundo.

Dentro em meu coração, n'esse momento,
Fez-se um buraco enorme — e n'esse abysmo
Senti ruir não sei que cataclismo,
Como um universal desabamento . . .

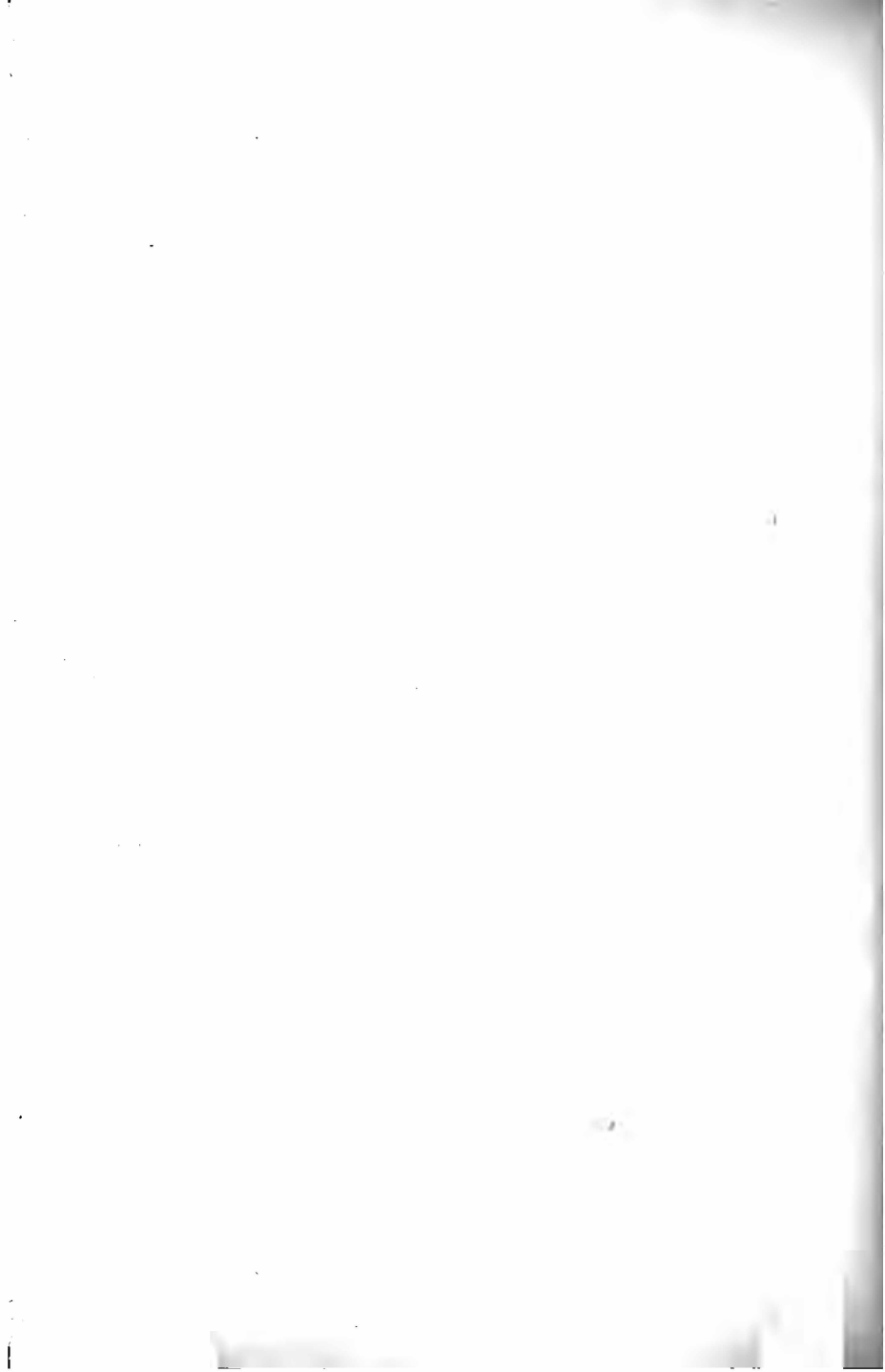
Razão! velha de olhar agudo e cru
E de halito mortal mais do que a peste!
Pelo beijo de gelo que me deste,
Fada negra, bemdita sejas tu!

Bemdita sejas tu pela agonia
E o lucto funeral d'aquella hora
Em que vi baquear quanto se adora,
Vi de que noite é feita a luz do dia!

Pelo pranto e as torturas bemfazejas
Do desengano . . . pela paz austera
D'um morto coração, que nada espera,
Nem deseja tambem . . . bemdita sejas!



1860—1862





IGNOTO DEO



QUE belleza mortal se te assemelha,
O' sonhada visão d'esta alma ardente,
Que reflectes em mim teu brilho ingente,
Lá como sobre o mar o sol se espelha ?

O mundo é grande— e esta apcia me aconselha
A buscar-te na terra: e eu, pobre crente,
Pelo mundo procuro um Deus clemente,
Mas a ara só lhe encontro ... nua e velha...

Não é mortal o que eu em ti adoro.
Que és tu aqui ? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...

Pura essencia das lagrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! se és verdade,
Descobre-te, visão, no céu ao menos!





LAMENTO

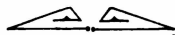


Um dilúvio de luz cae da montanha :
Eis o dia ! eis o sol ! o esposo amado !
Onde ha por toda a terra um só cuidado
Que não dissipe a luz que o mundo banha ?

Flor a custo medrada em erma penha,
Revolto mar ou golfo congelado,
Aonde ha ser de Deus tão olvidado
Para quem paz e alivio o céo não tenha ?

Deus é Pae ! Pae de toda a creatura :
E a todo o ser o seu amor assiste :
De seus filhos o mal sempre é lembrado ...

Ah ! se Deus a seus filhos dá ventura
N'esta hora santa ... e eu só posso ser triste ...
Serei filho, mas filho abandonado !





A. M. C.



POZ-TE Deus sobre a fronte a mão piedosa :
O que fada o poeta e o soldado
Volveu a ti o olhar, de amor velado,
E disse-te: «vae, filha, sê formosa!»

E tu, descendo na onda harmoniosa,
Pousaste n'este solo angustiado,
Estrella envolta n'um clarão sagrado,
Do teu limpido olhar na luz radiosa...

Mas eu... posso eu acaso merecer-te?
Deu-te o Senhor, mulher! o que é vedado,
Anjo! deu-te o Senhor um mundo á parte.

E a mim, a quem deu olhos para ver-te,
Sem poder mais... a mim o que me ha dado?
Voz, que te cante, e uma alma para amar-te!





A

SANTOS VALENTE

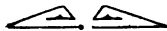


ESTREITA é do prazer na vida a taça:
Largo, como o oceano é largo e fundo,
E como elle em venturas infecundo,
O cális amargoso da desgraça.

E comtudo nossa alma, quando passa
Incerta peregrina, pelo mundo,
Prazer só pede á vida, amor fecundo,
É com essa esperança que se abraça.

É lei de Deus este aspirar immenso . . .
E comtudo a illusão impoz á vida,
E manda buscar luz e dá-nos tréva !

Ah! se Deus accendeu um foco intenso
De amor e dor em nós, na ardente lida,
Porque a miragem cria . . . ou porque a leva?





TORMENTO DO IDEAL



CONHECI a Belleza que não morre
E fiquei triste. Como quem da serra
Mais alta que haja, olhando aos pés a terra
E o mar, vê tudo, a maior nau ou torre,

Minguar, fundir-se, sob a luz que jorre;
Assim eu vi o mundo e o que elle encerra
Perder a cor, bem como a nuvem que erra
Ao pôr do sol e sobre o mar discorre.

Pedindo á fórma, em vão, a idea pura,
Tropéço, em sombras, na materia dura,
E encontro a imperfeição de quanto existe.

Recebi o baptismo dos poetas,
E assentado entre as fórmas incompletas
Para sempre fiquei pallido e triste.





ASPIRAÇÃO



MEUS dias vão correndo vagarosos
Sem prazer e sem dor, e até parece
Que o foco interior já desfallece
E vacilla com raios duvidosos.

É bella a vida e os annos são formosos,
E nunca ao peito amante o amor fallece . . .
Mas, se a belleza aqui nos apparece,
Logo outra lembra de mais puros gosos.

Minh'alma, ó Deus! a outros céos aspira:
Se um momento a prendeu mortal belleza,
É pela eterna patria que suspira . . .

Porém do presentir dá-me a certeza,
Dá-m'a! e sereno, embora a dor me fira,
Eu sempre bemdirei esta tristeza!





A

FLORIDO TELLES

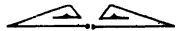


Se comparo poder ou ouro ou fama,
Venturas que em si têm occulto o damno,
Com aquelle outro affecto soberano,
Que amor se diz e é luz de pura chama,

Vejo que são bem como arteira dâma,
Que sob honesto riso escondê o engano,
E o que as segue, como homem leviano
Que por um vão prazer deixa quem o ama.

Nasce do orgulho aquelle esteril goso
E a gloria d'elle é cousa fraudulenta,
Como quem na vaidade tem a palma:

Tem na paixão seu brilho mais formoso
E das paixões tambem some-o a tormenta...
Mas a gloria do amor... essa vem d'alma!





PSALMO



ESPEREMOS em Deus! Elle ha tomado
Em suas mãos a massa inerte e fria
Da materia impotente e, n'um só dia,
Luz, movimento, acção, tudo lhe ha dado.

Elle, ao mais pobre de alma, ha tributado
Desvelo e amor: elle conduz á via
Segura quem lhe foge e se extravia,
Quem pela noite andava desgarrado.

E a mim, que aspiro a elle, a mim, que o amo,
Que anceo por mais vida e maior brilho,
Ha de negar-me o termo d'este anceo?

Buscou quem o não quiz: e a mim, que o chamo,
Ha de fugir-me, como a ingrato filho?
O Deus, meu pae e abrigo! espero!... eu creio!





A. M. C.



No céo, se existe um céo para quem chora,
Céo, para as maguas de quem sofre tanto...
Se é lá do amor o foco, puro e santo,
Chama que brilha, mas que não devora..

No céo, se uma alma n'esse espaço mora,
Que a prece escuta e enxuga o nosso pranto...
Se ha Pae, que estenda sobre nós o manto
Do amor piedoso... que eu não sinto agora...

No céo, ó virgem! findarão meus males:
Hei de lá renascer, eu que pareço
Aqui ter só nascido para dôres.

Ali, ó lyrio dos celestes valles!
Tendo seu fim, terão o seu começo,
Para não mais findar, nossos amores.





A

JOÃO DE DEUS

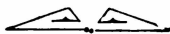


Se é lei, que rege o escuro pensamento,
Ser vã toda a pesquisa da verdade,
Em vez da luz achar a escuridade,
Ser uma queda nova cada invento :

É lei também, embora cru tormento,
Buscar, sempre buscar a claridade,
E só ter como certa realidade
O que nos mostra claro o entendimento.

O que ha de a alma escolher, em tanto engano ?
Se uma hora crê de fé, logo duvida :
Se procura, só acha... o desatino !

Só Deus pôde acudir em tanto damno :
Esperemos a luz d'uma outra vida,
Seja a terra degredo, o céu destino.





A

ALBÉERTO TELLES

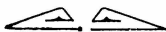


Só! — Ao ermita sósinho na montanha
Visita-o Deus e dá-lhe confiança:
No mar, o nauta, que o tufão balança,
Espera um sopro amigo que o céu tenha. . .

Só! — Mas quem se assentou em riba estranha,
Longe dos seus, lá tem inda a lembrança;
E Deus deixa-lhe ao menos a esperança
Ao que á noite soluça em erma penha. . .

Só! — Não o é quem na dor, quem nos cansaços,
Tem um laço que o prenda a este fadário,
Uma crença, um desejo. . . e inda um cuidado. . .

Mas cruzar, com desdém, inertes braços,
Mas passar, entre turbas, solitário,
Isto é ser só, é ser abandonado!





A

J. FELIX DOS SANTOS

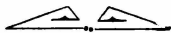


SEMPRE o futuro, sempre! e o presente
Nunca! Que seja esta hora em que se existe
De incerteza e de dôr sempre a mais triste,
E só farte o desejo um bem ausente!

Ai! que importa o futuro, se inclemente
Essa hora, em que a esperança nos consiste,
Chega... é presente... e só á dôr assiste?...
Assim, qual é a esperança que não mente?

Desventura ou delirio?... O que procuro,
Se me foge, é miragem enganosa,
Se me espera, peôr, espectro impuro...

Assim a vida passa vagarosa:
O presente, a aspirar sempre ao futuro:
O futuro, uma sombra mentirosa.





A. M. C.



PORQUE descrês, mulher, do amor, da vida?
Porque esse Hermon transformas em Calvario?
Porque deixas que, aos poucos, do sudário
Te aperte o seio a dobra humedecida?

Que visão te fugiu, que assim perdida
Buscas em vão n'este ermo solitário?
Que signo obscuro de cruel fadário
Te faz trazer a fronte ao chão pendida?

Nenhum! intacto o bem em ti assiste:
Deus, em penhor, te deu a formosura:
Benções te manda o céo em cada hora.

E descrês do viver?... E eu, pobre e triste,
Que só no teu olhar leio a ventura,
Se tu descrês, em que hei-de eu crer agora?





A

ALBERTO SAMPAIO



Não me fales de gloria: é outro o altar
Onde queimo piedoso o meu incenso,
E animado de fogo mais intenso,
De fé mais viva, vou sacrificar.

A gloria! pois que ha n'ella que adorar?
Fumo, que sobre o abysmo anda suspenso...
Que vislumbre nos dá do amor immenso?
Esse amor que ventura faz gosar?

Ha outro mais perfeito, unico eterno,
Farol entre ondas tormentosas firme,
De immoto brilho, poderoso e terno...

Só esse hei de buscar, e confundir-me
Na essencia do amor puro, sempiterno...
Quero só n'esse fogo consumir-me!





A

GERMANO MEYRELLES

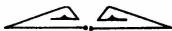


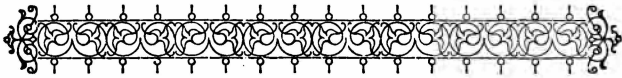
Só males são reaes, só dor existe :
 Prazeres só os gera a phantasia :
 Em nada, um imaginar, o bem consiste,
 Anda o mal em cada hora e instante e dia.

Se buscamos o que é, o que devia
 Por natureza ser, não nos assiste ;
 Se fiamos n'um bem, que a mente cria,
 Que outro remedio ha ahi senão ser triste ?

Oh! quem tanto podera que passasse
 A vida em sonhos só, e nada vira. . .
 Mas, no que se não vê, labor perdido!

Quem fôra tão ditoso que olvidasse. . .
 Mas nem seu mal com elle então dormira,
 Que sempre o mal peor é ter nascido!





A. M. C.

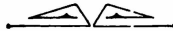


Não busco n'esta vida gloria ou fama:
Das turbas que me importa o vão ruido?
Hoje, deus. . . e amanhã, já esquecido
Como esquece o clarão de extincta chama!

Foco incerto, que a luz já mal derrama,
Tal é essa ventura: echo perdido,
Quanto mais se chamou, mais escondido
Ficou inerte e mudo á voz que o chama.

D'essa coroa é cada flor um engano,
É miragem em nuvem illusória,
É mote vão de fabuloso arcano.

Mas coró-a-me tu; na fronte ingloria
Cinge-me tu o louro soberano. . .
Verás, verás então se amo essa gloria!





AD AMICOS

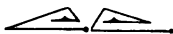


EM vãp luctamos. Como névoa baça,
A incerteza das cousas nos envolve.
Nossa alma, em quanto cria, em quanto volve,
Nas suas proprias rêdes se embaraça.

O pensamento, que mil planos traça,
É vapor que se esvae e se dissolve;
E a vontade ambiciosa, que resolve,
Como onda entre rochedos se espedaça.

Filhos do Amor, nossa alma é como um hymno
Á luz, á liberdade, ao bem fecundo,
Prece e clamor d'um presentir divino;

Mas n'um deserto só, arido e fundo,
Echoam nossas vozes, que o Destino
Paira mudo e impassivel sobre o mundo.





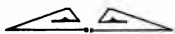
A UM CRUCIFIXO

Há mil annos, bom Christo, ergueste os magros braços
E clamaste da cruz: há Deus! e olhaste, ó crente,
O horisonte futuro e viste, em tua mente,
Um alvor ideal banhar esses espaços!

Porque morreu sem echo o echo de teus passos,
E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?
Morreste. . . ah! dorme em paz! não volvas, que descrente
Arrojaras de novo á campa os membros lassos. . .

Agora, como então, na mesma terra erma,
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,
Sob o mesmo ermo céo, frio como um sudário. . .

E agora, como então, viras o mundo exangue,
E ouviras perguntar — de que serviu o sangue
Com que regaste, ó Christo, as urzes do Calvário?—





DESPERANÇA

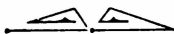


VAE-TE na aza negra da desgraça,
Pensamento de amor, sombra d'uma hora,
Que abraçei com delirio, vae-te, embora,
Como nuvem que o vento impelle... e passa.

Que arrojemos de nós quem mais se abraça,
Com mais ancia, á nossa alma e quem devora!
D'essa alma o sangue, com que mais vigora,
Como amigo commungue á mesma taça!

Que seja sonho apenas a esperança,
Emquanto a dor eternamente assiste,
E só engane nunca a desventura!

Se em silêncio soffrer fôra vingança!...
Envolve-te em ti mesma, ó alma triste,
Talvez sem esperança haja ventura!





BEATRICE

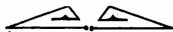


DEPOIS que dia a dia, aos poucos desmaiando,
Se foi a nuvem d'ouro ideal que eu vira erguida;
Depois que vi descer, baixar no céo da vida
Cada estrella e fiquei nas trevas laborando:

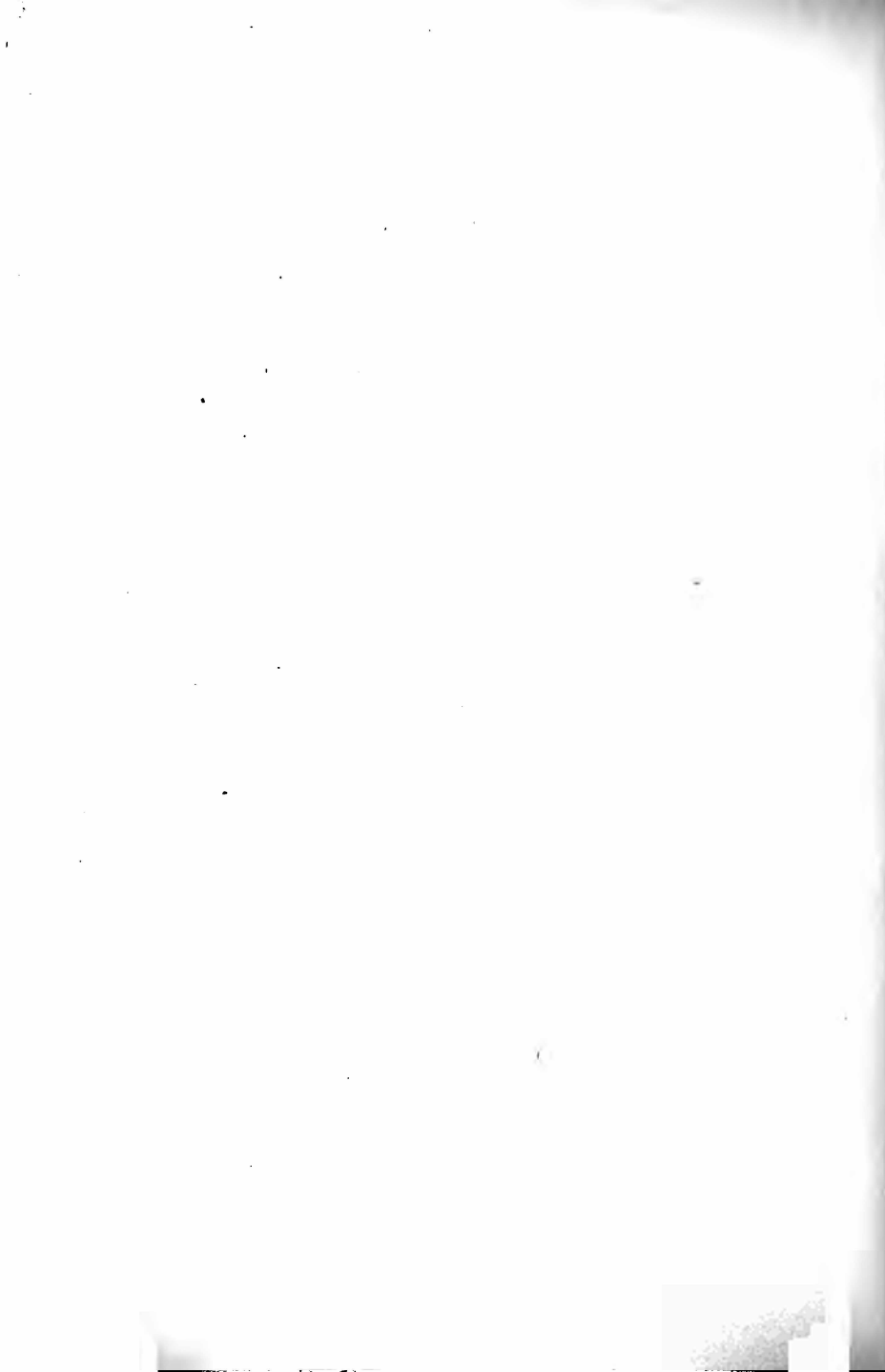
Depois que sobre o peito os braços apertando
Achei o vacuo só, e tive a luz sumida
Sem ver já onde olhar, e em todo vi perdida
A flor do meu jardim, que eu mais andei regando:

Retirei os meus pés da senda dos abrolhos,
Virei-me a outro céo, nem ergo já meus olhos
Senão á estrella ideal, que a luz d'amor contém...

Não temas pois—Oh vem! o céo é puro, e calma
E silenciosa a terra, e doce o mar, e a alma...
A alma! não a vês tu? mulher, mulher! oh vem!



1862—1866





AMOR VIVO

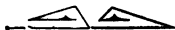


AMAR! mas d'um amor que tenha vida...
Não sejam sempre tímidos harpejos,
Não sejam só delírios e desejos
D'uma douda cabeça escandecida...

Amor que viva e brilhe! luz fundida
Que penetre o meu ser — e não só beijos
Dados no ar — delírios e desejos —
Mas amor... dos amores que têm vida...

Sim, vivo e quente! e já a luz do dia
Não virá dissipá-lo nos meus braços
Como nevoa da vaga phantasia...

Nem murchará o sol á chama erguida. .
Pois que podem os astros dos espaços
Contra uns deveis amores... se têm vida?





VISITA



ADORNOU o meu quarto a flor do cardo,
Perfumei-o de almiscar recendente ;
Vesti-me com a purpura fulgente,
Ensaiaando meus cantos, como um bardo :

Ungi as mãos e a face com o nardo
Crescido nos jardins do Oriente,
A receber com pompa, dignamente,
Mysteriosa visita a quem aguardo.

Mas que filha de reis, que anjo ou que fada
Era essa que assim a mim descia,
Do meu casebre á humida pousada?...

Nem princezas, nem fadas. Era, flor,
Era a tua lembrança que batia
Às portas de ouro e luz do meu amor !





PEQUENINA



Eu bem sei que te chamam *pequenina*
E tenue como o véo solto na dança,
Que és no juizo apenas a *criança*,
Pouco mais, nos vestidos, que a *menina*...

Que és o regato de agua mansa e fina,
A folhinha do til que se balança,
O peito que em correndo logo cansa,
A fronte que ao soffrer logo se inclina...

Mas, filha, lá nos montes onde andei,
Tanto me enchi de angustia e de receio
Ouvindo do infinito os fundos echos,

Que não quero imperar nem já ser rei
Senão tendo meus reinos em teu seio
E subditos, criança, em teus bonecos!





A SULAMITA



Ego dormio, et cor meum vigilat.

CANTICO DOS CANTICOS

QUEM anda lá por fóra, pela vinha,
Na sombra do luar meio encoberto,
Subtil nos passos e espreitando incerto,
Com brando respirar de criancinha?

Um sonho me acordou... não sei que tinha...
Pareceu-me sentil-o aqui tão perto...
Seja alta noite, seja n'um deserto,
Quem ama até em sonhos adivinha...

Môças da minha terra, ao meu amado
Correi, dizei-lhe que eu dormia agora,
Mas que póde ir contente e descansado,

Pois se tão cedo adormeci, conforme
É meu costume, olhae, dormia embora,
Porque o meu coração é que não dorme...





SONHO ORIENTAL

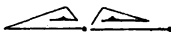


SONHO-ME ás vezes rei, n'alguma ilha,
Muito longe, nos mares do Oriente,
Onde a noite é balsâmica e fulgente
E a lua cheia sobre as aguas brilha...

O aroma da magnolia e da baunilha
Paira no ar diaphano e dormente...
Lambe a orla dos bosques, vagamente,
O mar com finas ondas de escumilha...

E enquanto eu na varanda de marfim
Me encosto, absorto n'um scismar sem fim,
Tu, meu amor, divagas ao luar,

Do profundo jardim pelas clareiras,
Ou descansas debaixo das palmeiras,
Tendo aos pés um leão familiar.





QUINZE ANNOS

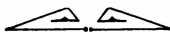


Eu amo a vasta sombra das montanhas,
Que estendem sobre os largos continentes
Os seus braços de rocha negra, ingentes,
Bem como braços colossaes de aranhas.

D'ali o nosso olhar vê tão extranhas
Cousas, por esse céu! e tão ardentes
Visões, lá n'esse mar de ondas trementes!
E ás estrellas, d'ali, vê-as tamanhas!

Amo a grandeza mysteriosa e vasta...
A grande idea, como a flor e o viço
Da arvore colossal que nos domina...

Mas tu, criança, sê tu boa... e basta:
Sabe amar e sorrir... é pouco isso?
Mas a ti só te quero pequenina!





IDYLLIO



QUANDO nós vamos ambos, de mãos dadas,
Colhêr nos valles lyrios e boninas,
E galgamos d'um fôlego as colinas
Dos rocios da noite inda orvalhadas:

Ou, vendo o mar, das ermas cumiadas,
Contemplamos as nuvens vespertinas,
Que parecem phantasticas ruinas
Ao longe, no horisonte, amontoadas:

Quantas vezes, de súbito, emmudeces!
Não sei que luz no teu olhar fluctua;
Sinto tremer-te a mão, e empallideces...

O vento e o mar murmuram orações,
E a poesia das cousas se insinua
Lenta e amorosa em nossos corações.





NOCTURNO

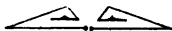


ESPIRITO que passas, quando o vento
Adormece no mar e surge a lua,
Filho esquivo da noite que fluctua,
Tu só entendes bem o meu tormento . . .

Como um canto longinquo — triste e lento —
Que voga e subtilmente se insinua,
Sobre o meu coração, que tumultua,
Tu vertes pouco a pouco o esquecimento . . .

A ti confio o sonho em que me leva
Um instinto de luz, rompendo a treva,
Buscando, entre visões, o eterno Bem.

E tu entendes o meu mal sem nome,
A febre de Ideal, que me consome,
Tu só, Genio da noite, e mais ninguem!





SONHO

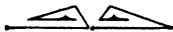


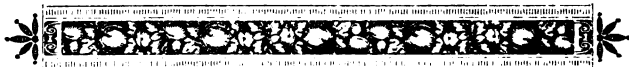
SONHEI — nem sempre o sonho é cousa vã —
Que um vento me levava arrebatado,
Através d'esse espaço constellado
Onde uma aurora eterna ri louçã . . .

As estrellas, que guardam a manhã,
Ao verem-me passar triste e calado,
Olhavam-me e diziam com cuidado:
Onde está, pobre amigo, a nossa irmã?

Mas eu baixava os olhos, receoso
Que trahissem as grandes maguas minhas,
E passava furtivo e silencioso,

Nem ousava contar-lhes, ás estrellas,
Contar ás tuas puras irmansinhas
Quanto és falsa, meu bem, e indigna d'ellas!





AMARITUDO

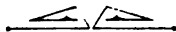


Só por ti astro ainda e sempre occulto,
Sombra do Amor e sonho da Verdade,
Divago eu pelo mundo e em anciedade
Meu proprio coração em mim sepulto.

De templo em templo, em vão, levo o meu culto, ,
Levo as flores d'uma intima piedade.
Vejo os votos da minha mocidade
Receberem sómente escarneo e insulto.

À beira do caminho me assentei . . .
Escutarei passar o agreste vento,
Exclamando: assim passe quanto amei! —

Oh minh'alma, que creste na virtude!
O que será velhice e desalento,
Se isto se chama aurora e juventude?





ABNEGAÇÃO

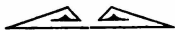


CHOVAM lyrios e rosas no teu collo!
Chovam hymnos de gloria na tua alma!
Hymnos de gloria e adoração e calma,
Meu amor, minha pomba e meu consolo!

Dê-te estrellas o céu, flores o solo,
Cantos e aroma o ar e sombra a palma,
E quando surge a lua e o mar se acalma,
Sonhos sem fim seu preguiçoso rolo!

E nem sequer te lembres de que eu choro...
Esquece até, esquece, que te adoro...
E ao passares por mim, se n que me olhes,

Possam das minhas lagrimas crueis
Nascer sob os teus pés flores fieis,
Que pises distrahida ou rindo esfolhes!





APARIÇÃO



Um dia, meu amor, (e talvez cedo,
Que já sinto estalar-me o coração!)
Recordarás com dor e compaixão
As ternas juras que te fiz a mêdo ...

Então, da casta alcova no segredo,
Da lamparina ao tremulo clarão,
Ante ti surgirei, espectro vão,
Larva fugida ao sepulcral degredo ...

E tu, meu anjo ao ver-me, entre gemidos
E afflictos ais, estenderás os braços
Tentando segurar-te aos meus vestidos ...

— «Ouve! espera!» — Mas eu, sem te escutar,
Fugirei, como um sonho, aos teus abraços
E como fumo sumir-me-hei no ar!





ACORDANDO

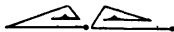


EM sonho, ás vezes, se o sonhar quebranta
Este meu vão soffrer, esta agonia,
Como sobe cantando a cotovia,
Para o céo a minh'alma sobe e canta.

Canta a luz, a alvorada, a estrella santa,
Que ao mundo traz piedosa mais um dia . . .
Canta o enlevo das cousas, a alegria
Que as penetra de amor e as alevanta . . .

Mas, de repente, um vento humido e frio .
Sopra sobre o meu sonho : um calafrio
Me acorda. — A noite é negra e muda : a dor

Cá vela, como d'antes, ao meu lado . . .
Os meus cantos de luz, anjo adorado,
São sonho só, e sonho o meu amor !





MÃE . . .



MÃE — que adormente este viver dorido.
E me vele esta noite de tal frio,
E com as mãos piedosas até o fio
Do meu pobre existir, meio partido . . .

Que me leve consigo, adormecido,
Ao passar pelo sitio mais sombrio . . .
Me banhe e lave a alma lá no rio
Da clara luz do seu olhar querido . . .

Eu dava o meu orgulho de homem — dava
Minha esteril sciencia, sem receio,
E em debil criancinha me tornava,

Descuidada, feliz, docil tambem,
Se eu pudesse dormir sobre o teu seio,
Se tu fosses, querida, a minha mãe!





NA CAPELLA

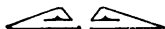


Na capella, perdida entre a folhagem,
O Christo lá no fundo agonisava . . .
Oh! como intimamente se casava
Com minha dor a dor d'aquella imagem!

Filhos ambos do amor, igual miragem
Nos roçou pela frente, que escaldava . . .
Igual traição, que o affecto mascarava,
Nos deu supplicio ás mãos da villanagem . . .

E agora, ali, em quanto da floresta
A sombra se infiltrava lenta e mesta,
Vencidos ambos, martyres do Fado,

Fitavamo-nos mudos — dor igual! —
Nem, dos dois, saberei dizer-vos qual
Mais pallido, mais triste e mais cançado . . .





VELUT UMBRA



FUMO e scismo. Os castellos do horizonte
Erguem-se, á arde, e crescem, de mil cores,
E ora espalham no céu vivos ardores,
Oram fumam, vulcões de estranho monte . . .

Depois, que formas vagas vêm defronte,
Que parecem sonhar loucos amores?
Almas que vão, por entre luz e horrores,
Passando a barca d'esse aereo Acheronte . . .

Apago o meu charuto quando apagas
Teu facho, oh sol . . . ficamos todos sós . . .
É n'esta solidão que me consumo!

Oh nuvens do Occidente, oh cousas vagas,
Bem vos entendo a cor, pois, como a vós,
Belleza e altura se me vão em fumo!





MEA CULPA



Não duvido que o mundo no seu eixo
Gire suspenso e volva em harmonia;
Que o homem suba e vá da noite ao dia,
E a homem vá subindo insecto e seixo.

Não chamo a Deus tyranno, nem me queixo,
Nem chamo ao céu da vida noite fria:
Não chamo á existencia hora sombria;
Acaso, á ordem; nem á lei desleixo.

A Natureza é minha mãe ainda . . .
É minha mãe . . . Ah, se eu á face linda
Não sei sorrir; se estou desesperado;

Se nada ha que me aqueça esta frieza;
Se estou cheio de fel e de tristeza . . .
É de crer que só eu seja o culpado !





O PALACIO DA VENTURA

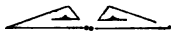


SONHO que sou um cavalleiro andante.
Por desertos, por sóes, por noite escura,
Paladino do amor, busco anhelante
O palacio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacillante,
Quebrada a espada já, rota a armadura ...
E eis que subito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aerea formosura!

Com grandes golpes bato á porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Desherdado ...
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor ...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silencio e escuridão — e nada mais!





JURA

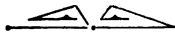


PELAS rugas da fronte que medita...
Pelo olhar que interroga — e não vê nada...
Pela miseria e pela mão gelada
Que apaga a estrella que nossa alma fita...

Pelo estertor da chama que crepita
No ultimo arranco d'uma luz minguada...
Pelo grito feroz da abandonada
Que um momento de amante fez maldita...

Por quanto ha de fata!, por quanto ha mixto
De sombra e de pavor sob uma lousa...
Oh pomba meiga, pomba da esperanza!

Eu t'ó juro, menina, tenho visto
Cousas terriveis — mas jamais vi cousa
Mais feroz do que um riso de criança!





IDEAL



AQUELLA, que eu adoro, não é feita
De lyrios nem de rosas purpurinas,
Não tem as formas languidas, divinas
Da antiga Venus de cintura estreita . . .

Não é a Circe, cuja mão suspeita
Compõe filtros mortaes entre ruinas,
Nem a Amazona, que se agarra ás crinas
D'um corcel e combate satisfeita . . .

A mim mesmo pergunto, e não atino
Com o nome que dê a essa visão,
Que ora amostra ora esconde o meu destino . . .

É como uma miragem que entrevejo,
Ideal, que nasceu na solidão,
Nuvem, sonho impalpavel do Desejo . . .





EMQUANTO OUTROS COMBATEM



EMPUNHASSE eu a espada dos valentes!
Impellisse-me a acção, embriagado,
Por esses campos onde a Morte e o Fado,
Dão a lei aos reis tremulos e ás gentes!

Respirariam meus pulmões contentes
O ar de fogo do circo ensanguentado ...
Ou cahira radioso, amortalhado
Na fulva luz dos gladios reluzentes!

Já não veria dissipar-se a aurora
De meus inuteis annos, sem uma hora
Viver mais que de sonhos e anciedade!

Já não veria em minhas mãos piedosas
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas
D'esta pallida e esteril mocidade!





DESPONDENCY

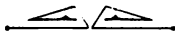


DEIXAL-A ir, a ave, a quem roubaram
Ninho e filhos e tudo, sem piedade...
Que a leve o ar sem fim da soledade
Onde as azas partidas a levaram...

Deixa-la ir a vela, que arrojaram
Os tufões pelo mar, na escuridade,
Quando a noite surgiu da immensidade,
Quando os ventos do Sul se levantaram...

Deixa-la ir, a alma lastimosa,
Que perdeu fé e paz e confiança,
À morte queda, á morte silenciosa...

Deixal-a ir, a nota desprendida
D'um canto extremo... e a ultima esperança...
E a vida... e o amor... deixal-a ir, a vida!





DAS UNNENNBARE



Oh chimera, que passas embalada
Na onda dos meus sonhos dolorosos,
E roças co'os vestidos vaporosos
A minha fronte pallida e cansada!

Leva-te o ar da noite socegada . . .
Pergunto em vão, com olhos anciosos,
Que nome é que te dão os venturosos
No teu paiz, mysteriosa fada!

Mas que destino o meu! e que luz baça
A d'esta aurora, igual á do sol posto,
Quando só nuvem livida esvoaça!

Que nem a noite uma illusão consinta!
Que só de longe e em sonhos te presinta . . .
E nem em sonhos possa ver-te o rosto!





METEMPSYCHOSE

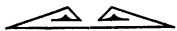


ARDENTES filhas do prazer, dizei-me!
Vossos sonhos quaes são, depois da orgia?
Acaso nunca a imagem fugidia
Do que fostes, em vós se agita e freme?

N'outra vida e outra esfera, aonde geme
Outro vento, e se accende um outro dia,
Que corpo tinheis? que materia fria
Vossa alma incendiou, com fogo estreme?

Vós fostes nas florestas bravas feras,
Arrastando, leõas ou pantheras,
De dentadas de amor um corpo exangue...

Mordei pois esta carne palpitante,
Feras feitas de gaze fluctuante,
Lobas! leõas! sim, bebei meu sangue!





UMA AMIGA



AQUELLES, que eu amei, não sei que vento
Os dispersou no mundo, que os não vejo ...
Estendo os braços e nas trevas beijo
Visões que á noite evoca o sentimento ...

Outros me causam mais cruel tormento
Que a saudade dos mortos ... que eu invejo ...
Passam por mim, mas como que têm pejo
Da minha soledade e abatimento !

D'aquella primavera venturosa
Não resta uma flor só, uma só rosa ...
Tudo o vento varreu, queimou o gelo !

Tu só foste fiel — tu, como d'antes,
Inda volves teus olhos radiantes ...
Para ver o meu mal ... e escarnecel-o !





A UMA MULHER ✓



PARA tristezas, para dor nasceste.
Podia a sorte por-te o berço estreito
N'algum palacio e ao pé de regio leito,
Em vez d'este areal onde cresceste:

Podia abrir-te as flores — com que veste
As ricas e as felizes — n'esse peito;
Fazer-te . . . o que a Fortuna ha sempre feito . . .
Terias sempre a sorte que tiveste!

Tinhas de ser assim . . . Teus olhos fitos,
Que não são d'este mundo e onde eu leio
Uns mysterios tão tristes e infinitos,

Tua voz rara e esse ar vago e esquecido,
Tudo me diz a mim, e assim o creio,
Que para isto só tinhas nascido!





VOZ DO OUTOMNO



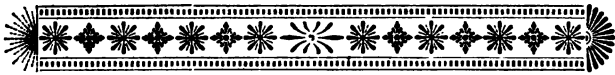
Ouve tu, meu cansado coração,
O que te diz a voz da Natureza:
— «Mais te valera, nu e sem defesa,
Ter nascido em asperrima soidão,

Ter gemido, ainda infante, sobre o chão
Frio e cruel da mais cruel devesa,
Do que emballar-te a Fada da Belleza,
Como emballou, no berço da Illusão!

Mais valera á tua alma visionaria
Silenciosa e triste ter passado
Por entre o mundo hostil e a turba varia,

(Sem ver uma só flor, das mil, que amaste)
Com odio e raiva e dor ... que ter sonhado
Os sonhos ideaes que tu sonhaste!» —





SEPULTURA ROMANTICA

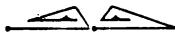


Ali, onde o mar quebra, n'um cachão
Rugidor e monotono, e os ventos
Erguem pelo areal os seus lamentos,
Ali se hade enterrar meu coração.

Queimem-n'os os soes da adusta solidão
Na fornalha do estio, em dias lentos:
Depois, no inverno, os sopros violentos
Lhe revolvam em torno o arido chão...

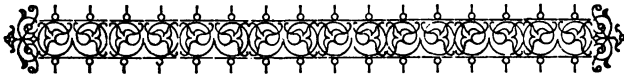
Até que se desfaça e, já tornado
Em impalpavel pó, seja levado
Nos turbilhões que o vento levantar...

Com suas luctas, seu cançado aneio,
Seu louco amor, dissolva-se no seio
D'esse infecundo, d'esse amargo mar!



、 1864—1874





A IDEIA

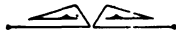
I

Pois que os deuses antigos e os antigos
Divinos sonhos por esse ar se somem,
E á luz do altar da fé, em Templo ou Dolmen,
A apagaram os ventos inimigos;

Pois que o Sinai se ennubula e os seus pascigos,
Seccos á mingua de agua, se consomem,
E os prophetas d'outrora todos dormem
Esquecidos, em terra sem abrigo;

Pois que o céo se fechou e já não desce
Na escada de Jacob (na de Jesus!)
Um só anjo, que aceite a nossa prece;

E' que o lyrio da Fé já não renasce:
Deus tapou com a mão a sua luz
E ante os homens velou a sua face!





II

PALLIDO Christo, oh conductor divino!
A custo agora a tua mão tão doce
Incerta nos conduz, como se fosse
Teu grande coração perdendo o tino . . .

A palavra sagrada do Destino
Na bocca dos oráculos seccou-se:
A luz da sarça ardente dissipou-se
Ante os olhos do vago peregrino!

Ante os olhos dos homens— porque o mundo
Desprendido rolou das mãos de Deus,
Como uma cruz das mãos d'um moribundo!

Porque já se não lê seu nome escrito
Entre os astros . . . e os astros, como atheus,
Já não querem mais lei que o infinito.





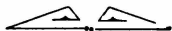
III

FORÇA é pois ir buscar outro caminho!
Lançar o arco de outra nova ponte
Por onde a alma passe — e um alto monte
Aonde se abra á luz o nosso ninho.

Se nos negam aqui o pão e o vinho,
Avante! é largo, immenso esse horizonte...
Não, não se fecha o mundo! e alem, defronte,
E em toda a parte ha luz, vida e carinho!

Avante! os mortos ficarão sepultos...
Mas os vivos que sigam, sacudindo
Como o pó da estrada os velhos cultos!

Doce e brando era o seio de Jesus...
Que importa? havemos de passar, seguindo,
Se alem do seio d'elle h'ouver mais luz!





IV

CONQUISTA pois sósinho o teu futuro,
Já que os celestes guias te hão deixado,
Sobre uma terra ignota abandonado,
Homem — proscrito rei — mendigo escuro!

Se não tens que esperar do céu (tão puro,
Mas tão cruel!) e o coração magoado
Sentes já de illusões desenganado,
Das illusões do antigo amor perjuro;

Ergue-te, então, na magestade estoica
D'uma vontade solitaria e altiva,
N'um esforço supremo de alma heroica!

Faze um templo dos muros da cadeia,
Prendendo a immensidade eterna e viva
No circulo de luz da tua Idea!





V

MAS a Idea quem é? quem foi que a vio,
Jámais, a essa encoberta peregrina?
Quem lhe beijou a sua mão divina?
Com seu olhar de amor quem se vestio?

Pallida imagem, que a agua de algum rio,
Reflectindo, levou . . . incerta e fina
Luz, que mal bruxulêa pequenina . . .
Nuvem, que trouxe o ar, e o ar sumio . . .

Estendei, estendei-lhe os vossos braços,
Magros da febre d'um sonhar profundo,
Vós todos que a seguis n'esses espaços!

E emtanto, oh alma triste, alma chorosa,
Tu não tens outra amante em todo o mundo
Mais que essa fria virgem desdenhosa!





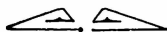
VI

OUTRA amante não ha! não ha na vida
Sombra a cobrir melhor nossa cabeça,
Nem balsamo mais doce, que adormeça
Em nós a antiga, a secular ferida!

Quer fuja esquiva, ou se offereça erguida,
Como quem sabe amar e amar confessa,
Quer nas nuvens se esconda ou appareça,
Será sempre ella a esposa promettida!

Nossos desejos para ti, oh fria,
Se erguem, bem como os braços do proscripto
Para as bandas da patria, noite e dia.

Podes fugir . . . nossa alma, delirante,
Seguir-te-ha a través do infinito,
Até voltar contigo, triumphante!





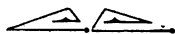
VII

Oh! o noivado barbaro! o noivado
Sublime! aonde os céos, os céos ingentes,
Serão leito de amor, tendo pendentes
Os astros por docel e cortinado!

As bodas do Desejo, embriagado
De ventura a final! visões ferventes
De quem nos braços vae de ideaes ardentes
Por espaços sem termo arrebatado!

Lá, por onde se perde a phantasia
No sonho da belleza; lá, aonde
A noite tem mais luz que o nosso dia;

Lá, no seio da eterna claridade,
Aonde Deus á humana voz responde;
E' que te havemos de abraçar, Verdade!





VIII

Lá! Mas aonde é lá! aonde? — Espera,
Coração indomado! o céu, que aneia
A alma fiel, o céu, o céu da Ideia,
Em vão o buscas n'essa imensa esfera!

O espaço é mudo: a immensidade austera
De balde noite e dia se incendeia . . .
Em nenhum astro, em nenhum sol se alteia
A rosa ideal da eterna primavera!

O Paraiso e o templo da Verdade,
Oh mundos, astros, soes, constellações!
Nenhum de vós o tem na immensidade . . .

A Ideia, o summo Bem, o Verbo, a Essencia
Só se revela aos homens e ás nações
No céu incorruptível da Consciencia!





A UM CRUCIFIXO

Lendo, passados 12 annos, o soneto da parte 1.^a que tem o mesmo titulo



Não se perdeu teu sangue generoso,
Nem padeceste em vão, quem quer que foste,
Plebeu antigo, que amarrado ao poste
Morreste como vil e faccioso.

D'esse sangue maldito e ignominioso
Surgiu armada uma invencivel hoste...
Paz aos homens e guerra aos deuses! — poz-te
Em vão sobre um altar o vulgo ocioso...

Do pobre que protesta foste a imagem:
Um povo em ti começa, um homem novo:
De ti data essa tragica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar n'isto,
Lembraremos, herdeiros d'esse povo,
Que entre nossos avós se conta Christo.





DIALOGO

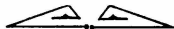


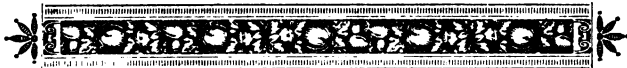
A CRUZ dizia á terra onde assentava,
Ao valle obscuro, ao monte aspero e mudo:
— Que és tu, abysmo e jaula, aonde tudo
Vive na dor e em lucta cega e brava?

Sempre em trabalho, condemnada escrava,
Que fazes tu de grande e bom, comtudo?
Resignada, és só lodo informe e rudo;
Revoltosa, és só fogo e horrida lava . . .

Mas a mim não ha alta e livre serra
Que me possa igualar! . . . amor, firmeza
Sou eu só: sou a paz, tu és a guerra!

Sou o espirito, a luz! . . . tu és tristeza,
Oh lodo escuro e vil! — Porém a terra
Respondeu: Cruz, eu sou a Natureza!





MAIS LUZ!

(A Guilherme de Azevedo)

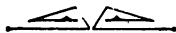


AMEM a noite os magros crapulosos,
E os que sonham com virgens impossiveis,
E os que se inclinam, mudos e impassiveis,
À borda dos abysmos silenciosos . . .

Tu, lua, com teus raios vaporosos,
Cobre-os, tapa-os e torna-os insensiveis,
Tanto aos vicios crueis e inextinguiveis,
Como aos longos cuidados dolorosos!

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio-dia, em vida refervendo,
E a tarde rumorosa e repousada.

Viva e trabalhe em plena luz: depois,
Seja-me dado ainda ver, morrendo,
O claro sol, amigo dos heroes!





THESE E ANTITHESE



I

Já não sei o que vale a nova idea,
Quando a vejo nas ruas desgrenhada,
Torva no aspecto, á luz da barricada,
Como bacchante após lubrica ceia . . .

Sanguinolento o olhar se lhe incendeia;
Respira fumo e fogo embriagada:
A deusa de alma vasta e socegada
Eil-a presa das fúrias de Medea!

Um seculo irritado e truculento
Chama á epilepsia pensamento,
Verbo ao estampido de pelouro e obuz . . .

Mas a idea é n'um mundo inalteravel,
N'um crystallino céo, que vive estavel . . .
Tu, pensamento, não és fogo, és luz!





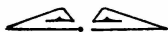
II

N^{UM} céo intemerato e crystallino
Póde habitar talvez um Deus distante,
Vendo passar em sonho cambiante
O Ser, como espectáculo divino.

Mas o homem, na terra onde o destino
O lançou, vive e agita-se incessante:
Enche o ar da terra o seu pulmão possante . . .
Cá da terra blasphema ou ergue um hymno . . .

A idea encarna em peitos que palpitam:
O seu pulsar são chamas que crepitam,
Paixões ardentes como vivos soes!

Combatei pois na terra arida e bruta,
Té que a revolve o remoinhar da lucta,
Té que a fecunde o sangue dos heroes!





JUSTITIA MATER

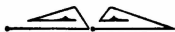


Nas florestas solennes ha o culto
Da eterna, intima força primitiva:
Na serra, o grito audaz da alma captiva,
Do coração, em seu combate inulto :

No espaço constellado passa o vulto
Do innominado Alguem, que os soes aviva :
No mar ouve-se a voz grave e afflictiva
D'um Deus que lucta, poderoso e inulto.

Mas nas negras cidades, onde sôlta
Se ergue, de sangue medida, a revolta,
Como incendio que um vento bravo atiaçã,

Ha mais alta missão, mais alta gloria :
O combater, á grande luz da historia,
Os combates eternos da Justiça!





PALAVRAS D'UM CERTO MORTO



HA mil annos, e mais, que aqui estou morto,
Posto sobre um rochedo á chuva e ao vento:
Não ha como eu espectro macilento,
Nem mais disforme que eu nenhum aborto ...

Só o espirito vive: vela absorto
N'um fixo, inexoravel pensamento:
«Morto, enterrado em vida!» o meu tormento
É isto só ... do resto não me importo ...

Que vivi sei-o eu bem ... mas foi um dia,
Um dia só — no outro, a Idolatria
Deu-me um altar e um culto ... ai! adoraram-me,

Como se eu fosse *alguem!* como se a Vida
Podesse ser *alguem!* — logo em seguida
Disseram que era um Deus ... e amortalharam-me!





A UM POETA

Surge et ambula



Tu, que dormes, espirito sereno,
Posto á sombra dos cedros seculares,
Como um levita á sombra dos altares,
Longe da lucta e do fragor terreno,

Acorda! é tempo! O sol, já alto e pleno,
Afugentou as larvas tumulares ...
Para surgir do seio d'esses mares,
Um mundo novo espera só um aceno ...

Escuta! é a grande voz das multidões!
São teus irmãos, que se erguem! são canções ...
Mas de guerra ... e são vozes de rebate!

Ergue-te pois, soldado do Futuro,
E dos raios de luz do sonho puro,
Sonhador, faze espada de combate!





HYMNO Á RAZAO



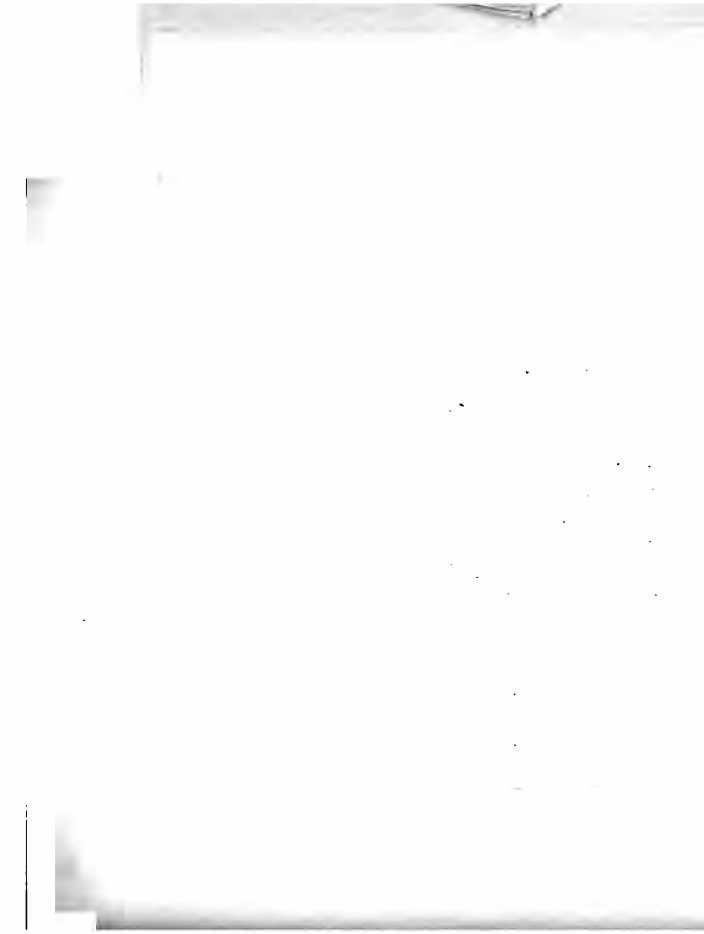
RAZÃO, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece.
É a voz d'um coração que te appetite,
D'uma alma livre, só a ti submissa.

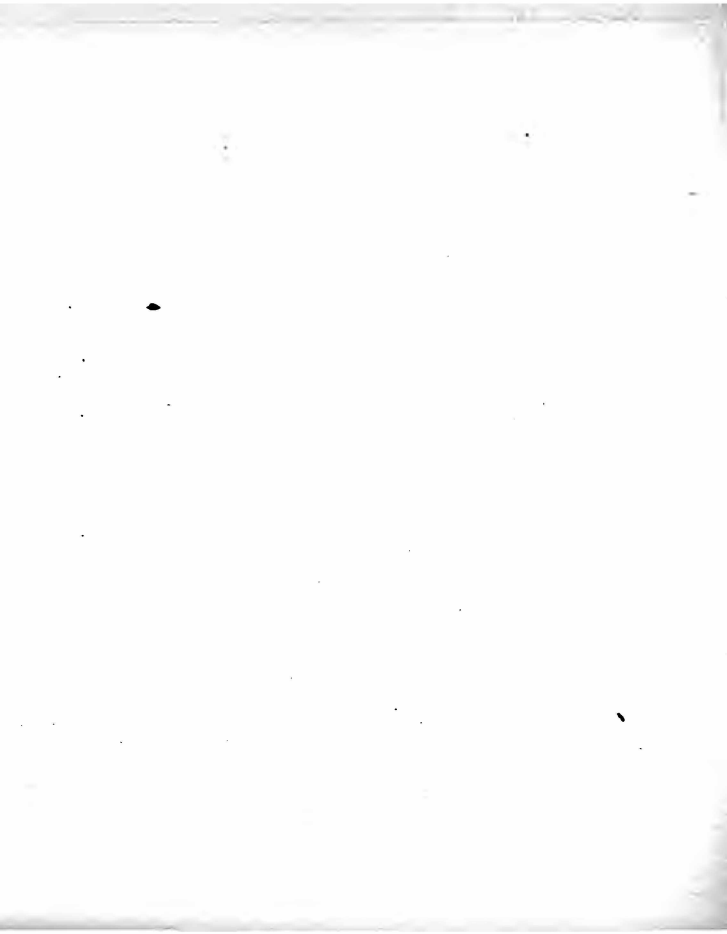
Por ti é que a poeira movediça
De astros e soes e mundos permanece;
E é por ti que a virtude prevalece,
E a flor do heroismo medra e viça.

Por ti, na arena tragica, as noções
Buscam a liberdade, entre clarões;
E os que olham o futuro e scismam, mudos,

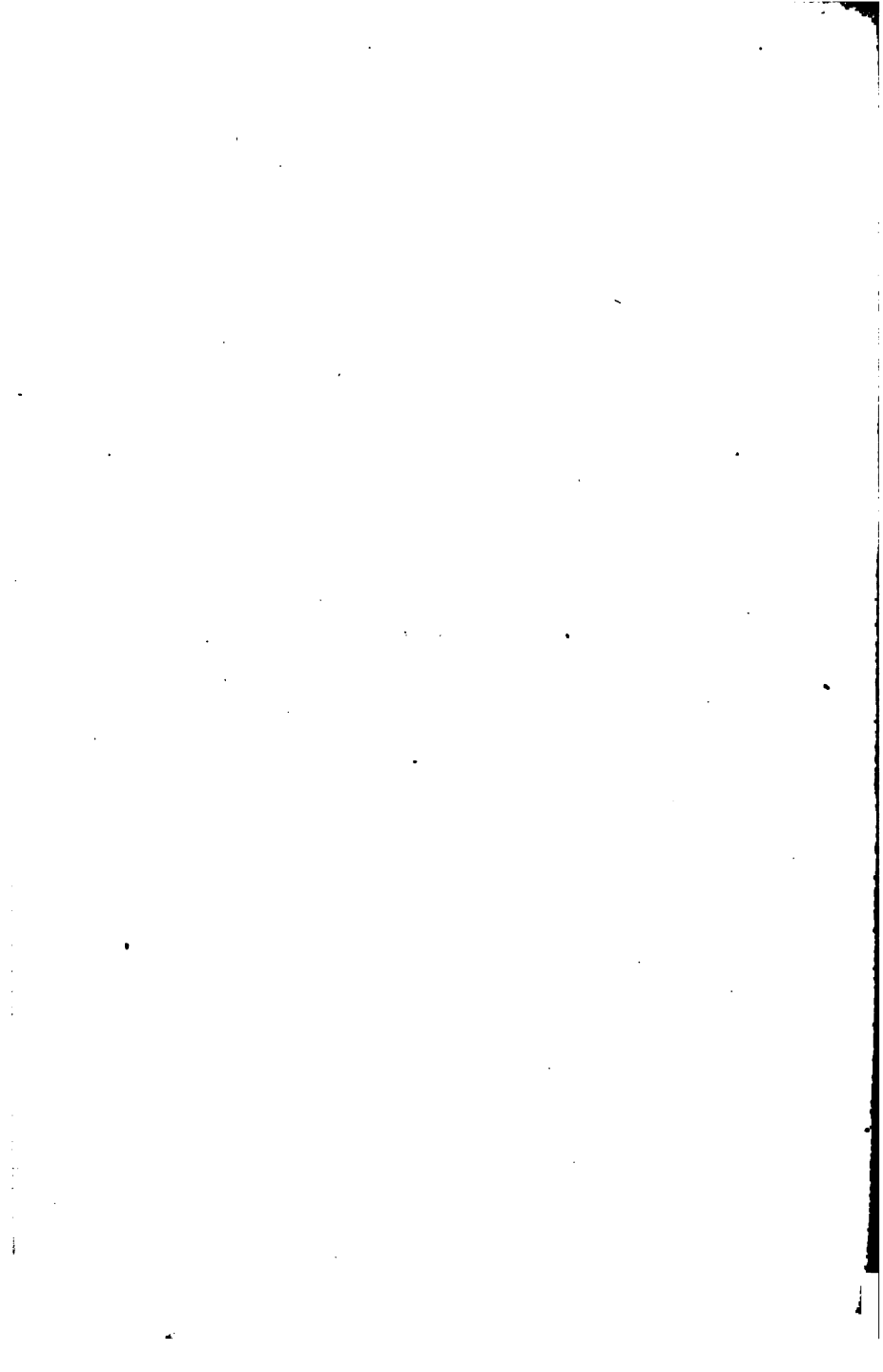
Por ti, podem soffrer e não se abatem,
Mãe de filhos robustos, que combatem,
Tendo o teu nome escrito em seus escudos!







1874--1880





HOMO

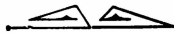


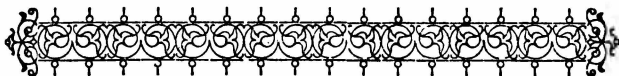
NENHUM de vós ao certo me conhece,
Astros do espaço, ramos do arvoredado,
Nenhum adivinhou o meu segredo,
Nenhum interpretou a minha prece . . .

Ninguém sabe quem sou . . . e mais, parece
Que ha dez mil annos já, neste degedo,
Me vê passar o mar, vê-me o rochedo
E me contempla a aurora que alvorece . . .

Sou um parto da Terra monstruoso ;
Do humus primitivo e tenebroso
Geração casual, sem pae nem mãe . . .

Mixto infeliz de trevas e de brilho,
Sou talvez Satanaz ; — talvez um filho
Bastardo de Jehovah ; — talvez ninguém !





DISPUTA EM FAMILIA

Dixit insipiens in corde suo: non est Deus

I

SAB das nuvens, levanta a fronte e escuta
 O que dizem teus filhos rebellados,
 Velho Jehovah de longa barba hirsuta,
 Solitario em teus Céos acastellados:

«— Cessou o imperio emfim da força bruta!
 Não soffreremos mais, emancipados,
 O tyranno, de mão tenaz e astuta,
 Que mil annos nos trouxe arrebanhados!

«Emquanto tu dormias impassivel,
 Topámos no caminho a liberdade
 Que nos sorriu com gesto indefinivel...

«Já provámos os fructos da verdade...
 Ó Deus grande, ó Deus forte, ó Deus terrivel,
 Não passas d'uma vã banalidade!—»





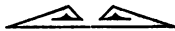
II

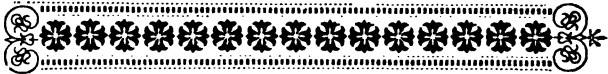
MAS o velho tyranno solitario,
De coração austero e endurecido,
Que um dia, de enjoado ou distrahido,
Deixou matar seu filho no Calvario,

Sorriu com rir extranho, ouvindo o vario
Tumultuoso côro e alarido
Do povo insipiente, que atrevido,
Erguia a voz em grita ao seu sacrario:

« — Vanitas vanitatum! (disse). E' certo
Que o homem vão medita mil mudanças,
Sem achar mais do que erro e desacerto.

« Muito antes de nascerem vossos paes
D'um barro vil, ridiculas crianças,
Sabia eu tudo isso . . . e muito mais! — »





MORS LIBERATRIX

(A Bulhão Pato)



NA tua mão, sombrio cavalleiro,
Cavalleiro vestido de armas pretas,
Brilha uma espada feita de cometas,
Que rasga a escuridão, como um luzeiro.

Caminhas no teu curso aventureiro,
Todo envolto na noite que projectas ...
Só o gladio de luz com fulvas betas
Emerge do sinistro nevoeiro.

— «Se esta espada que empunho é coruscante,
(Responde o negro cavalleiro-andante)
É porque esta é a espada da Verdade.

Firo mas salvo ... Prostro e desbarato,
Mas consólo ... Subverto, mas resgato ...
E, sendo a Morte, sou a liberdade.»





O INCONSCIENTE



O ESPECTRO familiar que anda commigo,
Sem que podesse ainda ver-lhe o rosto,
Que umas vezes encaro com desgosto
E outras muitas ancioso espreito e sigo,

É um espectro mudo, grave, antigo,
Que parece a conversas mal disposto . . .
Ante esse vulto, ascetico e composto
Mil vezes abro a bocca . . . e nada digo.

Só uma vez ousei interrogal-o:
« Quem és (lhe perguntei com grande abalo)
Phantasma a quem odeio e a quem amo ? »

— « Teus irmãos (respondeu) os vãos humanos,
Chamam-me Deus, ha mais de dez mil annos . . .
Mas eu por mim não sei como me chamo . . . »





MORS-AMOR

(A Luiz de Magalhães)



Esse negro corcel, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galope, me apparece
Da noite nas phantasticas estradas,

D'onde vem elle? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavalleiro de expressão potente,
Formidavel, mas placido, no porte,
Vestido de armadura reluzente,

Cavalga a fera extranha sem temor,
E o corcel negro diz: «Eu sou a Morte!»
Responde o cavalleiro: «Eu sou o Amor!»





ESTOICISMO

(A Manoel Duarte de Almeida)



Tu que não crês, nem amas, nem esperas,
Espírito de eterna negação,
Teu halito gelou-me o coração
E destroçou-me da alma as primaveras . . .

Atravessando regiões austeras,
Cheias de noite e cava escuridão,
Como n'um sonho mau, só ouço um não,
Que eternamente ecoa entre as esferas . . .

— Porque suspiras, porque te lamentas,
Cobarde coração ? Debalde intentas
Oppor á Sorte a queixa do egoismo . . .

Deixa aos tímidos, deixa aos sonhadores
A esperança vã, seus vãos fulgores . . .
Sabe tu encarar sereno o abysmo !





ANIMA MEA



ESTAVA a Morte ali, em pé, deante,
Sim, deante de mim, como serpente
Que dormisse na estrada e de repente
Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a funebre bacchante!
Que torvo olhar! que gesto de demente!
E eu disse-lhe: «Que buscas, impudente,
Loba faminta, pelo mundo errante?»

— «Não temas, respondeu (e uma ironia
Sinistramente extranha, atroz e calma,
Lhe torceu cruelmente a bocca fria).

Eu não busco o teu corpo ... Era um trophéo
Glorioso de mais ... Busco a tua alma.» —
Respondi-lhe! «A minha alma já morreu?»





DIVINA COMEDIA

(Ao Dr. José Falcão)

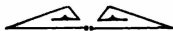


ERGUENDO os braços para o céu distante
E apostrophando os deuses invisíveis,
Os homens clamam: — «Deuses impassíveis,
A quem serve o destino triunphante,

Porque é que nos criastes?! Incessante
Corre o tempo e só gera, inextinguíveis,
Dor, peccado, illusão, luctas horríveis,
N'um turbilhão cruel e delirante . . .

Pois não era melhor na paz clemente
Do nada e do que ainda não existe,
Ter ficado a dormir eternamente?

Porque é que para a dor nos evocastes? »
Mas os deuses, com voz inda mais triste,
Dizem: — «Homens! porque é que nos criastes? »





ESPIRITUALISMO



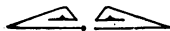
I

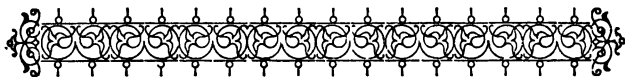
Como um vento de morte e de ruina,
A Duvida soprou sobre o Universo.
Fez-se noite de subito, immerso
O mundo em densa e algida neblina.

Nem astro já reluz, nem ave trina,
Nem flor sorri no seu aereo berço.
Um veneno subtil, vago, disperso,
Empeçonhou a criação divina.

E, no meio da noite monstruosa,
Do silencio glacial, que paira e estende
O seu sudario, d'onde a morte pende,

Só uma flor humilde, mysteriosa,
Como um vago protesto da existencia,
Desabroxa no fundo da Consciencia.





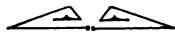
II

DORME entre os gelos, flor immaculada!
Lucta, pedindo um ultimo clarão
Aos soes que ruem pela immensidão,
Arrastando uma aureola apagada...

Em vão! Do abysmo a bocca escancarada
Chama por ti na gélida amplidão...
Sobe do poço eterno, em turbilhão,
A treva primitiva conglobada...

Tu morrerás tambem. Um ai supremo,
Na noite universal que envolve o mundo,
Hade echoar, e teu perfume extremo

No vacuo eterno se esvahirá disperso
Como o alento final d'um moribundo,
Como o ultimo suspiro do Universo.





O CONVERTIDO

(A Gonçalves Crespo)

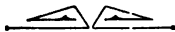


ENTRE os filhos d'um seculo maldito
Tomei tambem logar na impia mesa,
Onde, sob o folgar, geme a tristeza
D'uma ancia impotente de infinito.

Como os outros, cuspi no altar avito
Um rir feito de fel e de impureza...
Mas, um dia, abalou-se-me a firmeza,
Deu-me rebate o coração contrito!

Erma, cheia de tédio e de quebranto,
Rompendo os diques ao represado pranto,
Virou-se para Deus minha alma triste!

Amortalhei na fé o pensamento,
E achei a paz na inercia e esquecimento...
Só me falta saber se Deus existe!





ESPECTROS



ESPECTROS que velaes, emquanto a custo
Adormeço um momento, e que inclinados
Sobre os meus somnos curtos e cansados
Me encheis as noites de agonia e susto!...

De que me vale a mim ser puro e justo,
E entre combates sempre renovados
Disputar dia a dia á mão dos Fados
Uma parcella do saber augusto,

Se a minh'alma hade ver, sobre si fitos,
Sempre esses olhos tragicos, malditos!
Se até dormindo, com angustia immensa,

Bem os sinto verter sobre o meu leito,
Uma a uma verter sobre o meu peito
As lagrimas geladas da descrença!





À VIRGEM SANTÍSSIMA

(Cheia de graça, Mãe de Misericórdia)

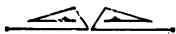


N'UM sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizível anciedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra luz, era outra suavidade
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

O visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!





NOX

(A Fernando Leal)

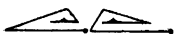


NORRE, vão para ti meus pensamentos,
Quando olho e vejo, á luz cruel do dia,
Tanto esteril lutar, tanta agonia,
E inuteis tantos asperos tormentos...

Tu, ao menos, abafas os lamentos,
Que se exalam da tragica enxovia...
O eterno Mal, que rug e desvaria,
Em ti descansa e esquece, alguns momentos...

Oh! antes tu tambem adormecesses
Por uma vez, e eterna, inalteravel,
Cahindo sobre o mundo, te esquecesses,

E elle, o mundo, sem mais lutar nem ver,
Dormisse no teu seio inviolavel,
Noite sem termo, noite do Não-ser!





EM VIAGEM



Pelo caminho estreito, aonde a custo
Se encontra uma só flor, ou ave, ou fonte,
Mas só bruta aridez de aspero monte
E os soes e a febre do areal adusto,

Pelo caminho estreito entrei sem susto
E sem susto encarei, vendo-os defronte,
Phantasmas que surgiam do horizonte
A accommetter meu coração robusto...

Quem sois vós, peregrinos singulares?
Dor, Tédio, Desenganos e Pesares...
Atraz d'elles a Morte espreita ainda...

Conheço-vos. Meus guias derradeiros
Sereis vós. Silenciosos companheiros,
Bemvidos, pois, e tu, Morte, bemvinda!





QUIA ÆTERNUS

(A Joaquim de Araujo)



Não morreste, por mais que o brade á gente
Uma orgulhosa e vã philosophia . . .
Não se sacode assim tão facilmente
O jugo da divina tyrannia !

Clamam em vão, e esse triumpho ingente
Com que a Razão—coitada!—se inebria,
É nova forma, apenas, mais pungente,
Da tua eterna, tragica ironia.

Não, não morreste, espectro ! o Pensamento
Como d'antes te encara, e és o tormento
De quantos sobre os livros desfallecem.

E os que folgam na orgia impia e devassa
Ai! quantas vezes, ao erguer a taça,
Param, e estremecendo, empallidecem!





NO TURBILHÃO

(A Jayme Batalha Reis)

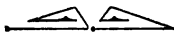


No meu sonho desfilam as visões,
Espectros dos meus próprios pensamentos,
Como um bando levado pelos ventos,
Arrebatado em vastos turbilhões . . .

N'uma espiral, de estranhas contorsões,
E d'onde saem gritos e lamentos,
Vejo-os passar, em grupos nevoentos,
Distingo-lhes, a espaços, as feições . . .

—Phantasmas de mim mesmo e da minha alma,
Que me fitaes com formidavel calma,
Levados na onda turva do escarcéo,

Quem sois vós, meus irmãos e meus algozes?
Quem sois, visões miserrimas e atrozes?
Ai de mim! ai de mim! e quem sou eu?! . . .





IGNOTUS

(A. Salomão Sáragga)



ONDE te escondes? Eis que em vão clamamos,
Suspirando e erguendo as mãos em vão!
Já a voz enrouquece e o coração
Está cansado — e desesperamos...

Por céo, por mar e terras procuramos
O Espirito que enche a solidão,
E só a propria voz na immensidão
Fatigada nos volve... e não te achamos!

Céos e terra, clamae, aonde? aonde? —
Mas o espirito antigo só responde,
Ent tom de grande tédio e pezar:

— Não vos queixeis, ó filhos da anciedade,
Que eu mesmo, desde toda a eternidade,
Tambem me busco a mim... sem me encontrar!





NO CIRCO

(A João de Deus)

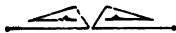


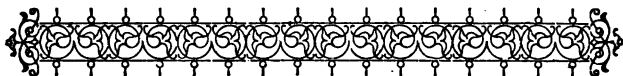
Muito longe d'aqui, nem eu sei quando,
Nem onde era esse mundo, em que eu vivia . . .
Mas tão longe . . . que até dizer podia
Que emquanto lá andei, andei sonhando . . .

Porque era tudo alli aereo e brando,
E lucida a existencia amanhecia . . .
E eu . . . leve como a luz . . . até que um dia
Um vento me tomou; e vim rolando . . .

Cahi e achei-me, de repente, envolto
Em lucta bestial, na arena fera,
Onde um bruto furor bramia solto.

Senti um monstro em mim nascer n'essa hora,
E achei-me de improviso feito fera . . .
— É assim que rujo entre leões agora!





NIRVANA

(A Guerra Junqueiro)



PARA alem do Universo luminoso,
Cheio de formas, de rumor, de lida,
De forças, de desejos e de vida,
Abre-se como um vacuo tenebroso.

A onda d'esse mar tumultuoso
Vem ali expirar, esmaecida . . .
N'uma immobilidade indefinida
Termina alli o ser, inerte, ocioso . . .

E quando o pensamento, assim absorto,
Emerge a custo d'esse mundo morto
E torna a olhar as cousas naturaes,

À bella luz da vida, ampla, infinita,
Só vê com tedio, em tudo quanto fita,
A illusão e o vazio universaes.





CONSULTA

(A Alberto Sampaio)



CHAMEI em volta do meu frio leito
As memorias melhores de outra idade,
Formas vagas, que ás noites, com piedade,
Se inclinam, a espreitar, sobre o meu peito . . .

E disse-lhes:—No mundo immenso e estreito
Valia a pena, acaso, em anciedade
Ter nascido ? dizei-m'o com verdade,
Pobres memorias que eu ao seio estreito . . .

Mas ellas perturbaram-se — coitadas!
E empallideceram, contristadas.
Ainda a mais feliz, a mais serena . . .

E cada uma d'ellas, lentamente.
Com um sorriso morbido, pungente,
Me respondeu:—Não, não valia a pena!





VISÃO

(A J. M. Eça de Queiroz)

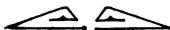


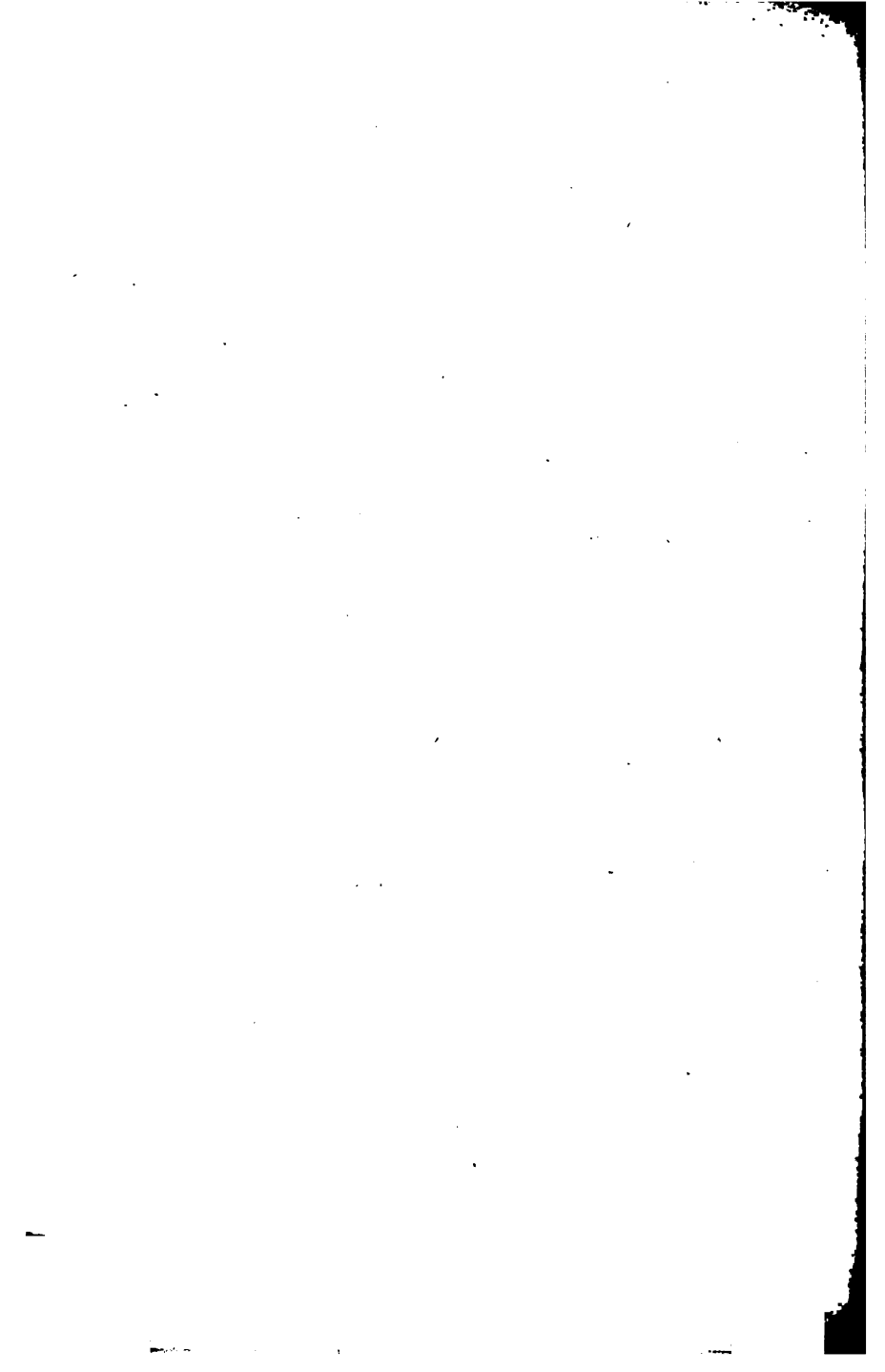
Eu vi o Amor — mas nos seus olhos baços
Nada sorria já: só fixo e lento
Morava agora alli um pensamento
De dor sem tregua e de intimos cansaços.

Pairava, como espectro, nos espaços,
Todo envolto n'um nimbo pardacento . . .
Na attitude convulsa do tormento,
Torcia e retorcia os magros braços . . .

E arrancava das azas destroçadas
A uma e uma as pennas maculadas,
Soltando a espaços um soluço fundo,

Soluço de ódio e raiva impenitentes . . .
E do phantasma as lagrimas ardentes
Cahiam lentamente sobre o mundo!





1880—1884





TRANSCENDENTALISMO

(A. J. P. Oliveira Martins)

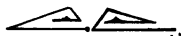


Já socega, depois de tanta lucta,
Já me descansa em paz o coração.
Cahi na conta, enfim, de quanto é vão
O bem que ao Mundo e á Sorte se disputa.

Penetrando, com fronte não enxuta,
No sacrario do templo da Illusão,
Só encontrei, com dor e confusão,
Trevas e pó, uma materia bruta...

Não é no vasto mundo — por immenso
Que elle pareça á nossa mocidade —
Que a alma sacia o seu desejo intenso...

Na esphera do invisivel, do intangivel,
Sobre desertos, vacuo, soledade,
Voa e paira o espirito impassivel!





EVOLUÇÃO

(A Santos Valente)



Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
Tronco ou ramo na incognita floresta . . .
Onda, espumei, quebrando-me na aresta
Do granito, antiquissimo inimigo . . .

Rugi, fera talvez, buscando abrigo
Na caverna que ensombra urze e giesta;
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No limoso paúl, glauco pascigo . . .

Hoje sou homem — e na sombra enorme
Vejo, a meus pés, a escada multiforme,
Que desce, em espiraes, na immensidade . . .

Interrogo o infinito e ás vezes chóro . . .
Mas, estendendo as mãos no vacuo, adoro
E aspiro unicamente á liberdade.





ELOGIO DA MORTE



Morrer é ser iniciado.

ANTHOLOGIA GREGA.

I

Altas horas da noite, o Inconsciente
Sacode-me com força, e acordo em susto.
Como se o esmagassem de repente,
Assim me pára o coração robusto.

Não que de larvas me povoe a mente
Esse vacuo nocturno, mudo e augusto,
Ou forceje a razão porque afugente
Algum remorso, com que encara a custo...

Nem phantasmas nocturnos visionarios,
Nem desfilár de espectros mortuarios,
Nem dentro em mim terror de Deus ou Sorte...

Nada! o fundo d'um poço, humido e morno,
Um muro de silencio e treva em torno,
E ao longe os passos sepulchraes da Morte.





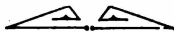
II

NA floresta dos sonhos, dia a dia,
Se interna meu dorido pensamento.
Nas regiões do vago esquecimento
Me conduz, passo a passo, a phantasia.

Atravesso, no escuro, a nevoa fria
D'um mundo extranho, que povoa o vento,
E meu queixoso e incerto sentimento
Só das visões da noite se confia.

Que mysticos desejos me enlouquecem?
Do Nirvâna os abysmos apparecem
A meus olhos, na muda immensidade!

N'esta viagem pelo ermo espaço,
Só busco o teu encontro e o teu abraço,
Morte! irmã do Amor e da Verdade!





III

Eu não sei quem tu és — mas não procuro
(Tal é a minha confiança) devassal-o.
Basta sentir-te ao pé de mim, no escuro,
Entre as formas da noite com quem falo.

Através de silencio frio è obscuro
Teus passos vou seguindo, e, sem abalo,
No cairel dos abysmos do Futuro
Me inclino á tua voz, para sondal-o.

Por ti me engolfo no nocturno mundo
Das visões da região inominada.
A ver se fixo o teu olhar profundo. . .

Fixal-o, comprehendel-o, basta uma hora,
Funerea Beatriz de mão gelada. . .
Mas unica Beatriz consoladora!





IV

Longo tempo ignorei (mas que cegueira
Me trazia este espirito enublado!)
Quem fosses tu, que andavas a meu lado,
Noite e dia, impassivel companheira...

Muitas vezes é certo, na canceira,
No tédio extremo d'um viver magoado,
Para ti levantei o olhar turbado,
Invocando-te, amiga verdadeira...

Mas não te amava então nem conhecia:
Meu pensamento inerte nada lia
Sobre essa muda fronte, austera e calma.

Luz intima, afinal alumiou-me...
Filha do mesmo pae, já sei teu nome,
Morte, irmã coeterna da minha alma!





V

QUE nome te darei, austera imagem,
Que avisto já n'um angulo da estrada,
Quando me desmaiava a alma prostrada
Do cansaço e do tedio da viagem?

Em teus olhos vê a turba uma voragem,
Cobre o rosto e recúa apavorada...
Mas eu confio em ti, sombra velada,
E cuido perceber tua linguagem...

Mais claros vejo, a cada passo, escritos,
Filha da noite, os lemmas do Ideal,
Nos teus olhos profundos sempre fitos...

Dormirei no teu seio inalteravel,
Na communhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolavel!





VI

Só quem teme o Não-ser é que se assusta
Com teu vasto silencio mortuario,
Noite sem fim, espaço solitario,
Noite da Morte, tenebrosa e augusta...

Eu não: minh'alma humilde mas robusta
Entra crente em teu atrio funerario:
Para os mais és um vacuo cinerario,
A mim sorri-me a tua face adusta.

A mim seduz-me a paz santa e ineffavel
E o silencio sem par do Inalteravel,
Que envolve o eterno amor no eterno luto.

Talvez seja peccado procurar-te,
Mas não sonhar contigo e adorar-te,
Não-ser, que és o Ser unico absoluto.





CONTEMPLAÇÃO

(A Francisco Machado de Faria e Maia)

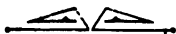


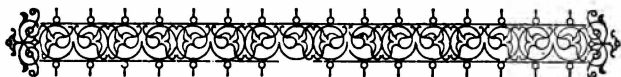
SONHO de olhos abertos, caminhando
Não entre as formas já e as apparencias,
Mas vendo a face immovel das essencias,
Entre ideas e espiritos pairando ...

Que é o mundo ante mim? fumo ondeando,
Visões sem ser, fragmentos de existencias ...
Uma nevoa de enganos e impotencias ...
Sobre vacuo insondavel rastejando ...

E d'entre a nevoa e a sombra universaes
Só me chega um murmurio, feito de ais ...
É a queixa, o profundissimo gemido

Das cousas, que procuram cegamente
Na sua noite e dolorosamente
Outra luz, outro fim só presentido ...





LACRIMÆ RERUM

(A Tommazzo Cannizzarro)



NOITE, irmã da Razão e irmã da Morte,
Quantas vezes tenho eu interrogado
Teu verbo, teu oraculo sagrado,
Confidente e interprete da Sorte!

Aonde vão teus soes, como cohorte
De almas inquietas, que conduz o Fado?
E o homem porque vaga desolado
E em vão busca a certeza, que o conforto?

Mas, na pompa de immenso funeral,
Muda, a noite, sinistra e triumphal,
Passa volvendo as horas vagarosas...

É tudo, em torno a mim, duvida e luto;
E, perdido n'um sonho immenso, escuto
O suspiro das cousas tenebrosas...





REDEMPÇÃO

(A' Ex.ma Sra.ª D. Celeste C. B. R.)



I

Vozes do mar, das arvores, do vento!
Quando ás vezes, n'um sonho doloroso,
Me embala o vosso canto poderoso,
Eu julgo igual ao meu vosso tormento...

Verbo crepuscular e intimo alento
Das cousas mudas; psalmo mysterioso;
Não serás tu, queixume vaporoso,
O suspiro do mundo e o seu lamento?

Um espirito habita a immensidade:
Uma ancia cruel de liberdade
Agita e abala as formas fugitivas.

E eu comprehendo a vossa lingua extranha,
Vozes do mar, da selva, da montanha...
Almas irmans da minha, almas captivas!





II

Não choreis, ventos, arvores e mares,
Côro antigo de vozes rumberosas,
Das vozes primitivas, dolorosas
Como um pranto de larvas tumulares ...

Da sombra das visões crepusculares
Rompendo, um dia, surgireis rumberosas
D'esse sonho e essas ancias affrontosas,
Que exprimem vossas queixas singulares ...

Almas no limbo ainda da existencia,
Accordareis um dia na Consciencia,
E pairando, já puro pensamento,

Vereis as Formas, filhas da Ilusão,
Cahir desfeitas, como um sonho vão ...
E acabará por fim vosso tormento.





VOZ INTERIOR

(A João de Deus)



EMBEBIDO n'um sonho doloroso,
Que atravessam phantasticos clarões,
Tropeçando n'um povo de visões,
Se agita meu pensar tumultuoso . . .

Com um bramir de mar tempestuoso
Que até aos céos arrojia os seus cachões,
Através d'uma luz de exalações,
Rodeia-me o Universo monstruoso . . .

Um ai sem termo, um tragico gemido
Echoa sem cessar ao meu ouvido,
Com horrivel, monotono vaivem . . .

Só no meu coração, que sondo e meço,
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
Em segredo protesta e afirma o Bem!





LUCTA

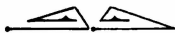
Fluxo e refluxo eterno...
JOÃO DE DEUS.

DORME a noite encostada nas colinas,
Como um sonho de paz e esquecimento
Desponta a lua. Adormeceu o vento,
Adormeceram valles e campinas...

Mas a mim, cheia de attracções divinas,
Dá-me a noite rebate ao pensamento.
Sinto em volta de mim, tropel nevoento,
Os Destinos e as Almas peregrinas!

Insondavel problema!... Apavorado
Recúa o pensamento!... E já prostrado
E estúpido á força de fadiga,

Fito inconsciente as sombras visionarias,
Emquanto pelas praias solitarias
Echoa, ó mar, a tua voz antiga.





LOGOS

(Ao snr. D. Nicolas Salmeron)



Tu, que eu não vejo, e estás ao pé de mim
E, o que é mais, dentro em mim — que me rodeias
Com um nimbo de affectos e de ideas,
Que são o meu principio, meio e fim ...

Que extranho ser és tu (se és ser) que assim
Me arrebatas contigo e me passeias
Em regiões innominadas, cheias
De encanto e de pavor ... de não e sim ...

És um reflexo apenas da minha alma,
E em vez de te encarar com fronte calma
Sobresalto-me ao ver-te, e tremo e exoro-te ...

Falo-te, calas ... calo, e vens attento ...
És um pae, um irmão, e é um tormento
Ter-te a meu lado ... és um tyranno, e adoro-te!





COM OS MORTOS



Os que amei, onde estão ? idos, dispersos,
Arrastados no gyro dos tufões,
Levados, como em sonho, entre visões,
Na fuga, no ruir dos universos . . .

E eu mesmo, com os pés também immersos
Na corrente e á mercê dos turbilhões,
Só vejo espuma livida, em cachões,
E entre ella, aqui e ali, vultos submersos . . .

Mas se paro um momento, se consigo
Fechar os olhos, sinto-os a meu lado
De novo, esses que amei : vivem commigo,

Vejo-os, ouço-os e ouvem-me também,
Juntos no antigo amor, no amor sagrado,
Na communhão ideal do eterno Bem.





OCEANO NOX

(A A. de Azevedo Castello Branco)



JUNTO do mar, que erguia gravemente
A tragica voz rouca, em quanto o vento
Passava como o vôo d'um pensamento
Que busca e hesita, inquieto e intermittente,

Junto do mar sentei-me tristemente,
Olhando o céu pesado e nevoento,
E interroguei, scismando, esse lamento
Que sahia das cousas, vagamente . . .

Que inquieto desejo vos tortura,
Seres elementares, força obscura?
Em volta de que idea gravitae?

Mas na immensa extensão, onde se esconde
O Inconsciente immortal, só me responde
Um bramido, um queixume, e nada mais . . .





COMMUNHÃO

(Ao snr. João Lobo de Moura)

REPRIMIREI meu pranto! . . . Considera
Quantos, minh'alma, antes de nós vagaram,
Quantos as mãos incertas levantaram
Sob este mesmo céu de luz austera! . . .

— Luz morta! amarga a propria primavera! —
Mas seus pacientes corações luctaram,
Crentes só por instincto, e se apoiaram
Na obscura e heroica fé, que os retempera . . .

E sou eu mais do, que elles? igual fado
Me prende á lei de ignotas multidões. —
Seguirei meu caminho confiado,

Entre esses vultos mudos, mas amigos,
Na humilde fé de obscuras gerações,
Na communhão dos nossos paes antigos.





SOLEMNIA VERBA

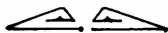


DISSE ao meu coração: Olha por quantos
Caminhos vãos andámos! Considera
Agora, d'esta altura fria e austera,
Os ermos que regaram nossos prantos...

Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!
E noite, onde foi luz de primavera!
Olha a teus pés o mundo e desespera,
Semeador de sombras e quebrantos!

Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: D'esta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi de mais o desengano e a dôr.





O QUE DIZ A MORTE

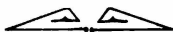


«DEIXAE-os vir a mim, os que lidaram;
Deixae-os vir a mim, os que padecem;
E os que cheios de magua e tédio encaram
As proprias obras vans, de que escarnecem ...

Em mim, os Sofrimentos que não saram,
Paixão, Duvida e Mal, se desvanecem.
As torrentes da Dôr, que nunca param,
Como n'um mar, em mim desaparecem.»—

Assim a morte diz. Verbo velado,
Silencioso interprete sagrado
Das cousas invisiveis, muda e fria,

É, na sua mudez, mais retumbante
Que o clamoroso mar; mais rutilante,
Na sua noite, do que a luz do dia.





NA MÃO DE DEUS

(A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Victoria de O. M.)



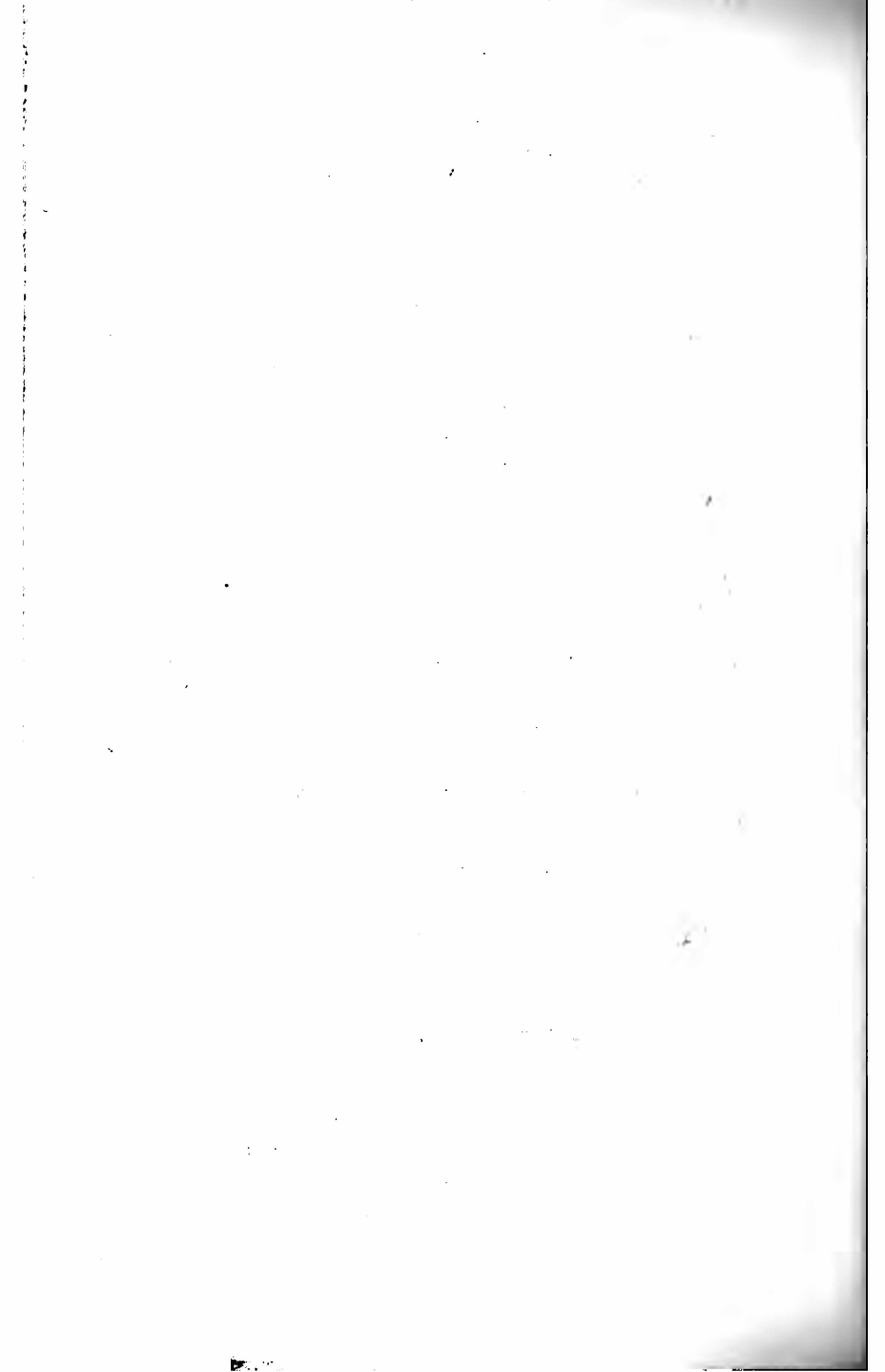
Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou a final meu coração.
Do palacio encantado da Illusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortaes, com que se enfeita
A ignorancia infantil, despojo vão,
Depuz do Ideal e da Paixão
A forma transitoria e imperfeita.

Como criança, em lobrega jornada,
Que a mãe leva no collo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto . . .
Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

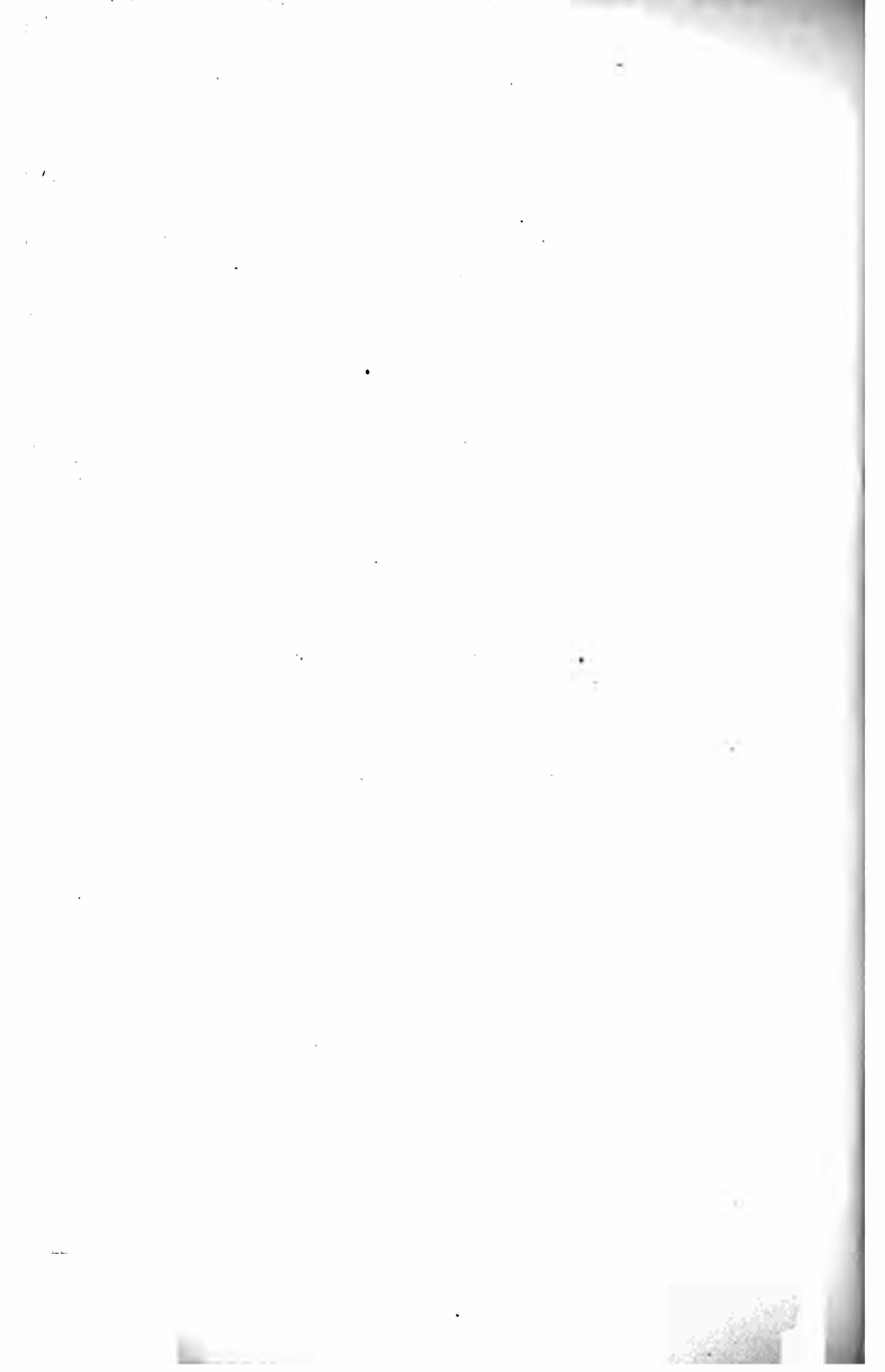




APPENDICE

AOS

SONETOS





TRADUÇÕES ALLEMANS DO SNR. GUILHERME STORCK

MORGENKLAGE

Um diluvio de luz cae da montanha

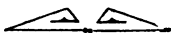


Vom Berge stürzt ein Meer von Glanz und Glast:
Der Tag — der Bräutigam betritt die Schwelle;
Wo giebt es Kummer noch, den nicht die Helle,
Drein rings die Welt sich taucht, verscheuch'in Hast?

Die Blum'am Fels, wo kaum sie Wurzel fasst,
Die eis'ge Bucht, der See bewegte Welle,
Kein Ding verweilt an so verlass'ner Stelle,
Dass nicht der Himmel Trost ihm biet'und Rast.

Gott ist ja Vater, Vater all der Wesen,
Und seine Huld bedenkt das Gross' und Kleine:
Er sieht der Kinder Leid von seinem Thron;

Hat Allen Gott dies heil'ge Licht erlesen
Zur Freud' und lässt mir Trauer, mir alleine,
So bin ich Sohn zwar, doch verstoss'ner Sohn.





HULDIGUNG

Poz-te Deus sobre a fronte a mão piedosa



AUF deiner Stirn hat Gottes Hand geruht:
Der Kriegern Kraft und Sängern giebt Gedichte,
Mild blickt' er auf dich, Huld im Angesichte,
Und sagte: Tochter, geh, sei schön und gut!

Und niedersteigend auf melod'scher Flut,
Kamst du zum Thal der Thränen und Verzichte,
Ein Stern, verschleiert mit geweihtem Lichte,
Mit deines Blicks verklärter Strahlenglut;

Ich aber — kann ich je dir nahesteh'n?
Gott gab dir, Weib, was sonst versagt im Leben:
Engel, er gab dir eine Welt für sich;

Mir, dem er Augen gab, um dich zu seh'n,
Nur dich zu seh'n — was ward mir mehr gegeben?
Ein liebend Herz, ein Liedermund für dich.





IDYLLE

Quando nós vamos ambos, de mãos dadas

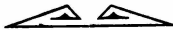


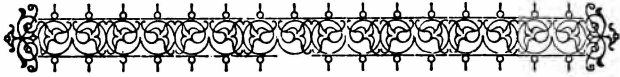
WENN Hand in Hand wir beiden geh'n zur Au,
Massliebchen dort und Veilchen uns zu pflücken,
Und klimmen frischgemuth zum Hügelrücken,
Der noch befeuchtet liegt vom nächt'gen Thau:

Oder vom Seegeriff im Dämmergrau
Abendgewölk betrachten voll Entzücken,
Wie fern am Horizont es Trümmerstücken
Aehnlich erscheint von einem Riesenbau:

Wie oft versinkst du plötzlich dann in Schweigen,
Die Hand erzittert dir, die Wang' erbleicht,
Dein Aug' erglänzt so wunderbar und eigen!

Gebete murmeln Luft und Meer im Bunde,
Und rings des Weltalls Poesie beschleicht
Unmerklich unser Herz im tiefsten Grunde.





TRAUM

Sonhei — nem sempre o sonho é cousa vã —



Im Traum — oft ist ein Traum kein Trug der Nacht —
Ergriff ein Sturm mich, und im Wirbelreigen
Liess er empor zum Himmelsraum mich steigen,
Wo stets ein Frühroth glänzt in lichter Pracht;

Mich sah die Sternenschaar, die hold bewacht
Den Morgen, wie ich ging in Gram und Schweigen,
Und fragte mich, Mitleid mir zu bezeigen:
Sag', armer Freund, was uns're Schwester macht!

Doch ich — gesenkt die Augen, weil sie gleich
Die Weh'n verrathen, die mich wild zerplagen —
Ich schlich in Hast vorüber, stumm und bleich;

Nicht wagt' ich's, den Gestirnen, keusch und scheu,
Deinen Geschwistern, falsches Kind, zu klagen,
Wie ihrer unwert du und ungetreu.





ERDENGLÜCH

Sonho que sou um cavalleiro andante



MIR träumt, ich fahr' umirrend ohne Rast,
Ein Paladin der Minne, durch die Lande
Und such' in Winterfrost, und Sommerbrande
Ringsher nach Frau Fortunas Wunschpalast;

Bereits erlieg' ich all der Müh' und Hast,
Am Schwerte Scharten, Riss' im Stahlgewande:
Da seh' ich plötzlich fern am Bergesrande
Aufglüh'n der Zinnen Kranz in gold, gem Glast;

Hineilend ruf' ich mit Geschrei und Pochen:
«Ich bin enterbt, verlassen und gebrochen,
Spring auf, erbarme dich, du Thor des Lichts!»

Da klapft die Pforte mit gewalt'gem Schlage;
Jedoch im Inn'ren find' ich Schmerz und Klage,
Schweigen und Finsterniss — und anders nichts.





GRABSTÄTTE

Alli, onde o mar quebra, n'um cachão



DORT wo das Meer sich bricht am Felsenrand
Eintönig brausend, und in Kluft und Spalt
Der Wind sich fängt und sein Geheul erschallt:
Verscharret dort mein Herz am öden Strand;

Aussengen soll es dort der glühe Brand
Der Sonne sommerlang und ohne Halt
Und dann zur Winterzeit des Sturms Gewalt
Dicht überschütten mit gedörtem Sand;

Bis sich's verwandle ganz in flücht'gen Staub
Und bald, vom Lufthauch fortgerafft als Raub,
Hinfahr' in Wirbelwind und Sturmgeweh';

Nach Qual und Kampf mit seinem Lebensloos
Und Liebeswahn zerbros' es sich im Schooss
Der weiten, unfruchtbaren, bitt'ren See.





MEHR LICHT!

Amem a noite os magros crapulosos



LIEB sei die Nacht dem Prasser, bleich und fahl,
Dem Weiberknecht, nach Sinnenreiz verlänglich,
Und Jedem, der verdumpft und unverdränglich
Zutreibt dem Absturz in's verlor'ne Thal;

Den Tross, — o Luna! mit dem dunst'gen Strahl
Triff ihn, verbirg ihn, mach'ihn unempänglich
Für Schmach und Laster, graus und unvergänglich,
Sowie für endlos lange Pein und Qual!

Lieb bleibe mir die heil'ge Morgenfrühe,
Der volle Tag, der Leben schafft und nährt,
Des Abends froh Gewühl nach Plag' und Mühe:

Arbeit und Kampf im Licht! und lässt sich melden
Der Tod, so sei ein Blick mir noch gewährt
Zum heit'ren Sol hinauf, dem Freund der Helden!





DER TOD UND DIE LIEBE

Esse negro corcel, cujas passadas



Das schwarze Ross, dess Trab, sobald sich mild
Der Abend senkt, ich hör, im Traum mit Schrecken,
Und dess Galopp ich sehe Nachts sich strecken,
Im Schwarm von Wahngestalten, Bild an Bild;

Wo kommt es her? welch heiliges Gefild,
Grausig und gross, durchflog's? denn Furcht erwecken
Sein Blick und Bau, und Angst und Eile recken
Empor das Mähnenhaar ihm wüst und wild;

Ein hohes Weib, die bald in stiller Feier
Glücklich lächelt, bald Verderben droht,
Vertraut sich, leicht umhüllt von losem Schleier,

Sorglos des Ungethüms gewalt'gem Triebe:
«Ich bin,» so spricht das schwarze Ross, «der Tod;»
«Und ich,» versetzt die Reiterin, «die Liebe.»





MEINE SEELE

Estava a morte alli, em pé, deante

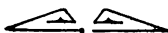


Ich sah den Tod leibhaftig vor mir steh'n,
Ja! vor mir steh'n, als ob ein grauser Drache
Aufspräng' im Hinterhalt und stürzt' auf schwache
Armsel'ge Wand'rer, die des Weges geh'n;

Glutodem schien den Nüstern zu entweh'n,
Und zu entsprüh'n den Augen Wuth und Rache:
«Was suchst du,» sprach ich, «Wolf, dess tausendfache
Mordlust die Welt hinwürgt trotz Flucht und Fleh'n?»

«Sei ohne Furcht!» versetzt' er, und der Ton,
Unheimlich fremd, als ob sich drin verhehle
Graunvolles Unheil, klang wie Hass and Hohn;

«Nicht deinen Leib—noch hat es keine Noth
Mit solchem Raub—ich suche deine Seele!»
«Ach!» sagt' ich, «meine Seel' ist lange todt.»





SIND GÖTTER?

Erguendo os braços para o céu distante



ERHEBEND Arm' und Blick zum Himmelszelt,
Verklagt die Unsichtbaren blöd' und bänglich
Der Mensch: »Ihr Götter, starr und unempänglich,
Wem nützt das Schicksal, das uns kalt zerschellt?

Warum erschuft ihr uns? Vortüberschnellt
Die Zeit und zeitigt bloss was unverdränglich:
Schmerz, Sünde, Täuschung, Kampf im überschwänglich
Wahnwitz'gen, wüsten Wirbelwind der Welt;

Viel besser wär's, in öder Friedensruh'
Des Nichts und dess, was nimmer trat zu Tage,
Dumpf und gefühllos schlafen immerzu;

Warum doch habt ihr uns zur Qual gemacht?—
Doch trauriger verhallt der Götter Frage:
«Warum doch habt ihr, Menschen, uns erdacht?»





AN DIE ALLERSELIGSTE JUNGFRAU

N'um sonho todo feito de incerteza



Im nächt' gen Traum, unstet und buntgereiht,
Als Angst mich heiss, unsäglich heiss durchglühte,
Erschien mir dein Gesicht, so reich an Güte,
An — mehr als Güte, reich an Herzeleid.

Nicht war es Schönheit erdgebor'ner Maid,
Und nicht der Jugend allgewohnte Blüte;
Nein! Lieb' und Licht, ausstrahlend vom Gemüthe,
Wie keins Natur erschuf zu keiner Zeit;

Ein mystisch Weh' — ein Harren in Geduld,
Sanfte Verzeihung und beseelte Huld,
Der letzten Stunde friedliches Ergeben; —

O Bild, du mitleidvolles, trübes Bild!
Sieh stets mich an, so still, verweint und mild,
Und lass verträumen mich das ganze Leben!





AN DIE NACHT

Noite, vão para ti meus pensamentos



NACHT, dir gehört mein Denken, dir allein,
Wenn ich im grassen Licht betracht' am Tage
All die vergeb'ne Müh', verlor'ne Plage
Und all die nutzlos überstand'ne Pein; —

Du wenigstens erstickst das Weheschrei'n,
Das sich entwindet dem Verliess der Klage;
Das stete Leid, wie sehr es quäl' und nage,
Schläft und vergisst in dir, obgleich zu n Schein; —

Ach, dass du selbst, auf ewig unerhellt,
Unwandelbar und unbewusst der Schmerzen,
Schliefst und vergässest, hergeneigt zur Welt;

Und dass die Welt, auf ewig unerwacht,
Schließ' und vergässe, dir am heil'gen Herzen,
Nacht du des Nichtseins, endelose Nacht!





INNERER STURM

No meu sonho desfilam as visões



Im Traum an mir vorüber zieh'n Gesichte,
Gespenster meiner eigenen Gedanken,
Wie Schemen, die im Winde weh'n und wanken,
Bis jäh ein Wirbelsturm sie macht zunichte;

Sie dreh'n sich knäuelhaft im Nebellichte,
Ich höre wirres Schrei'n, Gelärm und Zanken
Und sehe sie wie Dunstgebilde schwanken;
Doch unterscheid' ich allesamt die Wichte:

Phantasmen ihr, erzeugt in meinem Hirne,
Was glotzt ihr starr mich an mit kalter Stirne,
Indess ihr auftaucht, Blasen gleich im See?

Wer seid ihr? meine Schergen oder Brüder?
Elend Gezücht, Geschwisterschwarm der Hyder! —
Ich aber, wer bin ich? O weh mir, weh!





EVOLUTION

Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo

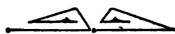


EINST war ich Fels und war in alter Welt
Baum oder Strauch im unbekanntem Wald;
Als schäum'ge Welle ward ich ohne Halt
Vom frühesten Feinde, dem Granit, zerschellt;

Ich brüllt' als Raubthier, wo zu schatt'gem Zelt
Einhüllten Ginst und Farn den Höhlenspalt,
Und hob als urweltart'ge Missgestalt
Lässig den wüsten Kopf aus Sund und Belt;

Jetzt bin ich Mensch — und seh' im falben Licht
Weithin zu Füßen mir die Stufenschicht,
Die niedersteigt in vielgewund'nem Gang;

Das Unbegrenzte fragend, wein'ich still;
Doch, ausgestreckt die Händ' in's Leere, — will
Und wünsch' inh Freiheit bloss aus diesem Zwang.





BETRACHTUNG

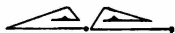
Sonho de olhos abertos, caminhando

Mit off'nen Augen träum' ich hinzugeh'n
Nicht zwischen Formen all des Sinnbefänglichen,
Nein! angesichts des Ewig-Unvergänglichen
Geruhig zwischen Geistern und Idee'n;

Vor mir die Welt — was ist sie? Windesweh'n,
Schein ohne Sein, Bruchstücke des Verdränglichen,
Wolken des Täuschenden und Unzulänglichen,
Die ob dem unmessbaren Schlunde steh'n;

Und rings aus Dunst und Nebel hör' ich tönen
Ein fernes Aechzen bloss, ein leises Stöhnen:
's ist das Geseufz, die Klage, tief und gross,

Der Dinge, die mit Beben und Erbangen
In Nacht und Blindheit lechzen und verlangen
Nach and'rem, bloss geahntem Licht und Loos.





LACRIMAE RERUM

Noite, irmã da Razão e irmã da Morte



O NACHT verschwistert mit Vernunft und Tod,
Wie hab'ich fragend oft dir nachgehungen,
Auskunft durch dein Orakel zu erlangen,
Vertraute des Geschicks, das Allem droht!

Dein Sonnenheer — wem folgt's auf sein Geböt,
Ruhlosen Seelen gleich in Bann und Bangen?
Und rings der Mensch — was irrt er grambefangen
Und sucht umsonst nach Hülff in seiner Noth?

Doch im gewalt'gen Leichenzug entführt
Unheimlich, sieghaft, stumm und ungerührt
Die Nacht den Stundenschwarm auf düst'rer Schwinge;

Trübsal und Zweifel herrscht im Weltenraum,
Und ich, versunken ganz in tiefsten Traum,
Lausche dem Seufzerlaut der finst'ren Dinge.





TRADUÇÕES HESPAÑHOLAS DO SNR. CURROS HENRIQUEZ

ELOGIO DE LA MUERTE



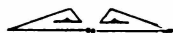
I

EN la hora del reposo lo Inconsciente
Me sacude y despierto consternado;
Bajo el pié de un titan, como aplastado,
Mi corazon se pára de repente.

No es que de larvas funebres la mente
Pueble el nocturno espacio dilatado,
Ni, de remordimientos asaltado,
En lucha el alma, el torcedor ahuyente.

No son vagos fantasmas ilusorios,
No es procesion de espectros mortüorios,
Terror de Dios, ni de la suerte miedo . . .

No! Es el fondo de un pozo, húmedo y frio,
Un muro de tiniebla entorno mio
Y la Muerte que avanza á paso quedo.





II

Por florestas de sueños cada día
Se interna más mi triste pensamiento,
De olvido en pos, que apeteció, sediento,
Llevado por la inquieta fantasía.

Atravieso entre sombra y niebla fría
Un mundo extraño, sin rumor ni acento,
Y mi amargo y errante sentimiento
Sólo en los genios de la noche fia.

¿Qué místicos anhelos me enlouquecen?
Del espacio en lo inmenso se aparecen
A mis ojos los senos del Nirvana!

En este viaje por un mundo inerte
Tu abrazo busco redentor, oh Muerte,
De la Verdad e del Amor hermana!





III

Yo quien eres no sé; mas no procuro,
Tal es mi confianza, averiguarlo;
Para huir el temor, para esquivarlo,
Bástame verte junto á mí en lo oscuro.

Tu paso lento y á tu fin seguro
Persigo en el silencio, sin turbarlo,
E inclinome á tu voz, por sondëarlo,
Al borde del abismo del futuro.

Por tí me engolfo en la región fecunda
De los nocturnos sueños, tu mirada
Solicitando plácida y profunda;

Mirada á mi hondo afan reveladora,
Fúnebre Bëatriz de mano helada,
Mas única Bëatriz consoladora.





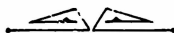
IV

LARGO tiempo ignoré (mas ¿ qué ceguera
Así tuvo mi espíritu nublado ?)
Quien fueses tú que estabas á mi lado
Dia e noche, impasible compañera.

Mil veces, de la vida en la carrera,
De tedio lleno y de sufrir cansado,
Alcé hasta ti mis ojos conturbado
Y te invoqué, esperanza postrimera.

Entonces no te amaba todavía;
Sobre tu frente muda no sabia
Deletrear mi espíritu sin calma.

Hoy, que una luz extraña llega al hombre,
Ya te conozco al fin, ya sé tu nombre,
Muerte, hermana coeterna de mi alma!





V

¿Qué nombre darte, austero personaje,
A quien hallé en la senda de la vida
Cuando cejaba el ánimo rendida
Por el duro cansancio del viaje?

Siente la turba al verte horror salvaje
Y cubierta la faz huye aturdida;
Sólo yo te amo, sombra indefinida,
Tan solo yo comprendo tu lenguaje.

En tus ojos profundos he leído
El tremendo misterio impenetrable
Del ideal, á tantos escondido;

Y en tu seno de paz inalterable
Sé que me espera el sueño apetecido,
Muerte libertadora é inviolable.





VI

SÓLO el que tiembla ante el No-ser se asusta
De tu enorme silencio funerario,
Noche sin fin, vacío solitario,
Sombria noche de la Muerte augusta.

Yo no : mi alma contrita, mas robusta,
Penetra reverente en tu sacrario;
Hosco á todos tu aspecto cinerario,
Yo hallo sonrisas en tu faz adusta.

Me seduce la calma y el reposo
De tu silencio santo y tenebroso
Que envuelve todo amor en todo luto.

Crimen grande tal vez será llamarte,
Mas no soñar contigo y adorarte
No-ser, que eres Ser único absoluto.





TRADUÇÕES HESPAÑHOLAS DO SNR. BALDOMERO ESCOBAR

QUIA AETERNUS

Não morreste, por mais que o brade á gente



No has muerto, no, por mucho que á la gente
Lo anuncie una loquaz filosofía . . .
No se rompe la vieja tiranía
Del yugo celestial tan fácilmente.

¡Vano clamor! y esa victoria ingente
Que á la razón — ¡cuitada! — así extasia,
Es de tu eterna y trájica ironía
Nueva punzante forma y accidente.

No has muerto, no, fantasma; el pensamiento
Te mira sin cesar y eres tormento
De cuantos sobre el libro desfallecen;

Y aquellos que exaltó la impía fiesta,
¡Ai! ¡ cuántas veces con la copa enhiesta
Parándose aterrados, palidecen!





IGNOTUS

Onde te escondes? Eis que em vão clamamos

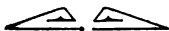


¿DÓNDE te ocultas cuando á tí clamamos
Con queja inútil y profunda pena?
Ya nuestra voz enronquecida suena,
Se cansa el corazon: desesperamos!

Por cielo, mar y tierra procuramos
El espíritu eterno que los llena,
Y solo nuestra propia voz resuena
En el vacío inmenso, y no te hallamos.

Cielos y tierra exclaman: — ¿Dónde? ¿Dónde? —
Y el espíritu antiguo así responde
En tono de cansancio y condolido:

— ¿De qué os quejais, hijos del ansia ardiente?
!Yo también á mí mismo eternamente
Me busco ... y encontrarme aún no he podido.





TRADUCÇÕES ITALIANAS DO SNR. JOSÉ CELLINI

SOGNO ORIENTALE

Sonho-me ás vezes rei, n'alguma ilha



SOGNO tal volta, ed esser re mi pare
D'un' isola remota d'Oriente:
Brilla su l'acque il bel disco lunare,
Per la notte balsamica, fulgente.

Sovra l'aer quiêto, dolcemente
Si senton le magnolie respirare;
Lambi li orli dei boschi a torno in lente,
Armonïose, nivee spume il mare.

E quando, pieno il cor di visione,
Vengo al balcon tutto d'avorio fino,
Tu passi in nembo di lunanti albori;

Poi lenta, pe'l fantastico giardino,
Sotto a le palme siedi e sopra ai fiori:
Posa a' tuoi piedi placido un liono.





IDILLIO

Quando nós vamos ambos, de mãos dadas



QUANDO soletti, insieme, per la mano,
Cerchiam su i prati giglio o primmolina;
O i clivi, a corsa, superiamo e il piano,
Umido ancor de la recente brina;

O volti al mare, da un burron montano,
Mirar godiam ne l'ora vespertina
Le nubi che s'addensano lontano,
Simiglianti a fantastica ruina;

Non ti vidi talor, le luminose
Pupille immota, ché il parlar ti toglie
Un subito, invisibile potere?

Il vento, il mar sussurrano preghiere:
Il cor si schiude, e nel profondo accoglie
La poesia solenne de le cose.





MORS AMOR

Esse negro corcel, cujas passadas



D'ONDE viene il cavallo de la fiere
Corse che in sogno sobbalzando ascolto?
E m'appar de la notte per le nere
Vie fantastiche spinto a fren disciolto?

Da che ineffabil regione è volto?
Qual tremendo toccò sacro sentiere,
Che va fosco e sublime, e de l'accolto
Orror tremangli l'ispide criniere?

Su lo strano animal securamente,
Placido, ritto sta in arçioni un forte,
Vestito d'armatura rilucente:

Siedegli in volto celestial fulgore;
E il caval nero dice: Io son la Morte;
Risponde il cavaliere: Io son l' Amore.





SOLEMNIA VERBA

Disse ao meu coração: Olha por quantos



Dissi al mio cuor: Considera per quanto
Vano cammino siamo giunti a sera;
Da questa cima gelida ed austera,
Guarda i deserti ove piangemmo ahi! tanto.

Cenere e polve, dove fu l'incanto;
Freddo squallore, u' rise primavera . . .
Guarda a' tuoi piedi il mondo, e ti dispera,
Seminator di tenebra e di pianto.

Ma il cuore, il cuore, omai reso valente
Nell' iterata scuola del martiro,
Rifatto dal dolor lungo credente,

Risponde: Di quassù veggio l' Amore ;
Vano il viver non fu se questo io miro ;
Beati i disinganni ed il dolore.





NELLE MANI DI DIO

Na mão de Deus, na sua mão direita



NE le tue mani il cuore mio, Signore
Alfin ripara da si vario affanno;
Dal palagio fatato de l' inganno,
Scendo per aspra scala di dolore.

Si come vizze, puerile amore,
Le floride corolle a terra vanno;
Le transitorie forme si disfanno,
E le depone volontario il cuore.

Come fanciul, ne le materne braccia
Da la dira tempesta riparato,
Dei commossi elementi a la minaccia,

Vago sorride; così posa il mio
Cuore, posa giocondo e liberato,
Eternamente ne le man di Dio.





TRADUÇÕES ITALIANAS DO SNR. MARCO ANTONIO CANINI

MORS-AMOR

Esse negro corcel, cujas passadas



QUEL corsiero ch'io sento galoppare
Nella nocturna visione mia,
Negro corsier che a me nel sonno appare
Per fantastica, buia, orrida via,

Onde vien? . . . Quai contrade ei traversare
Dovuto ha spaventose, e tal che sia
Irra la chioma! . . . Quel corsier mirare
Terror nella percossa anima cria.

Un cavalier d' espression potente,
Placido nell' aspetto e insieme forte,
D' armatura vestito rilucente,

Cavalca quel corsier senza timore:
E il corsier negro dice «io son la Morte;»
Risponde il cavaliere «io son l' Amore.»





SOGNO

Sonhei—nem sempre o sonho é cousa vã



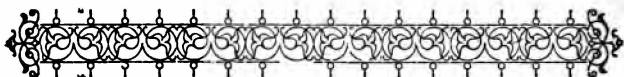
SOGNAI—vano il sognar non è talora—
Che un impetuoso vento mi portava
Per lo spazio stellato: ci brillava
Una leggiadra sempiterna aurora.

Le stelle ch' hanno ìn lor custodia l'ora
Matuttina, quand' io triste passava,
Guardavanmi, e ciascuna domandava
«Nostra sorella non è teco?» . . . Allora.

Io le ciglia abbassando, timoroso
Non tradisser l' immenso cruccio mio,
Procedea, ma furtivo e silenzioso.

Alle tue pure sorelline avrei
Dovuto dir, mio bem,—non l' osava io—
Quanto falsa e di loro indegna sei.





TRADUCÇÕES ITALIANAS DO SNR. EMILIO TEZA

LA IDEA

Mas a Idea quem é? quem foi que a vio

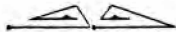


E CHI la vide e che fia mai l' Idea,
Questa vaga e coperta peregrina?
Chi puó baciàr la sua mano divina,
Del suo sguardo d'amor chi mai si bea?

Pallida imago che, per la vallea,
Riflette l'onda rapida, una fina
Luce che guizza, nube picciolina
Che recò il vento e il vento la toglica.

Tutti stendete verso a lei le braccia,
Macri per febbre di un sognar profondo,
Voi che inseguite la fuggevol traccia;

Chè tu, anima triste e sospirosa
Altra amante non hai per tutto il mondo
Che la gelata vergine sdegnosa.





IL PALLAZZO DELLA VENTURA

Sonho que sou um cavalleiro andante



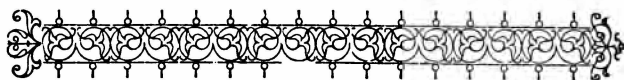
SON io, nei sogni, un cavaliere errante.
Ai raggi ardenti, e per la notte oscura,
Paladino di amor cerco anelante
Il palagio incantato di Avventura.

Nei deserti già stanco e vacillante
Sono e rotta é la spada e l'armatura:
Ecco a un tratto la veggo sfolgorante
Quell' aërea beltade e le alte mura.

Picchio e ripicchio ed urlo, quanto ho fiato,
«Il vagabondo io son, diseredato,
Pörte d'oro v' aprite ad un dolente!

Le porte d'oro s' apron con fragore,
E non ví trovo, pieno di dolore,
Che tenebra, silenzio... e più niente.





TRADUCÇÕES ITALIANAS DO SNR. THOMAZ CANNIZZARO

IL PALAZZO DELLA VENTURA

Sonho que sou um cavalleiro andante

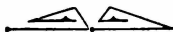


PER deserti, col sole, a notte oscura,
Sogno che sono un cavaliere errante,
Paladino d'amor, cerco anelante
L'incantata magion de la Ventura.

Ma l' acciar franto e fessa è l' armatura,
Io casco a terra esausto e vacillante
E allor mel veggo incontro sfolgorante
De la beltá piú maestosa e pura.

Picchio a l'ingresso e grido con furore:
«Sono il diseredato, il vagabondo ...
Schiudetevi al mio pianto, aurate porte!»

S'apron le porte d'oro con fragore ...
E veggo dentro con dolor profondo
Nient' altro, ohimè, che orror, silenzio e morte!





SOGNO

Sonhei—nem sempre o sonho é cousa vã—

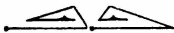


SOGNAI—nè sempre il sogno è vana cosa—
Da un frenetico vento esser levato
Attraverso lo spazio costellato
Dove l' aurora eterna al ciel si sposa.

Le stelle che fugar l'alba non osa
Vedendomi passar triste e curvato
«Amico,» mi dicean da ciascun lato,
«Nostra sorella ov' é, dove riposa?»

Pien di timore allor, gli occhi avvallando
Perchè non le tradisser le mie pene,
Ivo muto e furtivo oltre passando,

Ed alle stelle in ciel dove Dio regna
Dir non osavo quanto sei, mio bene,
Falsa e di quelle soreline indegna!





PAROLE DI UN MORTO

Ha mil annos, e mais, que aqui estou morto



OLTRE un millenio è già che qui son morto,
Sopra uno scoglio esposto a l' acqua, al vento;
Pari a me non v'ha spettro macilento
Nè più informe di me nessun aborto.

Lo spirito sol qui vive. Ei veglia assorto
In un pensier, sempre implacato, intento.
—Morto, sepolto in vita! — Il mio tormento
Questo sol! sprezzo il resto e lo sopporto.

So ben ch' io vissi, ma fu un dì soltanto,
Un solo e poi non più . . . l' idolatria
Culto mi offerse e altar, mi adorò santo,

Come s' io fossi *Alcuno!* — o mondo stolto! —
O *alcun* la vita esser potesse! e via
Proclamandomi un dio . . . m'hanno sepolto!





A UN POETA

Tu que dormes, spirito sereno,

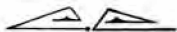


O tu che dormi, spirito sereno,
Sotto l' ombra dei cedri secolari,
Come un levita a l' ombra degli altari
Da l' agon lunge e dal fragor terreno,

Sovvienti! è l' ora! il sol già in alto e pieno
Tutte fugò le larve tumulari . . .
Un cenno solo e su da questi mari
Un nuovo mondo verrà fuor dal seno.

Odi i popoli! il grido empie la terra!
I tuoi fratelli assurgon! è un fervore . . .
Sono voci di allarme, inni di guerra!

Orsù dunque, campion de l' avvenire,
Dei rai del puro sogno, o sognatore,
Fanne un brando per vincere e morire!





JUSTITIA MATER

Nas florestas solemnes ha o culto

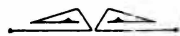


VIVE nei boschi maestosi il culto
De la forza primeva, eterna, altera ;
Grida sul monte l' alma prigioniera,
L' umano cor ne le sue lotte inulto ;

Passa nel ciel, di mille faci sculto,
L'arcan poter che agli astri eterni impera ;
S'ode nel mar la voce or mesta or fiera
D' un dio possente, battagliaero occulto.

Ma ne l' adre città là dove lieta
Vedi, cruenta, la rivolta alzare,
Quasi incendio che un vento arda e governi,

Più eccelsa gloria v' ha, più nobil meta:
Dietro il tuo lume, o storia, ire e pugnare
De l' eterna giustizia agoni eterni.





PIÙ LUCE!

Anem a noite os magros crapulosos

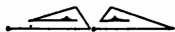


I MAGRI amin la notte ed i golosi,
I sognator' di vergini impossibili,
Quei che si cuivan muti ed impassibili
Su l' orlo degli abissi silenziosi.

Tu, luna, coi tuoi raggi vaporosi
Copri, nascondi, rendili insensibili
Ora ai vizii crudeli, inestinguibili,
Ora ai pensier più lunghi e dolorosi.

Sempre amerò la santa alba adorata
E il ferver del meriggio e lieto attendo
La sera rumorosa e riposata.

Viva e travagli in piena luce e poi
Ancor dato mi sia veder morendo
Il sol pien di splendor, caro agli eroi!





L' IDEA

Conquista pois sósinho o teu futuro

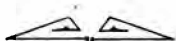


CONQUISTA solitario il tuo futuro,
Or che i duci del ciel t' hanno lasciato
E sopra ignota landa abbandonato,
Uom, re proscritto, mendicante oscuro.

Se nulla t' offre il ciel—quel ciel si puro
E si crudel!—se senti il cor piagato,
Se d' ogni illusion già sei spogliato
Del vecchio e vano amor, sempre spergiuro,

Supremo sforzo di coscienza eroica,
D'un voler forte, solitario, altero,
Largi allor, maestosa anima stoica!

Fa della tua prigione un tempio ardente,
Nel cerchio di splendor del tuo Pensiero
Stringi l' eterna immensità vivente!





ANIMA MEA

Estava a Morte alli, em pé, deante

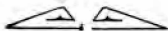


A ME rimpeto eretta in su le piante
Stava la morte, sì, pari a serpente
Che su la via dormisse e che repente
Si ergesse sotto i pié del viandante.

Era a veder la funebre baccante!
Che guatar bieco e che gestir demente!
Io le chiesi: «Che cerchi, ombra impudente,
Lupa affamata, su pel mondo errante?»

«Non temer,» mi rispose, e un' ironia
Sinistramente strana, atroce e calma
Le rese allor la fredda bocca torta.

«Non ti chieggo il tuo corpo, è voglia mia
Più glorioso trofeo rapirti, l' alma.»
Io le rispose: «Da gran tempo è morta!»





NOX

Noite, vão para ti meus pensamentos



CERCAN te spesso i miei pensieri ardenti,
Quando il giorno contemplo, o notte pia,
Tanto vano lottar, tanta agonia
E tanti — inutil' sempre! — aspri tormenti.

Tu almen suffochi, o notte, i fier lamenti,
Che dai tragici ergastoli yan via.
L' eterno mal che rugge e la follia
Hanno in te pace e oblio — da te son spenti.

Oh tu pur ti addormissi una ffata
E t' obbliassi, nel cader sul mondo,
Sola, tacita, eterna, inalterata,

E, senza più lottar, cieco in sua cula,
Dormisse il mondo, in te, sonno profondo,
O notte senza fin, notte del Nulla.





LACRIMAE RERUM

Noite, irmã da Razão e irmã da Morte



De la ragion sorella e de la morte,
Oh quante volte, o notte, interrogato
Ho, del destino interprete fidato,
Il verbo e oracol tuo, divine scorte.

Dove van gli astri tuoi pari a coorte
D' alme inquiete cui conduce il Fato?
E perché l' uom va errante e desolato
E perchè pulsa invan del ver le porte?

Muta intanto, sinistra e trionfale
Passa la notte, e seco evolvon l'ore,
Ne la pompa del vasto funerale.

Ed in un sogno immenso anch' io sepolto,
Mentre tutto è per me dubbio e dolore,
Le cose gemer tenebrose ascolto.





ELOGIO DELLA MORTE

Só quem teme o Não-Ser é que se assusta

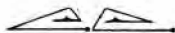


Chi teme il Nulla, solo a lui disgusta
Il silenzio feral di tua sembianza,
Notte infinita, solitaria stanza,
O notte de la morte, atra ed augusta.

Non a me. Più credente e più robusta
Nel tuo funebre asil l'alma s' avanza,
Vôto sepolcro altrui senza speranza
Sorrìde a me la tua sembianza adusta.

Me sol seduce la quiete pura
Che mesce al lutto eterno amore,
L' inalterabil, che il silenzio culla;

Pecca forse colui che te procura,
Non chi te adora e sogna a tutte l'ore,
Tu che sei l'assoluto essere, o Nulla!





TRADUÇÕES FRANCEZAS DO SNR. FERNANDO LEAL

MORS-AMOR

Esse negro corcel, cujas passadas

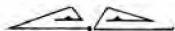


CE fauve coursier noir que j' aperçois en songe,
Dont j'entends le galop, l'inexprimable bruit
Qu' il fait sur les chemins si vagues de la nuit
A' l' heure où dans le rêve obscurément je plonge,

D'où vient-il? Quels pays terribles et sacrés
Foula-t-il dans sa course ardente, pour qu' il semble
Tenebreux et sublime, et pour que l' horreur tremble.
Une indicible horreur, dans ses crins agités?

Un ferme cavalier à la mine puissante,
Terrible mais serein, tout droit sur l' étrier,
Vêtu d'une superbe armure éblouissante,

Monte sans peur l' étrange et farouche coursier.
«Je suis la Mort!» hennit ia bête frémissante.
«Et moi, je suis l' Amour! dit le fier cavalier.





DIVINE COMÉDIE

Erguendo os braços para o céu distante

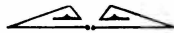


LEVANT leurs bras meurtris vers les cieux inclements,
Apostrophant, hagards, tous les dieux invisibles,
Les hommes disent: «Dieux éternels, impassibles,
Dieux servis par le sort vainqueur, dieux triomphants,

Pourquoi nous avez-vous créés?! Toujours le temps
Marche, aveugle semeur, semant d' inextinguibles
Douleurs, illusions, deuils, pleurs, combats terribles,
En des noirs tourbillons, hurlants et sanglotants!

Ne serions-nous bien mieux dans la paix infinie
Du néant, de ce qui n' a pas encor la vie,
Dans un sommeil clément et sans réveil noyés?

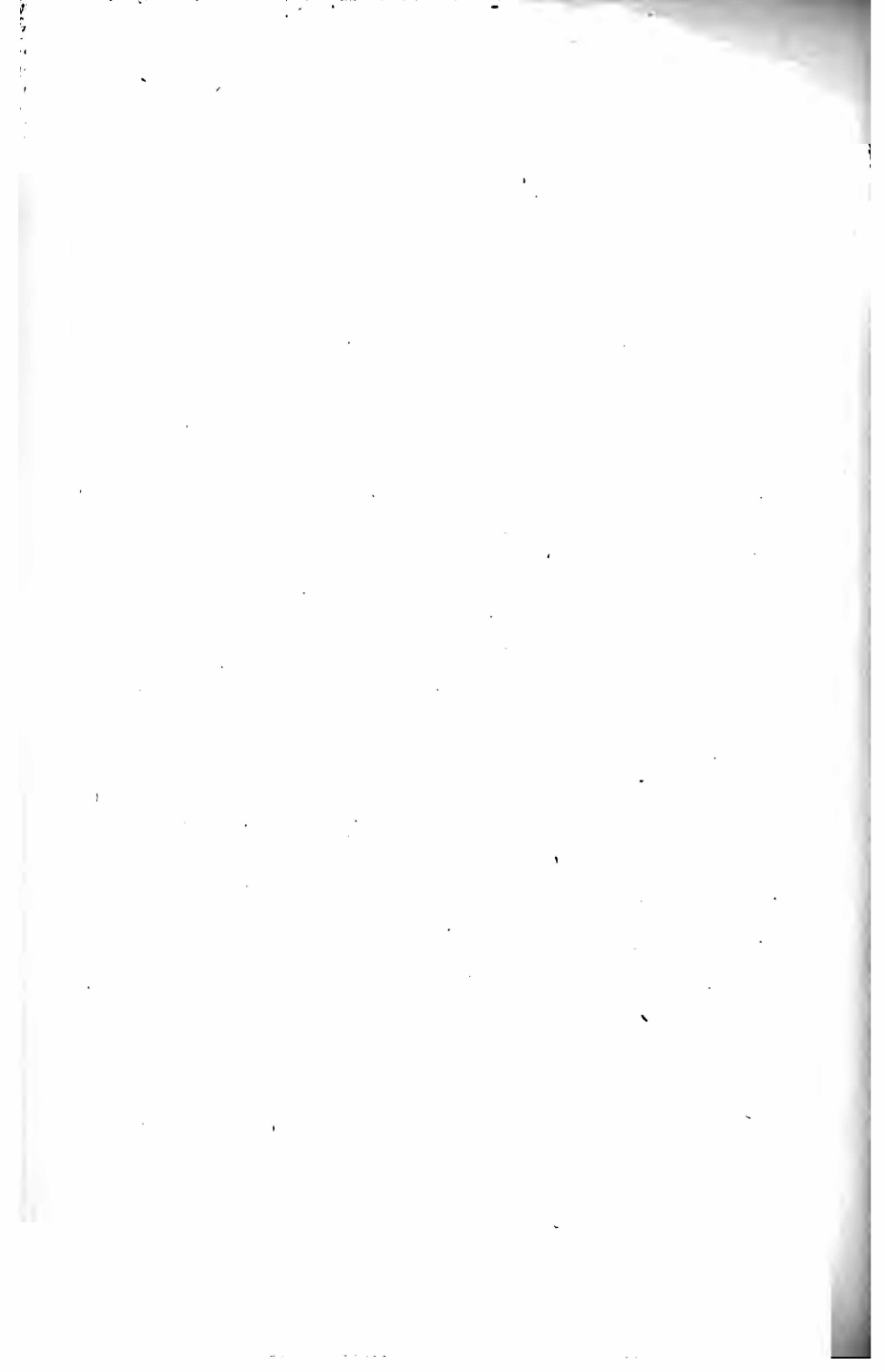
Pour la douleur pourquoi faut-il que l' homme existe?
Mais les dieux, d' une voix infiniment plus triste,
Disent: «Hommes, pourquoi nous avez-vous créés?»



TRADUCÇÕES

DE

OUTRAS POESIAS





LOS VENCIDOS



TRES caballeros marchan lentamente
por árido camino predegoso;
gime el viento en el bosque rumoroso,
la oscura noche cae pesadamente.

Las armas en sus manos se doblegan,
vacilan empolvados y rendidos
los corceles; se rasgan sus vestidos
y con gotas de sangre el suelo riegan.

Derrota inesperada y poderosa
con mano dura les dobló la frente:
el horizonte oscuro de Poniente
se cubre de una mancha sanguinosa.

El primero, con voces lastimeras
dijo: «Hermanos, amé y he sido amado;
llevome una visión arrebatado
como en carro de luz por las esferas.



Penetré la región con amplio vuelo
donde viven las almas que se adoran,
libre, bueno, feliz, cual los que moran
en primavera eterna y claro cielo.

¿Porqué surge en lo azul del amor puro
el soplo del deseo pestilente?
¡Ay del que un día recibió en la frente
la intensa llama de su aliento impuro!

¡Pasión, eres fragante y casta rosa
que abre lánguida al rayo matutino,
pero exhala tu seno purpurino
tan sólo podredumbre ponzoñosa!

Amé, hermanos, amé y he sido amado...
¡por éso en brusca huida vago incierto
y corre lentamente en hilo yerto
la sangre de mi pecho alanceado! »

Respóndele el segundo caballero
con sonrisa de trágica amargura:
« Amé á los hombres y soñé ventura
con la justicia para el mundo entero.



Por el derecho alcé la voz ardiente
en medio de las luchas homicidas;
caminando entre razas oprimidas
surgir las hice con vigor potente.

¿Cuándo, oh justicia, regirás el mundo?
¿Cuándo amanece, día del rescate?
¡Se hundió el palenque en medio del combate
y eché semilla en paramo infecundo!

Con imbécil sonrisa las naciones
abren en vano el libro del futuro;
el pueblo duerme en su montón impuro
como en lecho imperial de áureos blasones.

A los hombres amé, y he batallado
por ellos con tesón y alma serena...
¡por eso expiro y la sedienta arena
bebe mi sangre, y cedo despreciado!»

Dijo entonces el otro caballero:
«Amé á Dios y entregueme a su grandeza;
De su nombre hice escudo y fortaleza
en las luchas del mundo traicionero.



Contra el pecado le pedi su ayuda
temiendo el mal y su afrentoso asalto;
invoquéle con ansia y sobresalto
en las ciencias y abismos de la duda.

¿Que viento asolador bate los muros
del immortal y sacrosanto templo?
Rodar los astros con fragor contemplo
yermos, helados, tétricos y oscuros.

Vacila el sol, los santos desesperan,
la luz alumbra asolación y tedio ...
¡ay del que busca en la oración remedio!
¡ay de los pobres que creyendo esperan!

Hermanos, amé á Dios con fé profunda ...
¿por eso vago sin sostén é incierto
arrastando en las breñas del desierto
el cuerpo exangüe, el alma moribunda!

Y exalando los tres un ay! supremo,
y abatiendo las manos quebrantadas
sobre las armas rotas y empolvadas
con gesto inerte de abandono extremo;



Sumiéronse en la sombra pavorosa
de la montaña muda y formidable,
sumiéronse en la selva impenetrable
bajo la negra noche silenciosa.

BALDOMERO ESCOBAR.





I PRIGIONIERI

SIRETTI alle ferree grate in lor pallore
I prigionieri al ciel figgon gli sguardi,
Con raggi obliqui, fuggitivi e tardi
Manda l'ultima luce il sol che muore.

Sul vastu piano, in vaga ombra sommerso,
Ogni romor vien men, presso e lontano,
E da l'immenso ciel, grave ed arcano
Muto scende il dolor de l'universo.

Gemono i prigionier. Stuol d'augelletti
Ratto passa e va via pel suo sentiero,
Come li soggiogasse un sol pensiero,
Qual ne mordesse intima cura i petti.

Dicono i prigionier: Giammai la pura
Luce eterna non muor dei cieli in seno . . .
Hanno il libero vol gli augelli almeno
Ma l'uomo ha sol de la prigion le mura.



Ove andate e la luce ove ha la culla?
A qual meta? a qual mar che non ha sponde?
Ma lo stormo oltre varca e sol risponde:
— A la notte, a l'abisso, a l'ombra, al nulla! —

Gemono i prigionier. S'innalza il vento,
S'innalza e passa disdegnoso, inquieto,
Come se punto da un dolor secreto,
Qual se chiudesse in sen qualche tormento.

Dicono i prigionier: Che ambasce ascose,
O corridor de l'infinite vie,
Che antichi affanni, che tristezze rie
Pianger ti fan ne le foreste annose?

Che vuoi? qual vision nel cor ti frulla?
Dai deserti ti parla ove si asconde?
Ma passa ratto il vento e sol risponde:
— La notte, il cupo orror, l'abisso, il nulla! —

Nei prigionieri è un sospirar piu fiero,
Quai vecchi affanni di morir non paghi,
Lenti come desir confusi e vaghi
Gli astri van su ne l'orizzonte nero.



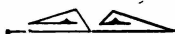
Si guatan con silenzio inesplicato,
Con mistero contemplansi da lunge,
Qual cui secreta ambascia il petto punge,
Qual chi sol vive amando inconsolato.

Dicono i prigionieri: Oh che problemi
Profondi, eterni a voi porgon la mano?
Qual vi ride splendor dal centro arcano?
D'onde gl'intuiti a voi piovon supremi?

Che mai sperate? quale il cor vi culla
Occulto ver da l'infinito polo?
Ma gli astri in lor dolor rispondon solo:
—La notte, il cupo orror, l'abisso, il nulla!—

Così volge la notte. E i pini intanto
S'odon stormir meditabondi e neri.
Stretti alle ferree grate i prigionieri
Cogli occhi al ciel sciolgonsi muti in pianto.

TOMMASO CANNIZZARO.





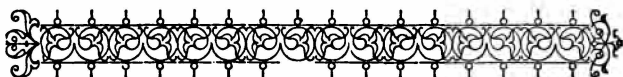
DANS L'OMBRE

LA nuit sereine baisse, en effeuillant les roses.
Parfois, la vision vient s'asseoir près de moi
Et me parle tout bas de ses lèvres mi-closes,
Ses ailes de satin frissonnantes d'émoi.

La nuit est calme et belle et toute parfumée,
Sa fine main, légère ainsi qu'un colibri,
Effleure, secourable, impalpable, embaumée,
Doucement, doucement, mon cœur endolori.

Le vague espace est plein de soupirs de tendresse.
Elle me dit, d'un ton d'ineffable douceur :
« Pourquoi pleurer tout bas, pourquoi tant de détresse,
Pourquoi vivre si triste et seul dans ton malheur ? »

Un auguste silence emplit la terre entière.
« Viens ! Bercé dans mes bras, dormant un doux sommeil,
Dans un rêve tout plein de charme et de lumière,
Tu franchiras ces prés bleus aux fleurs de vermeil. »



La nuit clémente exhale une douceur suprême.
«Car je demeure, moi, dans un pays lointain,
Où la foi vit encore, où chastement l'on aime,
Où resplendit toujours un radieux matin.»

La nuit palpite avec un flamboiement sublime.
«Montons! envolons-nous! Je t'emporte endormi;
Car je viens de si loin t'emmener vers la cime,
T'apporter le bonheur, la paix, mon pauvre ami.»

Le vague espace morne a des voix douloureuses.
Parfois, la vision me parle ainsi la nuit,
Et ses paroles sont tendres, mélodieuses
Comme un flot cristallin fluant à petit bruit.

L'ombre infiltre un algide accablement immense.
J'entends la douce voix, inerte et somnolent,
Je sens sur ma pensée un voile noir très dense,
Et sur mon corps le plomb d'un engourdissement.

La nuit est sombre, ainsi qu'un vaste mausolée.
Surpris, les yeux voilés comme un homme qui dort,
Je la regarde, amer, la face désolée,
Et je réponds: «Tu sais très bien que je suis mort.»

FERNANDO LEAL.



TRA LE OMBRE



VIENE talvolta, e presso me si pone,
— Scende la notte disfogliando rose —
Viene, indugiando meco in obliose
Ore, un' alata blanda visione.

La sua picciola man essa mi tende,
— Calido aroma per la notte emana —
La sua picciola man soave e piana
Pon su la piaga del mio cor dolente.

Poi favella con voce intenerita:
— Trema la notte a torno di sospiri —
Perchè in silenzio inghiotti i tuoi martiri?
Perchè sì sola e trista è la tua vita?

Te leverò su le mie braccia, vieni,
— Pende silenzio in ciel religioso —
Vieni a sognare un sogno luminoso,
Tratto da me per spazii sereni.



Però ch'io stommi in region solenne,
— Alta dolcezza per la notte stilla —
Dove si crede ancor, dove amor brilla,
Lùcida stella, nel mattin perenne.

Veni con me, là giù, dove son io;
— Palpita l'ombra d'un chiaror che abbaglia —
Perchè voglio levarti a la battaglia
Trista che pugni, e al lutto, amico mio.

Così, blanda, mi parla la divina;
— Nel vago spazio insorgono lamenti —
Son le parole sue come cadenti
Stille nel grembo d'urna cristallina.

Pur io l'ascolto immoto ed assonato;
— Fonde la notte una tristezza immensa —
Sta ne le membra, quasi piombo densa,
L'inerzia; è il mio pensiero ottenebrato.

Tutto in stupore doloroso assorto,
— Fredda è la notte come aveilo enorme —
La guardo coi torvi occhi di chi dorme,
E le dico: Sai pure ch'io son morto.

GIUSEPPE CELLINI.

INDICE

	Pag.
A cruz dizia á terra, onde assentava.	64
Adornou o meu quarto a flor do cardo.	26
Ali, onde o mar quebra, n'um cachão	52
Altas horas da noite, o Inconsciente.	103
Amar! mas d'um amor que tenha vida.	25
Amem a noite os magros crapulosos	65
Aquella, que eu adoro, não é feita	44
Aquelles, que eu amei, não sei que vento.	49
Ardentes filhas do prazer, dizei-me	48
Chamei em volta do meu frio leito	96
Chovam lyrios e rosas no teu collo	35
Como um vento de morte e de ruina	84
Conheci a belleza que não morre	7
Conquista pois sósinho o teu futuro.	58
Deixae-os vir a mim, os que lidaram	120
Deixal-a ir, a ave, a quem roubaram	46
Depois que dia a dia, aos poucos desmaiando	22
Disse ao meu coração: Olha por quantos	119
Dorme entre os gelos, flor immaculada.	85
Embebido n'um sonho doloroso	113
Empunhasse eu a espada dos valentes!.	45
Em sonho, ás vezes, se o sonhar quebranta	37
Em vão luctamos! Como nevoa baça	19

Entre os filhos d'um seculo maldito.	86
Erguendo os braços para o céo distante	83
Espectros que velaes, em quanto a custo	87
Esperemos em Deus! Elle ha tomado	10
Espirito que passas quando o vento.	32
Esse negro corcel, cujas passadas.	80
Estava a morte ali, em pé, diante	82
Estreita é do prazer na vida a taça	6
Eu amo a vasta sombra das montanhas.	30
Eu bem sei que te chamam pequenina	27
Eu não sei quem tu és, mas não procuro	105
Eu vi o Amor — mas nos seus olhos baços	97
Força é pois ir buscar outro caminho	57
Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo	102
Fumo e scismo. Os castellos do horizonte	40
Ha mil annos, bom Christo, ergueste os magros braços	20
Ha mil annos, e mais, que aqui estou morto	69
Já não sei o que vale a nova idea	66
Já socega, depois de tanta lucta	101
Junto do mar, que erguia gravemente	117
Lá! mas aonde é lá? aonde? Espera.	62
Longo tempo ignorei — mas que cegueira.	106
Mãe, que adormente este viver dorido	38
Mas a Idea quem é? quem foi que a vio	59
Mas o velho tyranno solitario	77
Meus dias vão correndo vagarosos	8
Muito longe d'aqui, nem eu sei quando	94
Na capella perdida entre a folhagem	39
Na floresta dos sonhos, dia a dia.	104
Na mão de Deus, na sua mão direita	121
Na tua mão sombrio cavalleiro	
Nas florestas solemnes ha o culto	

Não busco n'esta vida gloria ou fama	18
Não duvido que o mundo no seu eixo.	41
Não choreis, ventos, arvores e mares	112
Não morreste, por mais que o brade á gente.	91
Não se perdeu teu sangue generoso.	63
Não me fales de gloria; é outro o altar	16
No céo, se existe um céo para quem chora	11
Nenhum de vós ao certo, me conhece	75
Noite, irmã da Razão e irmã da Morte	110
Noite, vão para ti meus pensamentos	89
No meu sonho desfilam as visões	92
N'um céo intemerato e crystalino	67
N'um sonho todo feito de incerteza	88
O espectro familiar, que anda commigo	79
Oh chimera que passas embalada	47
Oh! o noivado barbaro! o noivado	61
Onde te escondes? eis que em vão clamamos	93
Os que amei, õnde estão? idos, dispersos.	116
Outra amante não ha! não ha na vida	60
Ouve tu meu cansado coração	51
Pallido Christo, oh conductor divino!	56
Para alem do Universo luminoso.	95
Para tristezas, para dor nasceste	50
Pelas rugas da frente que medita.	43
Pelo caminho estreito, aonde a custo	90
Pois que os deuses antigos e os antigos	55
Porque descrês, mulher, do amor, da vida?	15
Poz-te Deus sobre a frente a mão piedosa	5
Quando nós vamos ambos, de mãos dadas	31
Que belleza mortal se te assemelha	3
Que nome te darei, austera imagem.	107
Quem anda lá por fora, pela vinha	28
Razão, irmã do Amor e da Justiça	71

Reprimirei meu pranto! Considera	118
Sae das nuvens, levanta a frente e escuta	76
Se comparo poder, ou ouro, ou fama	9
Se é lei, que rege o escuro pensamento	12
Sempre o futuro, sempre! e o presente.	14
Só! Ao ermita sósinho na montanha.	13
Só males são reaes, só dor existe.	17
Só quem teme o Não-Ser é que se assusta	108
Só por ti, astro ainda e sempre occulto	34
Sonho-me ás vezes rei, n'alguma ilha	29
Sonhei — nem sempre o sonho é coisa vã.	33
Sonho de olhos abertos, caminhando	109
Sonho que sou um cavalleiro andante	42
Tu, que eu não vejo e estás ao pé de mim	115
Tu, que dormes, espirito sereno	70
Tu, que não crês, nem amas, nem esperas	81
Um dia, meu amor, e talvez cêdo	36
Um diluvio de luz cae da montanha.	4
Vae-te na aza negra da desgraça	21
Vozes do mar, das arvores, do vento	111

A me rimpeto eretta in su le piante	165
Auf deiner Stirn hat Gottes Hand geruht	126
Ce fauve coursier noir que j' aperçois en songe.	169
Cercan te spesso i miei pensieri ardenti	166
Chi teme il Nulla, solo a lui disgusta	168
Conquista solitario il tuo futuro	164
Das chwazze Ross, dess Trab, sobald sich mild	132
De la ragion sorella e de la morte	167
D'onde viene il cavallo de le fiere	151
Dissi al mio cuor: Considera per quanto	152

¿Dónde te occultas cuando á tí clamamos	148
Dort wo das Meer sich bricht am Felsenrand	130
E chi la vide e che fia mai l' Idea	156
Einst war ich Fels und war in alter Welt	138
En la hora del reposo lo Inconsciente	141
Erhebend Arm' und Blick zum Himmelszelt	134
I magri amin la notte ed i golosi	163
Ich sah den Tod leibhaftig vor mir steh'n	133
Im näch'tgen Traum, unstet und buntgereiht	135
Im Traum— oft ist ein Traum kein Trug der Nacht—	128
Im Traum an mir vorüber zieh'n Gesichte	137
La nuit sereine baisse, en effeuillant les roses	181
Largo tiempo ignoré (mas ¿qué ceguera	144
Levant leurs bras meurtris vers les cieus incléments	170
Lieb sei die Nacht dem Prasser, bleich und fahl	131
Mir träumt, ich fahr' umirrend ohne Rast	129
Mit off'nen Augen träum' ich hinzugeh'n	139
Nacht, dir gehört mein Denken, dir allein	136
Nè le tue mani il cuore mio, Signore	153
No has muerto, no, por mucho que á la gente	147
O nacht, verschwistert mit Vernunft und Tod	140
O tu che dormi, spirito sereno	161
Oltre um millenio è già che qui son morto	160
• Per deserti, col sole, a notte oscura	158
Por florestas de sueños cada dia	142
Quando solletti, insieme, per la mano	150
¿Qué nombre darte, austero personage	145
Quel corsiero ch'io sento galoppare	154
Sognai—né sempre il sogno é vana cosa—	159
Sognai—vano il sognar non é talora—.	155
Sogno tal volta, ed esser re mi pare	149
Sólo el que tiembla ante el No-ser se asusta	146
Son io, nei sogni, um cavaliero errante	157

Stretti alle ferree grate in lor pallore	178
Tres caballeros marchan lentamente.	173
Viene talvolta, e presso me si pone.	183
Vive nei boschi maestosi il culto.	162
Vom Berge stürzt ein Meer von Glanz und Gast	125
Wenn Hand in Hand wir beiden geh'n zur Au.	127
Yo quien eres no sé; mas no procuro	143

Indice all'opera del Tattilo

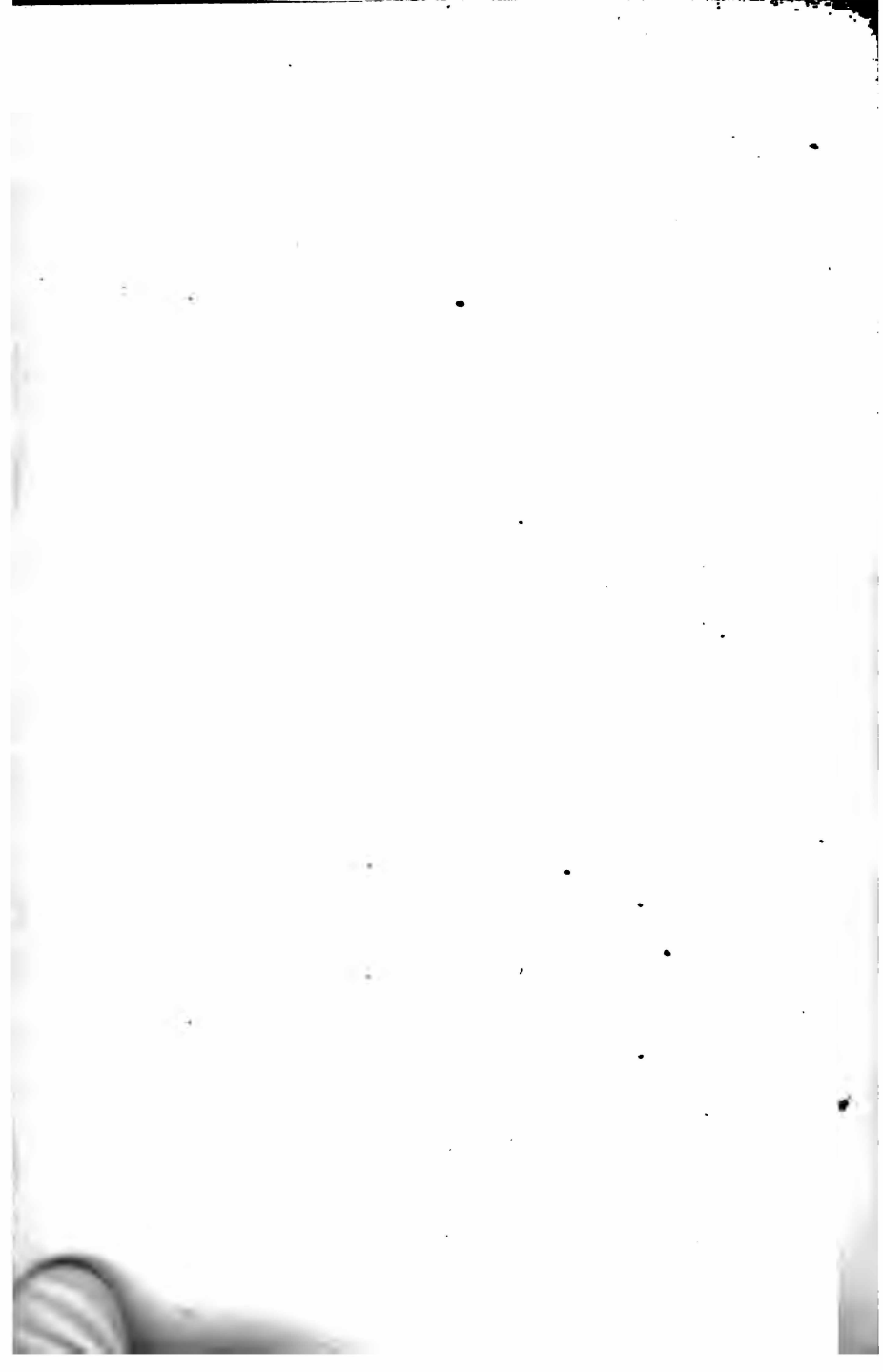
ERRATA

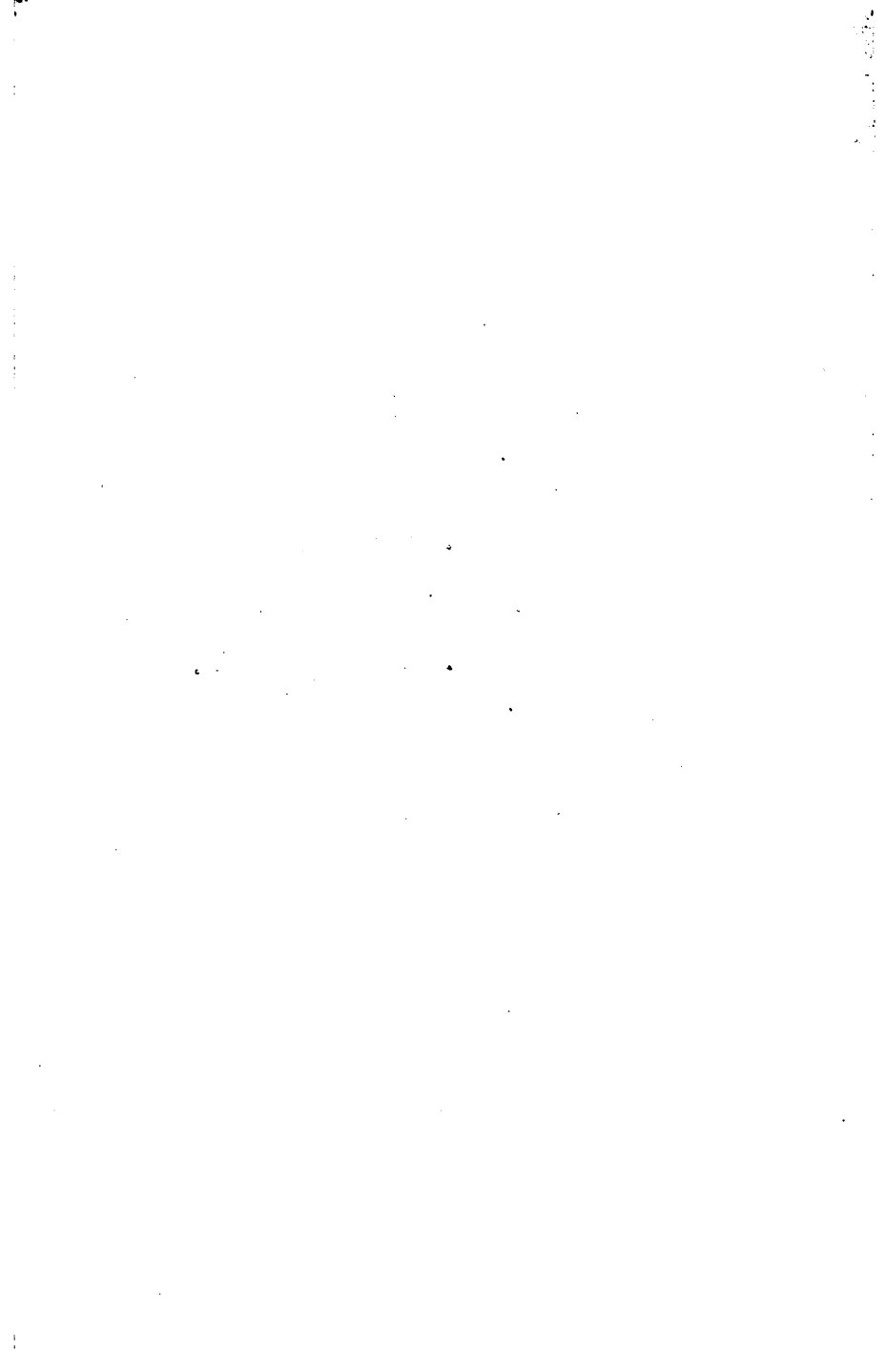
(NA INTRODUÇÃO)

Pag.	34, linha	8,	onde se lê	allemans	leia-se	allemeães
»	43, verso	12	» » »	extremo.	»	extremo,
»	50	»	6	» » »	o cabelo,	» o cabelo

(NOS SONETOS)

Pag.	40, verso	2,	onde se lê	á arde	leia-se	á tarde
»	45	»	3	» » »	e o Fado,	» e o Fado
»	80	»	12	» » »	sem temor,	» sem temor:
»	93	»	11	» » »	e pesar:	» e de pesar:
»	93	»	13	» » »	eternidade.	» eternidade,
»	96	»	10	» » »	contristadas.	» contristadas
»	96	»	12	» » »	lentamente.	» lentamente
»	105	»	10	» » »	inominada.	» innominada,
»	106	»	8	» » »	verdadeira	» derradeira





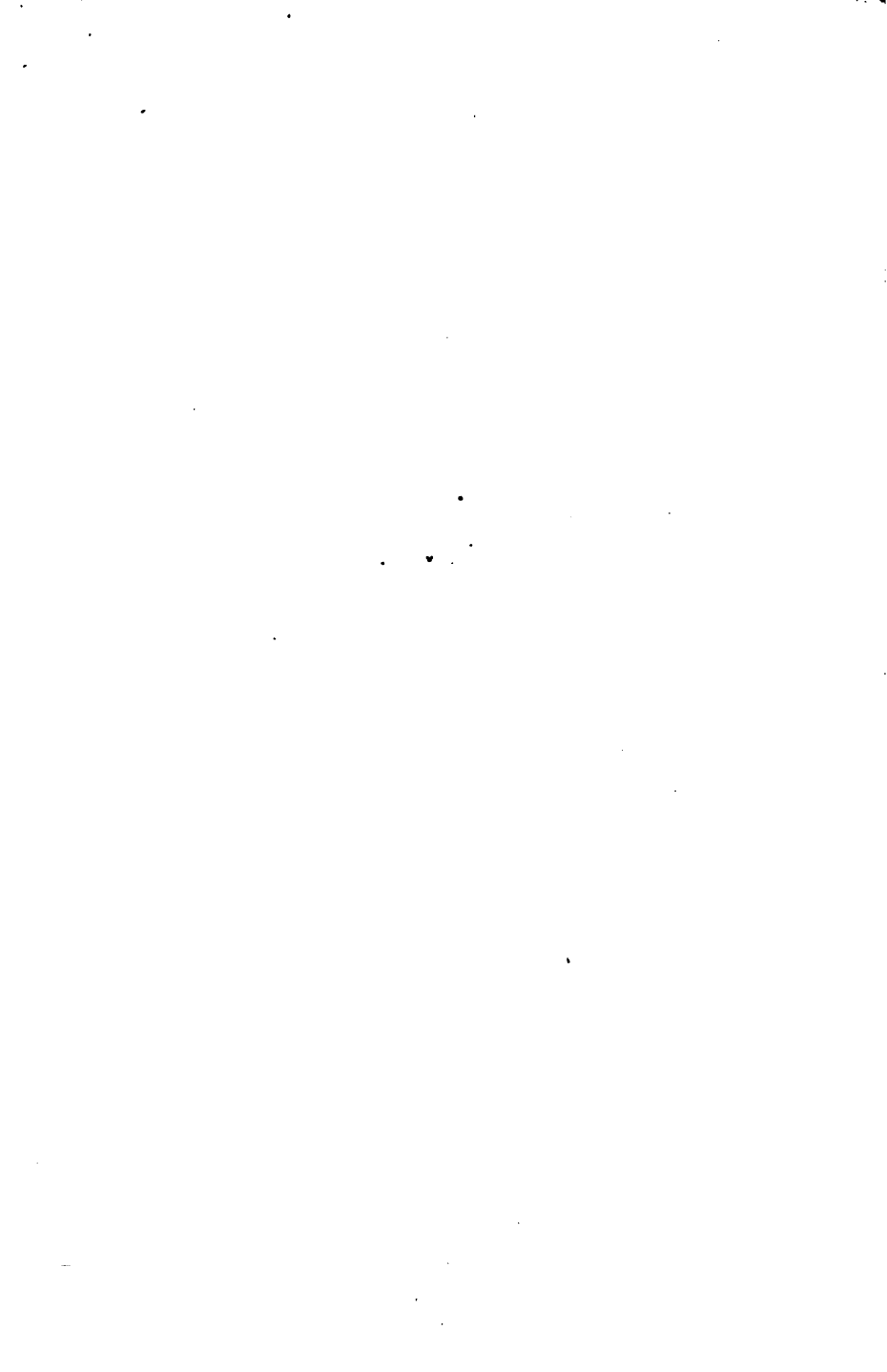


PREÇO 400 REIS











3 2044 024 162 851

This book should be returned to the Library on or before the last date stamped below.

A fine of five cents a day is incurred by retaining it beyond the specified time.

Please return promptly.

JAN 21 1928

~~DEC 14 1932~~

~~DEC 19 1932~~

~~DEC 27 1932~~

~~DUE NOV 30 '34~~

WIDENER
FEB 10 1995
FEB 10
BOOK DUE
CAL

WIDENER
BOOK DUE
DEC 9 2003
DEC 9 1 33P
CANCELLED